



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ANGÉLI DO PRADO CASAGRANDE

**MOVIMENTO ANTIVACINAS:
EDUCAÇÃO E PRODUÇÃO DE
SUBJETIVIDADES NO FACEBOOK**

**PORTO ALEGRE
2023**

ANGÉLI DO PRADO CASAGRANDE

**MOVIMENTO ANTIVACINAS:
EDUCAÇÃO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NO
*FACEBOOK***

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestra em Educação, junto ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cristianne Maria Famer Rocha

Linha de Pesquisa: Estudos Culturais em Educação

Porto Alegre
2023

CIP - Catalogação na Publicação

Casagrande, Angéli do Prado
MOVIMENTO ANTIVACINAS: EDUCAÇÃO E PRODUÇÃO DE
SUBJETIVIDADES NO FACEBOOK / Angéli do Prado
Casagrande. -- 2023.
164 f.
Orientadora: Cristianne Maria Famer Rocha.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Movimentos antivacinas. 2. Facebook. 3.
Subjetividade. 4. Cultura Digital. 5. Discurso. I.
Rocha, Cristianne Maria Famer, orient. II. Título.

Angéli do Prado Casagrande

**MOVIMENTO ANTIVACINAS: EDUCAÇÃO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES
NO *FACEBOOK***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEDU da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação, aprovada pela comissão de avaliação abaixo:

Prof. Dr. André de Faria Pereira Neto (FIOCRUZ)

Profa. Dra. Bruna Rocha Silveira (UFRGS)

Profa. Dra. Andresa Silva da Costa Mutz (UFRGS)

Profa. Dra. Cristianne Maria Famer Rocha
(Orientadora - UFRGS)

Porto Alegre, 19 de janeiro de 2023

Ao meu querido e amado nono Tino, que me ensinou o valor do conhecimento e dedicou grande parte de sua vida ao ensinamento de valores como honestidade, paciência e persistência à sua família. De onde estiveres, tu serás sempre minha grande inspiração, meu maior incentivador. Estás vivo na minha memória e no meu coração!

AGRADECIMENTOS

Agradeço às professoras Andresa Silva da Costa Mutz, Bruna Rocha Silveira e ao professor André de Faria Pereira Neto pela dedicação na leitura desta dissertação e pela disponibilidade em aceitarem fazer parte desta Banca Examinadora.

À professora Cristianne, pela acolhida na UFRGS e por me oferecer, de forma tão generosa e descontraída, um espaço de partilha e construção conjunta do conhecimento e, ao mesmo tempo, orientando-me de uma forma rigorosa e competente, sem perder a leveza e a alegria.

Aos meus colegas e novos amigos do Grupo de Orientação Ampliada – GAO, que tanto acrescentaram em minha vida, tanto em termos de conhecimento como em termos de afeto.

Ao meu companheiro, Elvis, que me apresentou as leituras foucaultianas e me incentivou a participar do processo seletivo do Mestrado, me auxiliando com paciência e amor, mas também com rigor acadêmico, me iniciando na doce, angustiante e instigante caminhada filosófica.

Aos meus pais, que nunca me desampararam e sempre acreditaram em meus avanços me acompanhando com carinho e orgulho. Em especial à minha mãe, uma fortaleza em defesa de seus filhos e um exemplo de profissional da educação.

Aos meus queridos amigos, em especial aqueles que fazem parte do meu grupo de trabalho na Escola Getúlio Vargas, que acompanharam minha jornada com admiração e respeito, o incentivo de vocês foi imprescindível para que eu pudesse levar adiante esse projeto e, ao mesmo tempo, dar conta da gestão escolar.

Por fim, à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU), lugar onde muito sonhei estar, pelo apoio institucional, pois embora tenha cursado as disciplinas do Mestrado à distância em decorrência da pandemia, o calendário acadêmico foi respeitado e a organização proposta me possibilitou um bom aproveitamento através da interação virtual com professores e colegas.

RESUMO

Desde o ano 2020, quando se instaurou no mundo uma pandemia, as vacinas estiveram em foco e tornaram-se tema de debates e disputas acerca da sua validade como medida de mitigação dos efeitos da covid-19, sobretudo no pela necessidade do desenvolvimento de novos imunizantes em tempo recorde. Em um momento histórico em que posições conservadoras vêm ganhando destaque em declarações e medidas administrativas de representantes do poder público, percebi o crescimento das discursividades antivacinas que ganham notoriedade, especialmente, através das redes sociais como o *Facebook*, que se constituem em um importante terreno de produção de saberes. Esta Dissertação apresenta uma reflexão que coloca em interlocução as mídias digitais/sociais, a comunicação e a saúde, na intenção de evidenciar a existência de redes de sociabilidades interessadas na (e pela) produção, discussão e divulgação de discursos antivacinas nesses novos ambientes culturais. Ao longo da pesquisa busquei descrever práticas discursivas específicas de um grupo presente no *Facebook* intitulado *Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas*, focado na propagação de informações antivacinas, dando ênfase ao contexto mais amplo de onde surgem tais especificidades, procurando observar uma tendência cultural de engajamento político relacionado à saúde, a partir de uma reflexão sobre como esses grupos têm se articulado em torno do movimento antivacinas, tão antigo quanto as próprias imunizações, mas que vem se reinventando e adquirindo novos contornos nos dias atuais, através das redes sociais *online*. O objetivo desse estudo consistiu em analisar a diversidade discursiva difundida através do *Facebook* entre pessoas que se recusam a vacinar seus filhos ou a receber vacinas, investigando como funcionam os mecanismos e as técnicas de subjetivação, presentes nessa rede social, com vistas a obter adeptos para a causa antivacinas. A partir da seleção dos excertos publicados no grupo, durante o ano de 2021, realizei a análise de tais documentos inspirada em Michel Foucault, a partir das inter-relações dos conceitos de saber, poder e sujeito, descrevendo os discursos que circulam nesse local e como eles operam na constituição de subjetividades, no mundo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Movimentos Antivacinas. Facebook. Subjetividade. Cultura Digital. Discurso.

ABSTRACT

Since 2020, when a pandemic broke out in the world, vaccines have been in focus and have become the subject of debates and disputes about their validity as a measure to mitigate the effects of covid-19, especially in terms of the need to develop new vaccines in record time. In a historical moment in which conservative positions have been gaining prominence in statements and administrative measures by representatives of the public power, I noticed the growth of anti-vaccination discourses that gained notoriety, especially through social networks such as Facebook, which constitute an important terrain of knowledge production. This Dissertation presents a reflection that brings digital/social media, communication and health into dialogue, with the intention of highlighting the existence of sociability networks interested in (and for) the production, discussion and dissemination of anti-vaccination discourses in these new cultural environments. Throughout the research, I sought to describe specific discursive practices of a group present on Facebook entitled Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas, focused on the propagation of anti-vaccination information, emphasizing the broader context from which such specificities arise, seeking to observe a cultural trend of engagement related to health, based on a reflection on how these groups have articulated around the anti-vaccination movement, as old as immunizations themselves, but which has been reinventing itself and acquiring new contours today, through online social networks. The objective of this study was to analyze the discursive diversity spread through Facebook among people who refuse to vaccinate their children or to receive vaccines, investigating how the mechanisms and techniques of subjectivation, present in this social network, work, with a view to obtaining followers for the anti-vaccination cause. From the selection of excerpts published in the group, during the year 2021, I carried out the analysis of such documents inspired by Michel Foucault, from the interrelationships of the concepts of knowledge, power and subject, describing the discourses that circulate in that place and how they operate in the constitution of subjectivities in the contemporary world.

KEYWORDS: Anti-vaccination movements. Facebook. Subjectivity. Digital Culture. Speech.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imagem da Interface inicial do <i>Facebook</i>	60
Figura 2: Imagem do filtro de publicações interno ao perfil do usuário do <i>Facebook</i>	61
Figura 3: Foto de capa do grupo <i>Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas</i>	63
Figura 4: Aviso de publicação excluída ou oculta no Grupo do <i>Facebook</i> , <i>Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas</i>	65
Figura 5: Gráfico das porcentagens de publicações de cada categoria.....	67
Figura 6: Publicação a respeito da obrigatoriedade das vacinas.....	73
Figura 7: Publicação com analogia religiosa.....	75
Figura 8: Publicação com apelo religioso, a favor das liberdades individuais.....	76
Figura 9: Publicação com críticas à obrigatoriedade das vacinas.....	77
Figura 10: Publicação com <i>link</i> de pedido de revogação da vacinação compulsória.....	78
Figura 11: Publicação com notícia de contaminação pela doença de israelenses já vacinados contra a covid.....	84
Figura 12: Publicação contendo frase pejorativa em relação à qualidade dos produtos chineses.....	85
Figura 13: Publicação com crítica à aplicação da “Vacina Chinesa” em idosos sem comprovação de sua eficácia.....	87
Figura 14: Publicação crítica à indústria produtora de vacinas.....	93
Figura 15: Publicação com questionamento sobre o surgimento das novas variantes do coronavírus.....	96
Figura 16: Publicação com <i>links</i> contendo estatísticas verdadeiras sobre vacinação e outro contendo <i>fake news</i> sobre vacinação contra a covid.....	99
Figura 17: Publicação sobre a parceria do Brasil com a Índia para a compra de vacinas ...	100
Figura 18: Publicação com apelo religioso comparando as vacinas ao sacrifício de crianças a deuses pagãos.....	101
Figura 19: Publicação sobre a associação da vacina e a morte de um vacinado.....	103
Figura 20: Publicação com compartilhamento de entrevista com médico antivacina.....	105
Figura 21: Compartilhamento de notícia de suposta morte de médico em decorrência da vacina contra a covid.....	108
Figura 22: Publicação de cunho religioso com crítica sobre reações vacinais.....	109
Figura 23: Charge ilustrativa sobre liberdade e risco.....	112
Figura 24: Publicação sobre o surgimento do “humano QR Code”.....	114

SUMÁRIO

PERCURSOS: DA VIDA E DA PESQUISA.....	11
1 INTRODUÇÃO.....	14
2 ENTRE SALVAR E NEGAR: A HISTÓRIA DAS VACINAS.....	17
2.1 AS LIGAS ANTIVACINAÇÃO	20
2.2 O ESPETO OBRIGATÓRIO E O AUTORITARISMO REPUBLICANO NO BRASIL	23
2.3 OS ANOS DE OURO DA VACINAÇÃO	25
2.4 DA PÁGINA À TELA: A EXPANSÃO E O DESENVOLVIMENTO DOS MOVIMENTOS ANTIVACINAS NA INTERNET.....	27
2.5 DA VACA AO JACARÉ: MITO E DESINFORMAÇÃO EM REDE	30
3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	38
3.1 ESTUDOS CULTURAIS.....	38
3.2 CULTURA DIGITAL.....	43
3.3 A RACIONALIDADE NEOLIBERAL: INTERLOCUÇÕES COM O MOVIMENTO ANTIVACINAS	47
3.4 EMBATES CULTURAIS ENTRE PODER, SABER E DISCURSIVIDADES ANTIVACINAS	50
3.5 ANÁLISE DO DISCURSO COMO FERRAMENTA DE INVESTIGAÇÃO	57
3.6 <i>FACEBOOK</i> : O LIVRO DA VIDA E OS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO	59
4 DESDOBRAMENTOS DA PESQUISA E ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	66
4.1 OBRIGATORIEDADE DA VACINAÇÃO: AFRONTA ÀS LIBERDADES INDIVIDUAIS	72
4.2 VACINAS SEGURAS. ONDE?.....	83
4.3 O MUNDO PERFEITO DOS PRODUTORES DE VACINAS: QUEM PAGA O PATO É VOCÊ!.....	92
4.4 DEPOIS DA VACINA, VEM A TEMPESTADE	103
4.5 VIVA A “SIÊNCIA”	111
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	116
REFERÊNCIAS.....	123
APÊNDICES	137

PERCURSOS: DA VIDA E DA PESQUISA

Somos quem podemos ser
 Sonhos que podemos ter (E teremos!)
 Um dia me disseram
 Que as nuvens não eram de algodão
 Sem querer eles me deram
 As chaves que abrem essa prisão.
 Engenheiros do Hawaii (1988)

O trecho da música *Somos Quem Podemos Ser*, composta durante minha infância, lembra parte de minha trajetória e como se deu meu despertar para o desejo do conhecimento, mesmo saindo de um recanto tão longínquo, desses que existem no sul do Brasil. Quando criança, ficava por horas deitada na grama olhando para as nuvens, imaginando coisas de um mundo sobre o qual ouvia falar no rádio de pilha do meu avô e sonhando com o que havia além dos montes que circundavam nosso quintal. Nasci em meados dos anos 1980, a chamada “Década Perdida” da economia brasileira. Fui criada por minha mãe e meus avós em uma comunidade chamada popularmente de Dudulha, no interior de Fontoura Xavier (RS), onde até meus dez anos vivi sem energia elétrica e sem os confortos proporcionados por essa.

Nos anos 1990, ingressei na 1ª série na Escola Municipal Almirante Tamandaré, uma simpática brizoleta¹ que ficava do outro lado de um riacho, na qual minha mãe, Claci, exercia com maestria o papel de professora, diretora, merendeira e servente, além de atender uma turma multisseriada com alunos da 1ª a 4ª série. Cenário atípico da educação pública no Brasil se comparado aos dias atuais: uma única sala de aula, com bancos coletivos e livros pendurados na parede; aquelas muitas crianças juntas que circulavam em um mesmo espaço, com a mesma rotina, regras e lições, compunham aquele panorama peculiar. Ali estabeleci meu primeiro contato com a educação escolarizada e me sentia importante com a primeira mochila, que carregava apenas um caderno, lápis e borracha.

Mais tarde, ingressei na Escola Estadual Getúlio Vargas, onde concluí o Ensino Fundamental. Dali levei o gosto pela literatura brasileira e um conhecimento de bases sólidas que me possibilitaram desenvolver competências que mais adiante me ajudaram na trajetória acadêmica. Prestei vestibular pela primeira vez em meados de 2001, depois de ter passado por duas escolas durante o Ensino Médio: almejava cursar Medicina. O primeiro desafio foi

¹ As *brizoletas* eram prédios escolares, com características particulares, padronizados em uma arquitetura simples, quase rústica, construídos em todos os municípios do Estado do Rio Grande do Sul, entre 1959 a 1963, durante o governo de Leonel de Moura Brizola, razão pela qual foram assim apelidadas.

deslocar-me para Rio Grande e Porto Alegre para as semanas de provas, e como não é difícil imaginar, não consegui aprovação, pois as vagas eram exíguas. Após um ano e meio cursando o Tecnólogo em Polímeros pelo Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Sul (CEFET-RS), descobri que lidar com números e trabalhar com máquinas pesadas não eram minhas vocações profissionais. Optei assim pelo caminho da educação, ingressando em 2005, após um período afastada da faculdade, no Curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas, na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Posteriormente fiz a transferência para o polo de Educação à distância do Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI), na cidade de Soledade, onde concluí o curso (2010).

Iniciei na docência ao ser aprovada em primeiro lugar na 25ª Coordenadoria Regional de Educação no concurso do Magistério Estadual do ano de 2012, lecionando as disciplinas de Física e Biologia na Escola Estadual de Ensino Médio Érico Veríssimo, na cidade de São José do Herval, e Ciências na escola Centro de Educação Municipal (CEM), no município de Fontoura Xavier, tendo sido também aprovada no concurso deste município, onde nasci, cresci e moro. Em 2016, pedi transferência para a Escola Estadual de Ensino Médio Getúlio Vargas, a mesma em que estudei no Ensino Fundamental, atuando com Química e Biologia, pois minha formação me aproxima da área das Ciências da Natureza.

Considero importante citar que, durante meu percurso profissional, procurei me aperfeiçoar, pois penso ser imprescindível para o bom exercício da prática docente que estejamos buscando novos conhecimentos. Assim, em 2012 concluí a Especialização em Educação Ambiental pela Universidade da Cidade de São Paulo (UNICID).

Na Getúlio Vargas, onde permaneço até o momento, atuei como Coordenadora Pedagógica, em 2017, mesmo ano em que concluí a Especialização em Supervisão Escolar, tendo por tema de pesquisa *As Peculiaridades da Supervisão Escolar nas Escolas de Campo*, que veio ao encontro de meu exercício profissional. Hoje exerço o cargo de Diretora nessa mesma instituição, estando momentaneamente afastada da sala de aula.

Ao lado do exercício docente, atuei por um breve espaço de tempo na área de Consultoria Ambiental junto à *Floram Consultoria Ambiental e Agropecuária*, participando de iniciativas no Gerenciamento de Resíduos Sólidos no Município de Fontoura Xavier, pois possuo registro no Conselho Federal de Biologia desde 2015.

Meu encontro com a pesquisa em educação se deu no final do ano de 2017, quando surgiu entre alguns colegas de escola a ideia de formar um grupo de estudos sobre o tema na cidade de Fontoura Xavier, assim nascendo o Grupo de Estudos em Educação de Fontoura Xavier (GEDFOX), que reunia quinzenalmente um grupo de 12 membros, entre professores,

vereadores e outros políticos locais e pessoas que se interessavam em discutir a temática. Depois dessa experiência, passei a interessar-me pela pesquisa em Estudos Culturais em Educação, com o objetivo de compreender as produções de novos saberes e a influência subjetivadora das mídias nos processos sociais contemporâneos.

Para explicar a escolha da temática de pesquisa, retorno a 2007, a uma parte ainda não citada de minha trajetória profissional. Naquele ano, fui aprovada na seleção específica para Agente Comunitária de Saúde, exercendo essa profissão por cerca de três anos, na qual tive contato com temas inerentes à saúde pública², através do Programa Estratégia de Saúde da Família, interessando-me especialmente pelas imunizações. As orientações repassadas para os Agentes pela enfermeira que coordenava a Unidade Básica de Saúde eram enfáticas, no sentido de garantir que as famílias mantivessem a carteirinha de vacinação dos filhos em dia. As imunizações representam um importante indicativo a ser observado na atenção básica.

Nessa época cursava a graduação concomitante a esse trabalho. Foi essa experiência que me levou a pensar, posteriormente, as imunizações sob o prisma dos Estudos Culturais. Eu que fora ensinada a não temer as “pistolas” com as quais eram aplicadas as vacinas que tomei na infância e para as quais minha mãe e avó materna me levavam com um cuidado quase religioso, fui impactada pela descoberta da existência de grupos que se recusam a vacinar os filhos ou a receber vacinas. Diante disso, e já de posse de alguma bagagem teórica, decidi buscar compreender os ditos que circulam dentro desses grupos. Chamava-me atenção que as mídias, especialmente as redes sociais como o *Facebook*, atuam como difusoras de novos saberes, exercendo um papel subjetivador no que diz respeito à recusa de vacinas, atuando na sociedade contemporânea como contestadora das verdades outrora instauradas pelas ciências. Essas questões foram as propulsoras para a definição do objeto da pesquisa que ora desenvolvi.

² Saúde pública diz respeito ao diagnóstico e tratamento de doenças, e a tentativa de assegurar que o indivíduo tenha, dentro da comunidade, um padrão de vida que lhe assegure a manutenção da saúde. Já o conceito de saúde coletiva é utilizado para designar os novos conteúdos e projeções da disciplina que resultou do movimento sanitário latino-americano e da corrente da reforma sanitária no Brasil (LENHARO, 2005).

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento do pensamento e a produção de conhecimentos advindos de finalidades práticas foi avançando ao longo da história humana. O conhecimento empírico, que se apresenta como conhecimento verdadeiramente humano, é permeado pelo conhecimento científico que promove suas mediações teórico-abstratas. Por exemplo, a diferenciação entre os tipos sanguíneos (concreto pensado) jamais será apreendida imediatamente pela observação do sangue (concreto aparente), para conhecê-los foi necessário que o homem se afastasse temporariamente do concreto aparente, desenvolvendo sobre ele o pensamento abstrato. O desenvolvimento de teses teóricas, equações e estatísticas oferecem sustentação para a existência abstrata, guiando a prática concreta sustentada por esses conhecimentos.

As ciências médicas se organizaram a partir de um conjunto de códigos e modelos epistemológicos, que se estruturaram narrativamente como meio de abarcar conhecimentos específicos acerca da saúde e da doença, e operar sobre os corpos de forma a instituir paradigmas capazes de direcionar os modos de vida dos sujeitos. Dentro desse conjunto de saberes consolidados pela ciência, a vacinação constitui uma das maiores vitórias da medicina moderna, permitindo a prevenção de mais casos de doenças e mortes precoces do que qualquer outro tratamento. Criadas na Inglaterra, no final do Século XVIII, as vacinas se configuraram como a evolução de antigas técnicas de inoculação e se firmaram como medidas preventivas altamente eficazes ao longo dos séculos seguintes, reduzindo radicalmente as taxas de mortalidade por uma série de doenças infecciosas.

Apesar de seus benefícios, desde o seu desenvolvimento as vacinas foram alvo de críticas e desconfianças de naturezas diversas, que iam desde falta de confiança em sua eficácia, medo de reações adversas ou contrariedade à vacinação obrigatória. As ligas antivacinação criadas na Inglaterra no século XIX foram as precursoras de movimentos plurais que se organizaram sob diferentes pretextos, em diversas épocas, se dispersando ao redor do mundo e veiculados através da mídia impressa e falada e pelos ditos populares. A era da informação, inaugurada pela revolução digital, na segunda metade do século XX, enfatiza as interações principalmente após a invenção das redes sociais como o *Facebook*. A velocidade e praticidade com que operam fazem com que tais redes sociais assumam um importante papel na disseminação de informações. Qualquer indivíduo conectado tem a possibilidade de compartilhar, interagir, produzir e publicar diferentes notícias e opiniões, o que pluraliza as discussões e a produção de conteúdo. Pode observar o aparecimento de argumentos antivacinação, que se dispersam nesses grupos midiaticamente ativos que, atrelados a outros

fatores, colocam em risco a continuidade dos resultados alcançados com a cobertura vacinal a nível mundial. Percebi, nesse contexto, diferentes formas de produzir saberes, não necessariamente através da instituição escolar, mas pelas mídias, por exemplo. As mídias sociais, como sites e aplicativos, exercem a função de (re) produtoras de discursos, abarcando um grande conjunto de experiências e depoimentos que fabricam um efeito regulador na sociedade.

A presente Dissertação se inscreve no campo dos Estudos Culturais, – um campo heterogêneo de disciplinas, pensadores, práticas de pesquisa que, de um modo mais geral, atenta para os múltiplos discursos postos em circulação em diferentes lugares da cultura e procura compreender seus efeitos na contemporaneidade. Esse campo teórico se ocupa especialmente das questões do cotidiano, analisando as práticas culturais e a produção de saberes através de um conjunto de regras presentes em cada sociedade. A análise aqui proposta se volta para a rede social virtual *Facebook* e para as formas como ela atua como dispositivo³ de leitura e organização de novos sentidos e novas racionalidades, constituindo-se como uma ferramenta de comunicação de novas enunciações como as emitidas pelos grupos antivacinas. Essa preocupação com os fenômenos do digital é um aspecto adjacente aos Estudos Culturais, uma vez que as tecnologias estão imbricadas nas práticas culturais da sociedade contemporânea. Especialmente após a popularização das redes sociais virtuais, é possível o rápido compartilhamento e interatividade com esses saberes que se tornam acessíveis a uma incontável leva de sujeitos.

Nesta Dissertação, me utilizei de alguns aspectos e elementos teóricos do filósofo Michel Foucault (ou, como diria ele, de ferramentas), ocupando-me especialmente dos conceitos de saber, relações de poder e modos de subjetivação. Nesse contexto, procurei pensar como a cultura produz subjetividades através dos discursos antivacinas circulantes no *Facebook* e os modos de produção de sujeitos, constituídos dentro de uma rede de poder-saber.

Através dessa pesquisa, não propus fazer juízo de valor acerca dos ditos (re) produzidos pelos movimentos antivacinas, mas descrever como essas discursividades operam no sentido de constituir novos saberes, que agem sobre as condutas de seus interlocutores, analisando as

³Os dispositivos são modalidades de acordo com as quais se exerce o poder não podendo ser reduzidos a teorias de direito, embora lhes sejam paralelos, nem à aparelhos ou a instituições embora se apoiem sobre estes, nem fazê-los derivar de escolhas morais embora eles encontrem nelas suas justificações. Dispositivos são tecnologias de poder (FOUCAULT, 2014b).

relações de poder que operam através das disputas de enunciados entre esses grupos e o discurso biomédico, bem como algumas de suas reverberações na sociedade contemporânea.

Ao longo da Dissertação, procurei analisar a diversidade discursiva difundida entre pessoas que se recusam a vacinar seus filhos ou a receber vacinas com base no mapeamento de publicações em um grupo do *Facebook* intitulado *Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas*⁴. Dessa forma, minha questão de pesquisa foi: **como funcionam as técnicas de subjetivação, presentes no *Facebook*, com vistas a obter adeptos para a causa antivacinas?** E, para responder esta questão, meu *objetivo* foi compreender as produções de novos saberes a partir das interações na referida rede social, bem como seus efeitos imediatos nos processos sociais contemporâneos.

Considere relevante me debruçar sobre essa temática para uma melhor compreensão acerca das movimentações dos grupos sociais contrários às vacinas, que buscam se apropriar de instrumentos e ferramentas conceituais, de saberes advindos de suas leituras do mundo para a produção e comunicação de ideias que irão influenciar práticas em saúde. Tais movimentos representam importantes fenômenos culturais, materializados por famílias que se excluem das campanhas de vacinação deliberadamente, por razões de natureza diversa e multifacetada. Essas ideias são reproduzidas principalmente através da internet, meio de comunicação mais popular na sociedade midiática do século XXI. As redes sociais virtuais como o *Facebook* atuam como dispositivo de recirculação, leitura e organização de novos sentidos, constituindo-se como uma ferramenta de comunicação de tais ditos.

A pesquisa representa uma oportunidade de interlocução entre educação, saúde e o campo dos Estudos Culturais, pois, embora escape ao cotidiano formal da escola e das instituições de saúde, possibilita o contato com outros espaços por onde circulam verdades⁵ e diz respeito à constituição dos sujeitos através da circulação de narrativas presentes na internet e capazes de educar esses sujeitos, direcionando suas ações no que diz respeito à vacinação, produzindo, assim, efeitos na contemporaneidade.

⁴ O grupo *Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas* foi criado no dia 28 de dezembro de 2014 na rede social *Facebook* e retirado do ar em julho de 2022. Uma hipótese para a desativação do mesmo pode ser as novas políticas da plataforma que passou a restringir a circulação de *Fake News* em saúde, principalmente as que envolvem vacinação. Os prints de todas as publicações realizadas no referido Grupo, durante o ano de 2021, podem ser acessados no *link*:

<https://drive.google.com/drive/folders/1TnVZp5fhYvC7-eX-fr7GUqXKDYWy9kcD?usp=sharing>

⁵ A verdade é produzida e influenciada pelo poder, assim como também sofre alteração dependendo do tempo e espaço. O poder é um produtor de saber e gerador e molde da verdade (FOUCAULT, 2004).

2 ENTRE SALVAR E NEGAR: A HISTÓRIA DAS VACINAS

Timor mortis conturbat me (William Dunbar)

A emblemática frase proferida por William Dunbar, que provavelmente viveu entre 1465 e 1530, cuja tradução livre significa “o medo de morrer me deixa morto de medo”, serve como fio condutor para refletir para além da dimensão histórica e sociológica da morte, como o homem passou a questionar os sinais físicos que a precediam. Abandonada a resignação cristã do ocidente diante da mortalidade (ARIÈS, 1989), atentei para as singularidades das práticas engendradas pelas antigas civilizações, que muito embora não abandonassem o aspecto ritualístico que envolvia o fim da vida, desde muito cedo buscaram meios para prolongar a existência. Não me detive na busca por registros longínquos de técnicas e artifícios ocultos ou registrados no seio das populações, mas demarquei essas ações como forma de expressar um desejo humano pela longevidade e seu esforço contínuo para a compreensão e superação das enfermidades. O temor à morte, ou antes, sua impopularidade, serviu como propulsor para que se buscassem meios para driblar ou retardar a finitude da experiência humana.

Em seu livro *A Assustadora História da Medicina*, de 1996, Richard Gordon apresenta os aspectos históricos da relação do homem com os males do corpo e o combate a eles. As doenças atingiram sociedades em diferentes períodos causando, por vezes, grande número de mortos. A ocorrência desses surtos deixou marcas profundas nas sociedades e foram impulsionadores de diversas transformações, como o incentivo ao desenvolvimento científico, no intuito de combater as enfermidades e garantir a sobrevivência (GORDON, 1996).

Ao longo da história a disseminação de doenças infecciosas se intensificou por diferentes fatores, tais como a criação de novas rotas de comércio, a abertura de estradas, o aparecimento dos conglomerados urbanos, a falta de saneamento, as migrações e movimentações em busca de novos conhecimentos, o desenvolvimento da agricultura. Dentre as moléstias, uma merece atenção especial: a varíola. Em latim, a palavra *vari* significa “erupção de botões”; *varius* são “indivíduos com o rosto recoberto de manchas”. A Rainha Vermelha, como a doença ficou conhecida ao longo do tempo, cuja origem parece remontar à pré-história, espalhou-se por todo mundo a partir do noroeste africano. Stefan Riedel (2005) mostra como essa enfermidade se tornou um catalisador para revolucionar o combate às doenças. Responsável por dizimar populações, ocasionando epidemias, era de conhecimento geral que sobreviventes da varíola se tornavam imunes a ela.

Diante disso, em vários lugares do mundo desenvolveu-se a ideia de se inocular em pessoas saudáveis o material orgânico de doentes acometidos por formas brandas da doença, capazes de provocar uma resposta imunológica com a introdução do vírus, de alguma forma atenuado. Esse procedimento ficou conhecido como “variolação”. Há registros indicando que a técnica foi praticada pelos chineses desde o século II, no entanto, como alerta Gordon (1996, p.06) “tudo isso é muito remoto para nos entusiasmar e muito oculto para aprender”. A prática teria chegado ao Oriente Médio e à África durante os séculos XVII e XVIII, sendo introduzida na Inglaterra por Lady Mary Wortley Montagu na década de 1770.

Em meados de 1796, Edward Jenner desenvolveu a inoculação da varíola bovina (*cowpox*) a partir de suas observações de que essa medida tornava as pessoas imunes à varíola humana evitando, ao mesmo tempo, o risco de contágio e transmissão pelos inoculadores responsáveis pela variolação. Desse evento deriva a denominação vacina, por ser originária da vaca (*vaccinae* em latim). Nascido em Berkeley, na Inglaterra, em 1749, Jenner, com apenas treze anos de idade, já era auxiliar de um cirurgião em Bristol. Formou-se em medicina em Londres retornando, em seguida, para sua cidade natal. Ali realizou experimentos relativos à cura da varíola que, na época, matava cerca de 400 mil pessoas por ano. Em 1789, o médico extraiu o pus da mão de uma ordenhadeira que já havia se contaminado com a varíola bovina e o inoculou em um garoto saudável. James Phipps, de apenas oito anos, apresentou apenas sinais brandos da doença. Pouco tempo depois Jenner inoculou nesse mesmo menino material extraído de uma pústula de varíola humana observando que esse não contraiu a doença, pois estava imune à varíola. Em dois séculos essa primeira vacina com vírus atenuado foi responsável por erradicar a varíola em todo planeta.

O cientista apresentou seu artigo intitulado *Um Inquérito sobre as Causas e os Efeitos da Vacina da Varíola* à Royal Society – a Academia de Ciências do Reino Unido, onde relatou suas experiências, mas tendo suas provas consideradas insuficientes. Após novas inoculações que incluíram o próprio filho do médico, seu trabalho foi reconhecido e publicado em 1798. Apesar da ridicularização inicial, os benefícios das imunizações logo se tornaram evidentes e médicos de outros países começaram a adotar a vacinação. O primeiro Instituto Vacínico de Londres foi criado em 1799 e a Marinha britânica passou a adotar a vacinação em 1800. Após a morte de Jenner em 1823, aos 73 anos de idade, sua casa foi transformada no *Edward Jenner Museum*. Atualmente, o *Instituto Edward Jenner para Pesquisa de Vacinas* é um importante centro de pesquisas de doenças infecciosas, que faz parte da Universidade de Oxford.

As vacinas tais quais conhecemos hoje, bem como as técnicas de inoculação a partir de agulhas, contaram com a importante contribuição de Louis Pasteur, biólogo e cientista francês

que se tornou referência mundial na área das imunizações, por sua dedicação ao estudo das doenças infecciosas (agentes microbianos), sua prevenção (asepsia) e sua profilaxia por imunização (vacinação). Ainda em 1885, foi desenvolvida a primeira vacina antirrábica. Em 1888 foi criado o *Instituto Pasteur*, na cidade de Paris, tornando-se um dos mais importantes centros mundiais de pesquisa científica.

Importante demarcar que o invento das vacinas ocorreu num momento de enormes transformações históricas e culturais. Com a organização dos estados nacionais, no final do Século XVIII, passou-se a considerar as pessoas que viviam no território e possuísem características semelhantes, sejam elas linguísticas, religiosas, econômicas, deveriam estar sob a tutela do Estado. As novas configurações políticas e espaciais, frutos do processo de industrialização, bem como o crescimento demográfico e o nascimento das cidades, fizeram aparecer novas formas de divisão do espaço geográfico internacional.

Nesse contexto, ocorreram importantes deslocamentos do exercício do poder. A partir da emergência de uma economia política, na qual se impuseram limites à própria forma de governar, os indivíduos aparecem como uma população a ser administrada. Com a organização das ciências estatísticas e das ciências médicas, deu-se o aparecimento das noções de biopolítica, que lida com a população em seus aspectos político, científico e biológico. Esse termo foi utilizado por Michel Foucault na obra *Nascimento da Biopolítica* (2008) para descrever as mudanças nas formas de exercício do poder. As práticas disciplinares utilizadas antes visavam governar o indivíduo, enquanto a biopolítica tem como alvo o conjunto dos indivíduos, a população. A própria noção de população surge desse conjunto de técnicas que passam a ser empregadas no sentido de buscar certo equilíbrio, uma regularidade em escala global. Em suma, passou-se a operar uma série de mecanismos que levavam em conta os processos biológicos do homem-espécie, assegurando sobre eles uma regulação da vida.

Segundo Carlos Renato Lopes, “os objetos da biopolítica não seriam os indivíduos humanos singulares, mas as características biológicas que passam a ser mensuradas, correlacionadas e submetidas a padrões de regularidade no nível dos grandes agregados de pessoas” (2021, p.106). Se o poder soberano fazia morrer e deixava viver, a nível do corpo e do ser individual, essa nova tecnologia do poder, chamado aqui de biopoder (FOUCAULT, 2008), aparece como um domínio que reúne dentro do mesmo corpo social ações sobre a população e sobre o homem enquanto ser vivo, um poder contínuo, científico, que se firma sobre a premissa de “fazer viver”. No curso *Em defesa da Sociedade* (2012), Foucault apresenta a noção de regulamentação que consiste, do seu ponto de vista, “em fazer viver e em deixar morrer”.

São esses fenômenos que se começa a levar em conta no final do século XVIII e que trazem a introdução de uma medicina que vai que vai assumir, a partir de então, a função maior da higiene pública, com organismos de coordenação dos tratamentos médicos, de centralização da informação, de normalização do saber, e que adquire também o aspecto de campanha de aprendizado da higiene e de medicalização da população (FOUCAULT, 2012). As vacinas aparecem, portanto, como técnica biopolítica que opera a nível do corpo, produzindo efeitos a nível de população.

Logo, depois de uma primeira tomada de poder sobre o corpo que se fez consoante o modo da individualização, temos uma segunda tomada de poder que, por sua vez, não é individualizante, mas que é massificante, se vocês quiserem, que se faz em direção não do homem-corpo, mas do homem-espécie. Depois da anátomo-política do corpo humano, instaurada no decorrer do século XVIII, vemos aparecer, no fim do mesmo século, algo que já não é uma anátomo-política do corpo humano, mas que eu chamaria de uma “biopolítica” da espécie humana. (FOUCAULT, 2012, p.289)

Nesse sentido, as vacinas representam uma significativa estratégia de condução das condutas para a prevenção e erradicação de doenças infecciosas. Tal estratégia encontra-se amparada pelo discurso biomédico e respaldada pelo Estado que garante a obrigatoriedade da vacinação.

2.1 AS LIGAS ANTIVACINAÇÃO

Por se tratar de um novo saber que pretendia alcançar o *status* de verdade em uma dada sociedade, as vacinas, como objeto das ciências médicas e como técnica inserida nessa nova noção de biopolítica, foram imbricadas em interessantes embates, os quais situam-se no campo dos estudos foucaultianos que esse filósofo chamou de relações de poder. Ao observar alguns dos discursos circulantes no final do século XVIII e início do século XIX, em torno das técnicas de inoculação, pude encontrar diversos elementos integrantes do arcabouço teórico de Michel Foucault que fornecem sustentação para a discussão ao longo do texto.

No período descrito aqui, os novos saberes advindos da organização das ciências médicas entraram em conflito com os discursos proferidos pela Igreja Católica, no Ocidente. Esses discursos, que já se mostravam contrários às antigas inoculações, persistiram frente às novas técnicas implementadas por Jenner, pois os religiosos consideravam a prática antinatural e a desaconselhavam aos fiéis. Isso demonstra que embora tenham se desenvolvido novas noções de poder, esses modelos ainda vão coexistir, o que significa que um não foi abandonado em virtude do outro. Os vestígios do poder pastoral, assim nomeado por Foucault (1995), tido como uma antiga tecnologia de sujeição, persistiram no Estado Moderno Ocidental exercendo

sua função fora da instituição eclesiástica. Foucault chama atenção para o aparecimento de uma nova organização desse poder individualizante, que agora se viu confrontado pelo novo poder massificante da biopolítica. Essa organização fez aparecer uma nova forma de poder pastoral:

(...) Já não se trata mais de uma questão de dirigir o povo para a sua salvação no outro mundo, mas, antes, assegurá-la neste mundo. E, neste contexto, a palavra salvação tem diversos significados: saúde, bem-estar (isto é, riqueza suficiente, padrão de vida) segurança, proteção contra acidentes. (FOUCAULT, 1995, p.281)

Esse poder pastoral que operou por mais de um milênio associado a uma instituição religiosa, ampliou-se pelo corpo social encontrando apoio em múltiplas instituições (FOUCAULT, 1995). Haupt (2008) aponta para as formas diferentes de subsistência, ou seja, de renascimento do “religioso” nas sociedades europeias no século das Luzes, que perdurou pelo século XIX. Importante salientar que embora tenham ocorrido modificações na distribuição do poder, diversos discursos religiosos circularam no sentido de desencorajar a nova prática. Imunizar os organismos, tornando-os por si só resistentes a novos ataques de microrganismos com os quais já estiveram em contato, apresentou-se como uma solução eficaz do ponto de vista biológico, mas incômoda do ponto de vista religioso. As vacinas, assim como a medicina como um todo, atrapalhavam o “negócio” da morte:

A causa da doença era, evidentemente, o pecado, seu tratamento era a oração, o jejum e o arrependimento. Os santos dirigiam o corpo. Santa Blaise se encarregava da garganta, Santa Brígida dos olhos, e Erasmo das entranhas, Santo Dymna era o psiquiatra, São Lourenço especializava-se em dores nas costas, São Fiacre, em traseiros doloridos (ele deu o nome à pequena carruagem francesa). São Roque distribuía as pragas, São Vito tinha sua dança, O Fogo de Santo Antonio assava os membros, acesos pela infecção ou pelo envenenamento pelo ergot do pão de centeio. (GORDON, 1996, p.8)

A igreja afirmava que a varíola era um castigo querido por Deus e quem adería à vacina estava se afastando da divindade. Além de antinatural, outros ditos alimentaram a repulsa dos mais fervorosos contra a inoculação de varíola bovina.

Ao lado dos discursos religiosos, a imprensa desenvolveu um papel notável na historicização da vacina. Os jornais britânicos do século XVIII e início do XIX passaram a ironizar a vacinação logo após sua invenção, mesmo após demonstrações de seus resultados positivos (RIEDEL, 2005). Rapidamente circularam boatos associando alguns vacinados com o desenvolvimento de características bovinas como o aparecimento de chifres, cauda e pelagem do animal. Ao mesmo passo que a politização dava o tom da adesão às imunizações, canções populares embalavam o imaginário dos ingleses, ressoando o medo das reações adversas e minimizando as questões sanitárias frente aos embates religiosos, políticos e sociais:

Ali, mastigando uma haste de grama, estão Jem, Joe e Mary, /
 Nas suas testas, oh, horríveis chifres torcidos começam a brotar; /
 Lá está Tom com sua cauda, e o pobre William todo peludo, /
 Reclinado num canto, ruma o que comeu. (GORDON, 1996, p.45)

Todas essas lutas empreendidas no corpo social constituíram, ao longo do tempo, um regime de verdade acerca das vacinas, inserindo a biopolítica como um dos instrumentos que modificaram significativamente a forma de governar. Nesse ponto é preciso lembrar que esse regime de verdade está constantemente sujeito à pressões e resistências, e que as disputas acerca dele apareceram desde muito cedo com a organização da população inglesa em oposição às inoculações.

Importante dizer que inicialmente só a burguesia inglesa tinha acesso à vacinação, pois apenas essa parcela da sociedade dispunha de recursos para pagar por ela. Uma vez percebidos seus efeitos benéficos, convencionou-se que era necessária sua distribuição gratuita para a população. O estabelecimento compulsório da vacinação, através das leis pró-vacinação promulgadas pelo governo inglês em 1840, gerou críticas e reações negativas imediatas. O principal argumento dos grupos contrários às vacinas residia no medo da tirania médica e a quebra do princípio da liberdade individual. A possibilidade de punição a quem se recusasse a receber a imunização levou à criação do que se pode chamar de um primeiro movimento antivacinação organizado com a criação de uma Liga Anti-vacinação. Após essas pressões, foi aprovada em 1867 uma nova lei que dava liberdade aos pais para assumirem a responsabilidade de não vacinarem os seus filhos (PINTO JUNIOR, 2019).

Em 1882, estabeleceu-se a fundação da *New England Anti-Compulsory Vaccination League* (em tradução simples: Liga de Vacinação Anticompulsória da Nova Inglaterra) a qual foi sucedida por outros movimentos antivacinas. Esses movimentos constituíram núcleos de disputas de enunciados, sobre os quais pesam as especificidades das relações de poder implicadas na consolidação histórica dos regimes de verdade, como o que pretendia consolidar o discurso científico acerca das vacinas. No curso *Em defesa da sociedade* (2012), Foucault fala sobre esses novos regimes de verdade como representações de um conjunto de regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso atribuindo-se ao verdadeiro efeitos específicos de poder (TEIXEIRA, 2018).

Os movimentos antivacinas chegaram às Américas ainda no século XIX. Em 1885, foram registrados panfletos antivacinas que foram amplamente divulgados na época da epidemia de varíola em Montreal, no Canadá. Assinados pelo doutor Alexander Milton Ross,

um ícone dos antivacinas no Canadá, que curiosamente se vacinou contra varíola durante a epidemia.

Nos últimos anos, vêm sendo registrados surtos de doenças como sarampo, caxumba e coqueluche nos Estados Unidos. O país vivenciou, em 2017, o ressurgimento de doenças que podem ser prevenidas por vacinas existentes há vários anos. Especialistas chamam atenção para a relação de muitos dos surtos com o movimento antivacina, representado por pais que decidem não vacinar seus filhos por motivos diversos, que incluem o temor de efeitos colaterais que prejudiquem a saúde da criança.

Personalidades como a atriz e comediante Jenny McCarthy conferem visibilidade ao movimento. Ela se tornou uma das porta-vozes dos antivacinas nos Estados Unidos após seu filho ser diagnosticado com autismo. Existem várias entidades norte-americanas destinadas a fornecer informações sobre os supostos riscos das vacinas. O *National Vaccine Information Center* (Centro Nacional de Informações sobre Vacinas, em tradução livre), fundado por Barbara Loe Fisher em 1982 é uma das mais influentes. Autora de três livros sobre o tema, Fisher afirma que seu filho sofreu uma reação severa à vacina tríplice DPT (contra difteria, coqueluche e tétano) aos dois anos de idade, ficando com sequelas e problemas de aprendizagem. Ela salienta que não tem a intenção de convencer os pais a não vacinarem seus filhos, mas luta pelo direito à informação.

Assim como ocorre em outros países como o Brasil, adeptos do movimento reclamam do poder da indústria farmacêutica e do número de vacinas recomendadas pelo governo. Apesar da obrigatoriedade da apresentação do comprovante de vacinação para ingressar na escola, nos 50 estados dos EUA, há isenções para crianças que, por motivos de saúde, não podem ser vacinadas. Em 48 estados também há isenções por motivos religiosos e em 18 deles existe a isenção por “crenças pessoais”. Segundo a epidemiologista Allison Fisher (2014) esse fenômeno da não vacinação pode ser percebido entre crianças cujos pais têm altos níveis de educação e renda, o que pressupõem a existência de maior pressão política para acabar com as exigências de vacinação para crianças.

2.2 O ESPETO OBRIGATÓRIO E O AUTORITARISMO REPUBLICANO NO BRASIL

No Brasil, a Lei nº 1.261, de 31 de outubro de 1904, tornava obrigatória a vacinação contra a varíola em todo o território nacional. Essa obrigatoriedade assumiu um viés político e foi o estopim para a Revolta da Vacina, uma das revoltas populares mais emblemáticas da história do país, que marcou o início da República. Ela foi descrita por Nicolau Sevcenko

(2010), no livro *A Revolta da Vacina*, como um violento protesto a uma determinação autoritária do governo, o qual vinha adotando uma série de reformulações no centro urbano da cidade do Rio de Janeiro, como a construção de grandes avenidas, por exemplo, responsáveis por causar o desalojamento de milhares de pessoas, empurrando-as para os morros.

Ocorrida num momento de transformações decisivas da sociedade brasileira, onde se configurava um contexto predominante de urbanização de forte teor burguês, resultado da inserção do Brasil nos tempos da nova ordem econômica mundial instaurada pela Revolução Científico-Tecnológica (por volta de 1870), a revolta representou um movimento convulsivo que culminou com o sacrifício cruento dos grupos populares (SEVCENKO, 2010).

Nessa época, a varíola já havia vitimado cerca de 3 mil pessoas na cidade do Rio de Janeiro, e as mudanças para locais com condições sanitárias ainda mais precárias, unidas aos diversos problemas econômicos e sociais, causaram o descontentamento da população que se colocou contra o governo. Esse, por sua vez, utilizou de meios violentos para fazer valer a lei, permitindo que agentes adentrassem nas moradias aplicando a vacinação à força e impondo uma série de restrições aos não vacinados, como, por exemplo, restringindo o acesso de crianças às escolas quando não estivessem com o cartão vacinal em dia.

O cientista Oswaldo Cruz foi escolhido, pelo então Presidente Rodrigues Alves, para comandar a pasta da saúde e o combate às epidemias. No cargo de Diretor da Junta de Higiene, ele se dedicou à erradicação da varíola, da febre amarela e da peste, tarefa para a qual lançou mão das imunizações como principal aposta (TEIXEIRA, 2018). No episódio de 1904, o principal opositor a Oswaldo Cruz foi o então Senador e Tenente Lauro Sodré, que alegava que a medida da vacinação obrigatória era cerceadora das liberdades individuais, a exemplo dos refratários ingleses no século XIX.

A imprensa novamente teve uma atuação ativa na propagação da crise. Charges pejorativas envolvendo a imagem de Oswaldo Cruz ilustravam diariamente as páginas de alguns jornais da época, encorajando a revolta e derrubando as taxas de adesão à vacinação. Em 05 de novembro de 1904 foi criada a *Liga Contra A Vacinação Obrigatória* (SEVCENKO, 2010). A politização e o descontentamento popular marcaram a Revolta da Vacina. A oposição veiculou diversos ditos sobre a vacina, associando-a de forma exagerada a diferentes males como gangrenas, epilepsia, meningite, tuberculose e sífilis e suscitando o perigo de efeitos colaterais com o desenvolvimento de características bovinas como chifres, casco e pelagem, numa alusão à inoculação da varíola bovina desenvolvida por Jenner, em 1796.

O sacrifício das camadas mais pobres com a demolição de barracos e cortiços, aumento de aluguéis e a ausência de comunicação com a população acerca da importância da vacinação

e da higiene, acarretaram dificuldades para a implementação das iniciativas de saúde. Toneladas de lixo nas ruas da cidade do Rio de Janeiro aumentavam a proliferação de ratos e mosquitos, transmissores de doenças fatais como a peste bubônica e a febre amarela e matavam milhares de pessoas anualmente.

Em dado momento, o governo anunciou que pagaria a população por cada rato entregue às autoridades, o que desencadeou no aparecimento de criadores desses roedores a fim de conseguirem uma renda extra. Diante das fraudes, o pagamento foi suspenso e as campanhas de saneamento continuaram sendo realizadas com autoritarismo. Na época, as pessoas se vestiam cobrindo todo o corpo e mostrar os braços aos vacinadores, principalmente no caso das mulheres casadas, na hora de tomar a vacina, foi visto como “imoral” (BENCHIMOL, 2003). Assim, a população denominou a vacinação de “espeto obrigatório”, um apelido pejorativo que demonstrava a insatisfação generalizada contra o governo.

Para Teixeira (2018, p.62), “tivemos, no Brasil, nosso primeiro e expressivo movimento antivacinas, incentivado pela desinformação e por instâncias de um poder (autoritário) que atuavam sobre o modo de viver da população e, principalmente, sobre o corpo e a vida”. O caótico e pouco duradouro motim ignorou os benefícios sanitários da imunização. No entanto, anos mais tarde, em 1908, diante do agravamento da epidemia de varíola, houve uma corrida pela vacinação na cidade do Rio, em um episódio avesso à Revolta da Vacina.

2.3 OS ANOS DE OURO DA VACINAÇÃO

O final do século XIX e início do século XX foi marcado por avanços significativos no campo das imunizações pois *Instituto Vacínico Municipal do Rio de Janeiro*, criado em 1894, já produzia soros contra a peste bubônica. Em 25 de maio de 1900 foi criado o *Instituto Soroterápico Federal*, na distante fazenda de Manguinhos, em Inhaúma, sob a direção de Oswaldo Cruz, que logo se tornou uma referência em saúde pública. O cientista, apesar de duramente criticado durante a Revolta da Vacina, foi o responsável pelo primeiro levantamento sobre as condições de saúde do Brasil, realizando expedições entre os anos de 1905 e 1906 pelos portos marítimos e fluviais do Brasil a fim de traçar um grande plano de modernização e saneamento. Em 1907, a febre amarela foi considerada erradicada no Rio de Janeiro, o que rendeu a Oswaldo Cruz e demais cientistas a medalha de ouro no *XIV Congresso Internacional de Higiene e Demografia* de Berlim. Nesse período, o *Instituto Soroterápico Federal* passou a se chamar *Instituto de Patologia Experimental de Manguinhos*, sendo rebatizado, já em 1908, como *Instituto Oswaldo Cruz*.

A primeira patente de Manguinhos foi concedida pela descoberta da vacina contra o carbúnculo sintomático, ou peste da “manqueira”, descoberta por Alcides Godoy. Estudiosos como Adolpho Lutz e Carlos Chagas deram continuidade ao combate de diversas enfermidades, como a doença de Chagas e a febre amarela. Na década que se estendeu entre 1910 e 1920, marcada pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e a Revolução Russa em 1917, mesmo ano da morte de Oswaldo Cruz, ocorreu a fundação do Departamento Nacional de Saúde Pública, a reorganização dos serviços sanitários do país e a atribuição da competência pela promoção e regulação desses serviços à União (BIBLIOTECA, 2021).

A descoberta de novos produtos, o desenvolvimento da indústria e a eliminação de várias doenças epidêmicas fizeram com que a vacinação atingisse seu ápice entre as décadas de 40 e 70. Em 1980, ocorreu a certificação global da erradicação da varíola, no mesmo período em que foram criados programas nacionais de imunização em diversos países, incluindo os ditos subdesenvolvidos, o que reduziu drasticamente as taxas de mortalidade infantil (PINTO JUNIOR, 2019). Dentre os exemplos de doenças de grande importância sanitária erradicadas, destaca-se a poliomielite, cuja incidência caiu 99% em todo mundo em 1988, sendo considerada eliminada das Américas em 1991 e no Brasil em 1994.

No Brasil, diversas iniciativas, programas e conferências resultaram em um sistema que se constitui num dos maiores do mundo no que se refere ao controle de doenças infecciosas. A Reforma Sanitária brasileira, iniciada em 1970, resultou na universalidade da saúde, oficializada na Constituição de 1988 e efetivada da criação do Sistema Único de Saúde, em 1990. A 5ª Conferência Nacional de Saúde (1975) instituiu o Sistema Nacional de Vigilância Epidemiológica, através da Lei 6.259 e do Decreto 7.823, regulamentado em 1976, incorporando um conjunto de doenças transmissíveis relevantes.

Nas décadas finais do século XX e nas que iniciaram o século XXI, é digna de nota a ênfase nas campanhas e novos programas de imunização. Em 1980, pode-se citar a Campanha de Vacinação contra a Poliomielite, doença que teve seu último caso registrado no Brasil em 1989. O Plano de Eliminação do Tétano Gestacional e Plano Nacional de eliminação do Sarampo, em 1992, a Campanha Nacional da Vacinação contra a Gripe para a população maior de 65 anos, em 1999, além da inclusão de novas vacinas no calendário obrigatório e gratuito. Vacinas contra a rubéola para mulheres em idade fértil, em 1997; febre amarela, em 1999; rotavírus, em 2006; hepatite A, papiloma vírus humano (HPV) e tétano, difteria e coqueluche (vacina dTpa) garantiram o controle sobre as enfermidades que causavam epidemias e configuravam, em alguns casos, problemas de saúde pública. A expansão do alcance das imunizações para áreas remotas do país com campanhas como a Operação Gota, em 1993, que

levou a vacina a povos indígenas e a instituição do Calendário de Vacinação para Povos Indígenas, em 2010, são algumas das ações que contribuíram a para que o Plano Nacional de Imunizações (PNI) brasileiro se tornasse um dos maiores e mais completos do mundo (BIBLIOTECA, 2021).

2.4 DA PÁGINA À TELA: A EXPANSÃO E O DESENVOLVIMENTO DOS MOVIMENTOS ANTIVACINAS NA INTERNET

Após uma breve incursão pelo passado, situando as imunizações em seu terreno histórico-cultural, cabe um exame das condições de possibilidade e dos acontecimentos que levaram as vacinas a tornarem-se objetos de inúmeras controvérsias políticas e tensionamentos sociais. Para adentrar no enfoque dessa pesquisa, me detive na *Liga Antivacinação*, criada na Inglaterra em meados de 1840 em resistência mais à obrigatoriedade da vacina do que à própria vacinação. As legislações inglesas causaram indignação, pois representavam uma afronta aos ideais liberais, fundados por John Locke (1632-1727) e consolidados na Europa daquela época. Esses tensionamentos no campo político geraram hostilidades e um violento movimento de oposição culminando no aparecimento dos grupos antivacinação.

Os ditos circulantes no Reino Unido eram variados, em suas alegações constavam alertas sobre infecções pela vacina contra a varíola. Os antivacinas do passado afirmavam que a vacinação causava um espectro completo de doenças, como a própria varíola, a sífilis, febre tifóide, tuberculose, cólera e “envenenamento do sangue”. Tais narrativas eram reforçadas pelo próprio discurso médico, que reunia profissionais que falavam contra a vacinação, referindo-se a ela como uma prática “suja” e “má”. Como veremos mais adiante, mesmo quando refutados pela comunidade médica, esses argumentos adquiriram um manto duradouro de prestígio, figurando como “as vozes autorizadas que ofereciam a ‘prova’ necessária” (LARSSON, 2020, p.1, grifo no original).

A análise dos primeiros movimentos antivacinas, ligados principalmente às ligas e ao papel da imprensa, ajudam a compreender como se constituíram os movimentos antivacinas na contemporaneidade. Apesar de sua constituição multifacetada, pode-se notar a importância dos instauradores de discursos nos processos de formação de novos saberes antivacinação, do qual fazem parte, por exemplo, grupos não religiosos compostos por alguns médicos, quiropráticos, homeopatas, naturopatas e antroposóficos. No entanto, é necessário aqui um cuidado, sob o risco de incorrer em generalizações, pois, entre esses profissionais, a recusa de vacinas não é um consenso. Há também aquelas manifestações de cunho filosófico ou religioso, como os

fundamentalistas islâmicos, que por vezes instituem as *fatwa*⁶, cuja interferência contrária à vacinação foi apontada como responsável pela não erradicação da poliomielite no mundo, devido à circulação endêmica dessa no Paquistão, Afeganistão e Nigéria (LEVI, 2013).

Em 1998, houve a publicação no *The Lancet*, famoso periódico médico inglês, de um estudo produzido pelo médico Andrew Wakefield. Ali, descrevia-se uma suposta associação da vacina tríplice viral com o aumento da incidência de casos de autismo, a partir de uma inflamação que exporia as crianças imunizadas às toxinas do mercúrio, causando o transtorno. Tendo em vista a metodologia questionável, baseada na observação de apenas 12 crianças, o *General Medical Council* realizou minuciosa análise do trabalho, publicando um relatório que afirmava que o autor agiu de má-fé, movido pelo interesse de produzir uma nova vacina, o que resultou na cassação do registro profissional de Wakefield na Inglaterra e a retratação do *The Lancet* a respeito do assunto em questão. Apesar do descrédito da publicação e de seu autor, tal estudo se transformou em um marco para os antivacinas e ainda alimenta dúvida, sobretudo nas mídias, como *websites*, fóruns e redes sociais virtuais pois, com a ajuda da internet, a teoria se espalhou entre pais temerosos de que a vacina pudesse causar problemas a seus filhos.

As discursividades antivacinas circulam em outros meios e são reforçadas por alguns profissionais, como é o caso do médico norte americano Robert Sears, o famoso “doctor Bob” autor do livro *The Vaccine Book: Making the Right Decision for Your Child*. A popularização da internet na década de 1990 constituiu-se em um terreno fértil para a reprodução desses ditos, os quais aparecem em *sites*, comunidades virtuais e grupos abertos e fechados operantes dentro das redes sociais virtuais.

Nos últimos dez anos, o número de computadores conectados à internet cresceu mais de dez vezes (TRÊS, 2019). Esse crescimento permaneceu acelerado na década seguinte, juntamente com o desenvolvimento dos *smartphones* que possibilitaram acesso a diversas funcionalidades em um dispositivo portátil conectado à rede mundial de computadores. No Brasil, onde o fenômeno da internet se popularizou a partir dos anos 2000, os primeiros *Androids* começaram a chegar em 2009 e representam um dos principais meios de contato com o ambiente virtual. A pesquisa *TIC Domicílios*, desenvolvida pelo *Comitê Gestor da Internet no Brasil* (CGI.br), concluiu que, em 2019, 58% dos internautas brasileiros acessaram a rede exclusivamente pelo celular. Outro dado que chama atenção é a proporção de brasileiros que

⁶ Pronunciamento legal no Islã emitido por um especialista em lei religiosa, sobre um assunto sobre o qual a jurisprudência islâmica é pouco clara. Nesse caso específico por vezes, essas sentenças proíbem os muçulmanos de vacinarem seus filhos ou de receberem vacinas (WIKIPÉDIA, 2021).

usam a internet como meio de comunicação. Dentre os usuários da rede no país, 92% usam a rede para mensagens instantâneas, principalmente através do aplicativo *WhatsApp*, ao passo que 76% se comunicam com as redes sociais, especialmente o *Facebook*.

Esse contexto de prolífica circulação de ideias e informações através das redes sociais constitui um novo conjunto de condições de possibilidades que, para Foucault (1999), representam, em cada época, um espaço de ordem que constitui os saberes, espaço que determina o que pode ser pensado e como ser pensado, o que pode ser dito e como ser dito. A história do saber só pode ser feita a partir do que lhe foi contemporâneo e não certamente em termos de influência recíproca, mas em termos de condições e de *a priori* constituídos no tempo. “Esse *a priori* é aquilo que, numa dada época, recorta na experiência um campo de saber possível, define o modo de ser dos objetos que aí aparecem, arma o olhar cotidiano de poderes teóricos e define as condições em que se pode sustentar sobre as coisas um discurso reconhecido como verdadeiro” (FOUCAULT, 1999, p.177).

O território virtual surge como um potente mecanismo para a ocorrência de lutas no que concerne às disputas contemporâneas pelos regimes de verdade acerca das questões de saúde, que constituem, segundo o CGI.br, 47% das pesquisas realizadas pelos brasileiros na *web*. Embora a dificuldade de acesso aos serviços de saúde em algumas comunidades seja um dos fatores que prejudique a cobertura da vacinação, o discurso crítico ou contrário às vacinas tem crescido no Brasil, e no mundo, e carrega parte da culpa na desinformação acerca dos imunizantes.

As ações do movimento antivacinas fazem parte de uma rede discursiva que vem se adensando na atualidade. Tal discussão se mostra bastante complexa, pois perpassa diversas áreas do conhecimento, como a saúde, a comunicação, as políticas públicas, a economia, a religião, a filosofia, entre outras. A partir da reflexão sobre alguns dos efeitos dos discursos antivacinação, procura-se alertar para a profusão de discursos disseminados nos meios de comunicação, especialmente nas redes sociais como o *Facebook*. Um exemplo desses efeitos está na dificuldade de o órgão nacional da saúde fortalecer a imunização da população nos últimos anos. Introduzida no Brasil em 2014, a vacina contra o HPV pelo Sistema Único de Saúde (SUS), que tem por objetivo a prevenção de diversos cânceres, especialmente o câncer do colo do útero em mulheres, não obteve os resultados esperados pelo Ministério da Saúde. Em três anos de imunizações contra o HPV, apenas 48,2% das meninas entre 9 e 14 anos e 41,2% dos meninos entre 11 e 14 anos haviam recebido o imunizante. Entre 2017 e 2018, houve um aumento dos casos de febre amarela no Brasil, o que demonstra que a vacina contra o HPV não foi a única a ter queda na procura. A ameaça do sarampo voltou ao país em 2018, após três

anos sem registro de casos em território nacional. Em 2019, após a confirmação de 20.901 casos da doença, o Brasil perdeu a certificação de “país livre do vírus do sarampo” recebido em 2015.

Os discursos antivacinas na internet não são um tema novo. Nas últimas duas décadas, diversos estudos⁷ vêm sendo desenvolvidos por pesquisadores, especialmente da área da Saúde, da Antropologia, Sociologia e Comunicação dedicados a compreender os efeitos do meio digital, como os *sites* e as redes sociais digitais na tomada de decisões da população no que diz respeito às imunizações. De acordo com Daniela Orr, Ayelet Baram-Tsabari e Keren Landsman (2016), as mídias digitais mudaram o panorama da comunicação científica, passando pela forma como as pessoas buscam por informações relacionadas à saúde na internet. Nas redes sociais digitais como o *Facebook* as interações dos indivíduos com essas informações e como essas informações são encontradas produzem subjetividades nos indivíduos que as acessam, subsidiando a tomada de decisões sobre a própria imunização e de sua família.

2.5 DA VACA AO JACARÉ: MITO E DESINFORMAÇÃO EM REDE

Na Terra plana me criei, não precisei me vacinar.
(2020)

A música supracitada, composta no final do ano de 2020, apresenta uma crítica ao governo do então Presidente da República Jair Bolsonaro e faz uma alusão ao tom adotado por esse frente à pandemia de covid-19, que assolou o mundo em pleno século XXI. Essa postura por parte do mandatário do país, a qual não há como não incluir no debate sobre a temática, vai na contramão das políticas adotadas no Brasil referentes à vacinação. Decisões desencontradas nas negociações para aquisição e distribuição de vacinas, como a demora para responder às ofertas feitas pelas empresas produtoras de vacinas e problemas diplomáticos, como o que dificultou a compra de doses da Índia e desencorajamento da adesão à vacinação contra o “novo coronavírus”, através de ditos pejorativos que suscitam de forma atávica o perigo da transformação de vacinados em animais, marcaram a atuação do governo brasileiro nessa crise sanitária. No dia 18 de dezembro de 2020, em um evento em Porto Seguro (BA), o presidente justificou a recusa na compra das vacinas oferecidas pela empresa *Pfizer* alegando falta de

⁷ Dentre os pesquisadores que investigam a produção bibliográfica acerca do conceito de redes sociais digitais e sua influência na promoção da saúde podemos citar Sônia Cristina Vermelho, Ana Paula Machado Velho, Amanda Bonkovoski e Alisson Pirola, integrantes do grupo de pesquisa Ciência, Tecnologia e Sociabilidade do Mestrado em Promoção da Saúde. Os dados bibliográficos encontrados (artigos, teses e dissertações) indicaram um aumento de trabalhos publicados sobre o tema a partir de 2005, bem como uma concentração nas áreas de Comunicação e Educação (VERMELHO *et al*, 2014).

responsabilização da mesma sobre do aparecimento de efeitos colaterais: “Lá no contrato da *Pfizer* está bem claro: nós não nos responsabilizamos por qualquer efeito secundário. Se você virar um jacaré, é problema seu” (CORREIA, 2020). Ao contrário do autoritarismo republicano, que pretendeu instituir a vacinação compulsória no início do século XX, em 2020, o representante do Estado evocou as liberdades individuais como determinantes para a escolha de se vacinar ou não. “A vacina, uma vez certificada pela ANVISA^[8], vai ser extensiva a todos que queiram tomá-la. Eu não vou tomar” (CORREIA, 2020).

Já nos primeiros meses após o registro do primeiro caso de covid no Brasil, a posição negacionista de Bolsonaro se consolidou adquirindo um alcance capaz de sabotar o trabalho desenvolvido pelo próprio Ministério da Saúde, que indicava fortemente a necessidade de medidas de contenção para mitigar os efeitos da pandemia. Inspirada pelas considerações de Foucault (2014b), posso inferir que, quando o negacionismo se materializa em discursos concretos, ele cria instâncias de verdade e campos de realidade que atuam em rede e criam subjetividades que passam a considerar tais discursos de negação da realidade empírica como o modo adequado de objetivar interações.

A estratégia de Bolsonaro no enfrentamento da pandemia se definiu pela minimização dos riscos e recomendações de posturas que favoreciam a contaminação em massa, o que culminou com a demissão de vários especialistas, inclusive do Ministro da Saúde, Henrique Mandetta, que se afastou após censuras de boletins epidemiológicos e contradições públicas como a explicitada no pronunciamento do presidente à nação no dia 24 de março:

Nosso Ministro da Saúde reuniu-se com quase todos os Secretários de Saúde dos estados para que o planejamento estratégico de combate ao vírus fosse construído e, desde então, o Doutor Henrique Mandetta vem desempenhando um excelente trabalho de esclarecimento e preparação do SUS para atendimento de possíveis vítimas. Mas o que tínhamos que conter naquele momento era o pânico, a histeria. E, ao mesmo tempo, traçar a estratégia para salvar vidas e evitar o desemprego em massa. Assim fizemos, quase contra tudo e contra todos. Grande parte dos meios de comunicação foram [sic] na contramão. Espalharam [sic] exatamente a sensação de pavor, tendo como carro-chefe o anúncio de um grande número de vítimas na Itália, um país com grande número de idosos e com um clima totalmente diferente do nosso. Um cenário perfeito, potencializado pela mídia, para que uma verdadeira histeria se espalhasse pelo nosso país. (...) O vírus chegou, está sendo enfrentado por nós e brevemente passará. Nossa vida tem que continuar. Os empregos devem ser mantidos. O sustento das famílias deve ser preservado. Devemos, sim, voltar à normalidade. Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, como proibição de transporte, fechamento de comércio e confinamento em massa. O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima dos 60 anos. Então, por que fechar escolas? Raros são os casos fatais de pessoas sãs, com menos de 40 anos de idade. 90% de nós não teremos qualquer manifestação

⁸ Sigla da Agência Nacional de Vigilância Sanitária.

caso se contamine. Devemos, sim, é ter extrema preocupação em não transmitir o vírus para os outros, em especial aos nossos queridos pais e avós. Respeitando as orientações do Ministério da Saúde. No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão. Enquanto estou falando, o mundo busca um tratamento para a doença. O FDA americano e o Hospital Albert Einstein em São Paulo, buscam a comprovação da eficácia da cloroquina no tratamento do covid-19. Nosso governo tem recebido notícias positivas sobre este remédio fabricado no Brasil e largamente utilizado no combate à malária, lúpus e artrite. (...) Sem pânico ou histeria, como venho falando desde o início, venceremos o vírus e nos orgulharemos de estar vivendo neste novo Brasil, que tem tudo, sim, para ser uma grande nação. Estamos juntos, cada vez mais unidos, Deus abençoe nossa pátria querida. (TVBRASILGOV, 2020)

Com a transcrição de parte desse pronunciamento, embora se trate de uma citação longa, tive a pretensão de reunir os principais eixos discursivos que fundamentaram o negacionismo propagado por Bolsonaro. A disseminação desses ditos ganhou força através das redes sociais, como registrou o *Monitor do Debate Político no Meio Digital*⁹ apontando que o número de novos seguidores do Presidente no *Facebook* atingiu o maior pico do ano de 2020, nas 72 horas que se seguiram ao pronunciamento citado, o mesmo foi observado no *Instagram*, *Twitter* e *YouTube*.

Através desses ditos que o Presidente continuou disseminando desde então, e que foram reforçados por seus seguidores, o que se seguiu, ao longo dos meses, foi o fracasso das políticas de contenção ao vírus. As abordagens presentes no pronunciamento foram repetidas inúmeras vezes ao longo da pandemia, a desqualificação das medidas de contenção, a naturalização da morte e a suposição de uma espécie de teoria da conspiração foram encontradas nas falas de Jair Bolsonaro, conforme mapeado por Gilberto Grassi Calil (2021).

As estruturas de propaganda bolsonaristas comumente chamadas de *Gabinete do Ódio*, se encarregaram de amplificar as manifestações de Bolsonaro através da divulgação de mensagens nas redes sociais. Embora seja difícil definir a dimensão e o alcance dessas publicações, uma vez que os disparos ocorrem em grupos fechados e de forma privada, é possível identificar alguns relatos circulantes. Em um primeiro momento, era propagada a minimização dos riscos da pandemia, inferindo que ela não se desenvolveria no Brasil e que haveria poucos casos e reduzido número de vítimas pela predominância da população jovem e em decorrência do clima quente. Um estudo desenvolvido conjuntamente pelo projeto *Eleições*

⁹ O *Monitor do debate político no meio digital* é um projeto do *Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação* da USP que busca mapear, mensurar e analisar o ecossistema de debate político no meio digital. (MONITOR, 2022)

sem Fake e pelo *Monitor do Debate Político no Meio Digital*, que analisou 2.108 áudios¹⁰ que circularam entre os dias 24 e 28 de março de 2020, em 522 grupos públicos de *WhatsApp*, com a participação de mais de 18 mil usuários ativos, comprovou a enorme circulação de *fake news*. Uma das mensagens mais compartilhadas sustentava que o vírus não resistiria a temperaturas superiores a 26 graus. Como se sabe, as regiões mais quentes do país – como Amazonas, Pará, Maranhão, Pernambuco, Ceará e Rio de Janeiro – figuraram entre as mais intensamente atingidas nos primeiros meses da pandemia (CALIL, 2021).

Com o passar dos meses e o aumento do número de óbitos, o negacionismo presidencial se concentrou no anúncio de medicamentos supostamente milagrosos, em especial, a cloroquina, que foi apresentada como confiável diversas vezes por Bolsonaro, em suas *lives* semanais e em vídeos nas redes sociais. Outro ponto bastante importante, que era destacado pelos bolsonaristas, foi a contestação da veracidade dos registros, alegando que óbitos por acidentes e outras causas estariam sendo contabilizados como covid.

O mito, cuja etimologia remete a uma narrativa fantasiosa com o objetivo de explicar a origem das coisas que compõem a cultura de um povo, se deslocou para o terreno das gírias, onde assumiu uma conotação peculiar, passando a designar o autor de um feito surpreendente. É assim que genericamente os apoiadores do presidente Jair Bolsonaro o vem apelidando desde a campanha eleitoral de 2018. No entanto, pesam sobre ele acusações de veiculação de notícias falsas, com disparo de mensagens em massa através das redes sociais virtuais, mesmo antes da pandemia. Uma declaração da Organização dos Estados Americanos (OEA, 2018) manifesta que a circulação de notícias falsas no Brasil ocorreu num nível sem precedentes nos últimos anos. Para Adriana Teixeira (2018, p.15), “as particularidades do contexto online conferiram novos poderes às *fake news*”, à medida que passam dos tradicionais veículos de comunicação como o jornal, a revista, o rádio e a TV para o computador, o *tablet* e o celular, operando em rede.

Os primeiros registros do conceito de *fake news* na imprensa escrita remontam aos anos 1900. Utilizado para nomear notícias falsas fabricadas pelos veículos de comunicação da época, ainda hoje o vocábulo é suficiente para designar o fenômeno da desinformação que opera de forma substancial, principalmente nas redes digitais. Tidas como um polo de influências na

¹⁰ “Áudios em grupos de *WhatsApp* negam mortes por Coronavírus”. Eleições sem Fake/ Monitor do Debate Político no Meio Digital, 29 mar. 2020. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1LAD2eAaehCtFFzUw5iUbPuvUABjA97Na/view?fbclid=IwAR3f7kXrlq6FQXVSiGUL-MM_4yB3kN5EYRAZw310UlbNDcNJ9y7V5GvaonqI. Acesso em: 10 abr. 2022.

campanha presidencial americana e do plebiscito do *Brexit*¹¹ que culminou com a saída do Reino Unido da União Europeia, ambos no ano de 2016, as *fake news* desembarcam no Brasil, em 2018, nas eleições presidenciais com a candidatura do então Deputado Federal Jair Bolsonaro à Presidência do país pelo Partido Social Liberal (PSL). Empresas apoiadoras do candidato teriam investido milhões de reais no disparo de *fake news* pelo *WhatsApp* com ataques ao adversário Fernando Haddad do Partido dos Trabalhadores (PT), o que gerou investigações e resultou na tipificação do crime de denunciação caluniosa com finalidade eleitoral na Lei nº 13.834, de 4 de julho de 2019, que ficou conhecida como a *Lei das Fake News* (BRASIL, 2019). O texto da Lei prevê que, se comprovado o compartilhamento de notícias falsas envolvendo eleições e candidatos, o autor poderá ser penalizado com dois a oito anos de prisão.

Vale ressaltar, contudo, que as *fake news* não são uma criação da internet. Não é de hoje que mentiras são noticiadas como verdades. No Brasil, uma “*fake news*” famosa culminou com a instituição da Ditadura do Estado Novo. Denominado de *Plano Cohen*, o suposto documento divulgado pelo então chefe do Estado-Maior do Exército brasileiro, General Goés Monteiro, através do programa de rádio *Hora do Brasil*, em 30 de setembro de 1937, acusava o Partido Comunista de estar se preparando para causar tumultos entre operários e estudantes, causando incêndios, depredações, eliminação de autoridades civis e militares e exigência de libertação de presos políticos. O então Presidente Getúlio Vargas não questionou a veracidade dos documentos e solicitou ao Congresso Nacional a decretação de Estado de Guerra, o que ocorreu no dia 1º de outubro daquele mesmo ano, com o apoio de diversas lideranças nacionais, dando origem à nova Constituição e marcando o início ao Estado Novo, uma ditadura que durou até 1945.

Com o advento das redes sociais, o que se segue é uma popularização da circulação dessas notícias falsas com a organização de grupos específicos que operam na disseminação de boatos. No entanto, as empresas que atuam nesse segmento são de difícil identificação, pois operam na chamada *deep web*¹², uma parte da rede que não é indexada pelos mecanismos de buscas, ficando assim, ocultas ao grande público.

¹¹ *Brexit*, palavra criada pela fusão de "British" e "exit" (em tradução livre: “britânico” e “saída”) significa a saída do Reino Unido da União Europeia (EU), movimento político iniciado nos anos 1970 e concretizado no dia 31 de janeiro de 2020 (BREXIT, 2021).

¹² Em tradução simples, rede profunda.

Para a veiculação das *fake news*, é criada uma página na internet na qual um robô programado pelos administradores é o responsável por disseminar os *links* nas redes. Esses disparos de informação se tornam mais frequentes quanto mais o assunto é mencionado, chegando à impressionante marca de um envio a cada dois segundos, o que seria impossível para qualquer humano. Devido ao grande volume de informação possibilitada pelas redes virtuais, pessoas reais se tornam vulneráveis às *fake news* e acabam compartilhando essas informações. Uma estratégia bastante comum, dentre os *sites* de *fake news*, é a utilização de endereços e *layouts* parecidos com os de grandes portais de notícias, dando a impressão ao internauta de que se trata de uma notícia confiável (BATISTA, 2021). No sentido de reduzir os efeitos das *fake news*, foram criadas no Brasil agências especializadas em checar a veracidade de notícias suspeitas e de boatos: *fact-checking*, como a *Agência Lupa*, *UOL Confere*, *Boatos.org*, entre outras.

Quando se trata do campo da saúde, mais especificamente da temática das vacinas, meu interesse em abordar os acontecimentos históricos relativos à crescente circulação de notícias falsas, inclusive com o incentivo do governo, está ligado ao fato de que informações distorcidas e equivocadas podem representar riscos reais para a população. Durante a pandemia, é importante observar a circulação de mensagens desse tipo tiveram impacto negativo sobre as medidas de mitigação como o isolamento social e o uso de máscaras pela população. O *Monitor do Debate Político no Meio Digital* confirma, em Nota Técnica¹³, a correlação entre apoio a Bolsonaro e relaxamento dos cuidados.

No artigo intitulado *Fake news e vacinas na era “pós-verdade”* (DRESCH *et al*, 2020), alertamos para o crescimento da produção e a disseminação de notícias falsas, ou *fake news*, no campo da saúde e como esse fenômeno tem comprometido a capacidade dos agentes públicos e cidadãos para atenuar os efeitos que elas podem causar. O trabalho buscou analisar textos classificados como *fake news* sobre vacinação, disponibilizados pelo portal do Ministério da Saúde do Brasil, em uma aba chamada de *Saúde sem Fake News*, no período de 24 de agosto de 2018 e 3 de setembro de 2019. Dentre os ditos analisados, a partir desse material, foram encontradas notícias sobre supostas reações adversas da vacinação, críticas à indústria de vacinas e sobre a efetividade das estratégias de imunização e eventos adversos pós-vacinação,

¹³ “Nota Técnica #09 — Eleitores e apoiadores de Bolsonaro respeitam menos a quarentena”. *Monitor do Debate Político no Meio Digital*, 6 mai. 2020. Disponível em: https://www.monitor-digital.org/2020/05/06/nota-tecnica-09/?fbclid=IwAR2F3_TkJ-tjj7UYpL24wpBstUtXlZ-DHX-wO8d-iiUCfpGFmQP7yAVgdOqE. Acesso em: 11 abr. 2022.

entre outros. Os tópicos abordados podem facilitar a produção de subjetividades que resultam em recusa ou hesitação vacinal¹⁴ cujos impactos vão além da saúde individual, adentrando o perfil epidemiológico da sociedade. Afinal,

Uma *fake news* que é obviamente falsa pode ser hilária e ser compartilhada pelo seu valor cômico. Porém, uma *fake news* que convence os usuários de um argumento errado é claramente mais preocupante. Se um usuário, que chamemos de Alice, será convencido ou não de uma questão sobre o mundo, dependerá não apenas das informações que ela mesma tem, e na veracidade da alegação, mas também em como seus amigos reagem àquela informação nas redes sociais digitais. (...) Quando Alice decidir na veracidade da alegação, ela combinará as ações dos amigos e suas informações pessoais para chegar a um julgamento. (AYMANN, FOERSTER, GEORG; 2017, p.1)

No início do ano de 2020, com a crise ocasionada pela pandemia de covid-19, os grupos que originalmente espalhavam notícias contrárias às vacinas desviaram seu foco para o novo coronavírus, veiculando seus conteúdos principalmente por meio de redes sociais. Em matéria divulgada na edição de 31 de março de 2020 do *Jornal da USP*, e produzida pelo *União Pró-Vacina*¹⁵, percebi que os métodos desses grupos antivacinas consistem na distorção de conteúdo científico e jornalístico, teorias da conspiração e até oferta de curas a partir da utilização de produtos reconhecidamente como tóxicos para a saúde humana. A análise concluiu que, no intervalo de 15 a 21 de março, houve uma mudança de comportamento desses movimentos sociais.

Segundo essa mesma matéria, o Brasil não alcançou a meta de 95% de cobertura vacinal em nenhuma das 14 vacinas do calendário anual em 2019, o pior índice em 25 anos. Esses números se refletem no reaparecimento de casos de sarampo, doença anteriormente considerada erradicada do país. A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera que a rejeição à imunização é uma das principais ameaças frente ao coronavírus (SALAS, 2020). Um estudo publicado recentemente na revista *The Lancet* divulgou que 26% dos franceses não tomariam a

¹⁴ Quando se trata de recusa total à vacinação as famílias se excluem deliberadamente dos programas de imunização alegando motivações de natureza diversa, já quando falamos em hesitação vacinal, os indivíduos recebem notícias sobre possíveis malefícios da vacinação e se mantêm relutantes até que possam confirmar ou refutar a hipótese levantada. Do ponto de vista epidemiológico, ambas as ações enfraquecem os programas de prevenção, pois a hesitação também leva ao atraso no calendário vacinal e a possível perda da imunização na faixa etária adequada para garantir a plena eficácia das vacinas.

¹⁵ A *União Pró-Vacina* é uma iniciativa organizada pelo *Instituto de Estudos Avançados* (IEA) - Polo Ribeirão Preto da USP, em parceria com o *Centro de Terapia Celular* (CTC), o *Centro de Pesquisa em Doenças Inflamatórias* (CRID), a *Ilha do Conhecimento*, a *Vidya Academics*, o *Gaming Club* da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade de Ribeirão Preto (FEA-RP), o *Instituto Questão de Ciência* e o *Pretty Much Science*, cujo objetivo é unir instituições acadêmicas e de pesquisa, poder público, institutos e órgãos da sociedade civil para combater a desinformação sobre vacinas, planejando e coordenando atividades conjuntas.

vacina contra a nova patologia. No Reino Unido, esse índice chega a 12% e, nos Estados Unidos, uma quarta parte da população não tem interesse em se vacinar contra a covid-19 (PERETTI-WATEL *et al*, 2020).

Para Neil Johnson *et al* (2020), o movimento antivacinação ao redor do mundo “revela uma paisagem multifacetada de complexidade sem precedentes, que envolve quase 100 milhões de indivíduos divididos em *clusters* altamente dinâmicos e interconectados em cidades, países, continentes e idiomas” (p.2, grifo nosso). Segundo esse estudioso do tema, o atual cenário reúne os requisitos apropriados à instauração de dúvidas e questionamentos que atuam na produção de novos discursos de reafirmação da crise. Os antivacinas agem no sentido de arrebatam os milhões de indecisos que circulam na rede *online* principal, com produção de conteúdo em massa e compartilhamento em diversos formatos, como *links* e vídeos, que podem ser facilmente reproduzidos em outras plataformas.

No contexto da pandemia de covid-19 e considerando seus desdobramentos no Brasil, considera-se que vivemos momentos especialmente dramáticos no que concerne às questões de saúde e abrangendo a questão das imunizações. Ao atentar para essa problemática, busquei contribuir para a compreensão dessa rede discursiva que, através dos possíveis efeitos de verdades, procura dirigir as condutas, desde os indivíduos até as populações, para a recusa de vacinas.

3 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentarei alguns conceitos que fazem parte da construção dessa pesquisa. Sendo as análises inspiradas nos escritos de Michel Foucault as mais recorrentes no trabalho, considero pertinente lançar mão da metáfora da caixa de ferramentas, à qual o filósofo se refere ao expressar como desejava que seus operadores teóricos fossem utilizados:

São pistas de pesquisa, ideias, esquemas, pontilhados, instrumentos: façam com isso o que quiserem. No limite, isso me interessa, e isso não me diz respeito. Isso não me diz respeito, na medida em que não tenho que estabelecer leis para a utilização que vocês lhes dão. E isso me interessa na medida em que, de uma maneira ou de outra, isso se relaciona, isso está ligado ao que eu faço. (FOUCAULT, 1999, p.4)

De posse dessas ferramentas, se as usarei para derrubar paredes ou para lapidar superfícies, isso diz mais respeito aos modos de apropriação que delas farei, do que às iniciativas do autor. Para Alfredo Veiga-Neto (2016), Foucault não pode ser encarado como o criador de uma tendência, nem como um revolucionário, mas sua complexa e potente obra se propõe a “compor com”, demonstrar pontos de conexão e oferecer catalisadores para o pensamento.

Mesmo não tendo escrito especificamente sobre a educação, esse autor deixou diversos percursos possíveis de serem seguidos para refletir sobre a temática. Suas contribuições para o entendimento das relações entre a escola e a sociedade, entre a Pedagogia, aqui entendida como a Pedagogia Cultural, e a subjetivação moderna, são significativas, pois colocam em movimento uma vontade de saber (VEIGA-NETO, 2016). Essa vontade se expressa à medida em que se busca, apoiado no pensamento de Foucault, encontrar respostas para a famosa questão nietzschiana: que estão (os outros) e estamos (nós) fazendo de nós mesmos? E a partir dessa indagação/indignação buscamos aprimorar nosso processo de existir (VEIGA-NETO, 2016).

3.1 ESTUDOS CULTURAIS

A presente Dissertação se inscreve no campo dos Estudos Culturais (EC), campo esse que propõe, através da articulação com diversas áreas do conhecimento, o mapeamento das condições de possibilidade¹⁶ para o aparecimento das problemáticas que afetam as sociedades contemporâneas, investigando seus modos de emergência e suas práticas (BONIN *et al*,

¹⁶ Dizem respeito às regras que tornam possível o aparecimento de determinados discursos em um tempo e lugar.

2020)¹⁷. Conforme Andresa Mutz (2014, p.3), “(...) a cultura pode ser entendida como espaço de lutas por significação, o que implica admiti-la, também, como arena em que se estabelecem embates que envolvem relações de poder”. Essa afirmação corrobora o que indica Marisa Vorraber Costa: “quem tem o poder de narrar o outro, dizendo como está constituído, como funciona, que atributos possui, é quem dá as cartas de representação, ou seja, é quem estabelece o que tem ou não tem estatuto de ‘realidade’” (2004, p.77, grifo da autora). Tais estudos se ocupam das ações políticas dos sujeitos implicados nessas problemáticas, colocando-se em uma posição de grande potência frente ao momento histórico que atravessa essa escrita.

Os Estudos Culturais britânicos¹⁸ nasceram a partir de movimentações de certos grupos sociais levados pelos anseios por uma cultura mais democrática. As bases dessa, que pode ser chamada de cultura de massa, estão assentadas em uma educação de livre acesso para as pessoas comuns, onde seus saberes possam ser valorizados e seus interesses contemplados (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003). Inicialmente na Inglaterra vislumbrou-se “um projeto de pensar as implicações da extensão do termo ‘cultura’ para que incluía atividades e significados das pessoas comuns, esses coletivos excluídos da participação na cultura quando é a definição elitista que a governa” (BARKER & BEEZER, 1994, p.12, grifo no original).

Os Estudos Culturais se configuram, desde sua origem, como espaços marcados pela marginalidade, representando alternativas de atuação, cuja proposição é fazer frente às tradições elitistas e às distinções hierárquicas entre alta cultura e cultura de massa, entre cultura burguesa e cultura operária, entre cultura erudita e cultura popular.

Seus praticantes não buscam ser situação, mas (o) posição; não procuram tanto por consensos, mas travam batalhas e embates críticos consigo mesmos, com os saberes tidos como consolidados na Academia, com os entendimentos naturalizados acerca dos espaços educativos e dos sujeitos que neles habitam, com as abordagens cristalizadas de pesquisa da/na escola, bem como lutam contra as explicações mais evidentes para os mais diversos (e complexos) comportamentos e fenômenos. Ou seja, os praticantes destes estudos não buscam assumir o papel de privilegiados propositores de soluções imediatas para problemáticas que afetam as sociedades contemporâneas – preocupam-se, no entanto, com a indicação de tais problemáticas, com o mapeamento de suas condições de possibilidade, com a investigação dos modos ou das circunstâncias de sua emergência, bem como das práticas e dos sujeitos

¹⁷ “(...) é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram para uma época dada e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2012, p.153-154).

¹⁸ A Inglaterra é reconhecida como o berço dos Estudos Culturais, por conta da prolífica produção existente naquele país no campo da teoria cultural. No entanto, algumas obras apontam que os estudos sobre a cultura teriam se desenvolvido simultaneamente em outros países europeus, asiáticos e latino-americanos. Os EC foram instaurados em diversos locais do mundo no século XX, época em que os avanços tecnológicos, especialmente no campo da informação, produziram modificações importantes na organização do capitalismo favorecendo a inscrição de outros grupos e sujeitos coletivos no mapa cultural e político daquele século (BONIN *et al*, 2020).

implicados em tais problemáticas, sendo essas as ações políticas com as quais tais estudos, predominantemente, se ocupam. (BONIN *et al*, 2020, p.2)

No século XX, foi assinado um manifesto com o intuito de fazer frente aos avanços da cultura de massa, ao que a burguesia inglesa chamou de declínio cultural, padronização da cultura, nivelamento por baixo. O texto desse manifesto propunha a criação de postos nas escolas e universidades, onde “seletos grupos de intelectuais” atuariam em defesa da “verdadeira cultura”. Os EC surgem em oposição a essa concepção elitista de cultura. Através de suas abordagens, esse campo enfatiza a importância de se analisar o conjunto da produção cultural de uma sociedade, seus diferentes textos e práticas, para a compreensão dos padrões de comportamento e o conjunto de ideias compartilhadas por homens e mulheres que nela vivem (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003).

Stuart Hall (1997a) aponta para as desigualdades existentes no seio das sociedades capitalistas. Tais desigualdades se referem à etnia, sexo, gerações e classes, sendo que a cultura é o principal *locus* onde são estabelecidas e contestadas tais distinções. Na esfera cultural travam-se as lutas pela significação, onde os grupos subordinados procuram fazer frente à imposição de significados que sustentam os interesses dos grupos hegemônicos.

As teorizações propostas por Iara Tatiana Bonin *et al* (2020) definem os Estudos Culturais como um campo no qual as práticas e eventos são examinados de modo a indicar que lugar ocupam nas formações históricas. No contexto contemporâneo do Brasil, a discussão sobre temas que fazem parte do mundo, das mídias e do cotidiano constituem um importante terreno de produção de saberes. Para Sandro Bortolazzo (2020, p.3), “o campo dos Estudos Culturais enxerga a cultura não como um espaço definido por tradições, costumes, hierarquias, erudições, mas enquanto um conceito que se expande a qualquer ritual da vida cotidiana”.

A busca por novas possibilidades articulatórias denota a preocupação dos EC com a exploração de diferentes direções e territórios para seus estudos. Nesse sentido, pode-se pensar nas articulações possíveis entre esse campo e a Educação, essa última compreendida aqui não como elemento de instrução escolar, mas considerando questões que escapam aos limites da educação formal para adentrar o terreno de processos de subjetivação que constituem e direcionam as condutas dos sujeitos (BORTOLAZZO, 2020).

A relação entre os EC e o campo da educação vem se expandindo rapidamente através da produção de estudos e das possibilidades multifacetadas dessas conexões. No entanto, é necessário atentar para o caráter controverso dessa relação, pois apesar dos EC terem se originado no campo da Educação de Adultos, incluindo inicialmente trabalhos e grupos em educação, essa origem foi marginalizada dando lugar a uma narrativa que colocou a crise nas

Humanidades e nas Ciências Sociais como momento originário do campo, ficando a Educação em segundo plano como campo contributivo aos debates. Apesar disso, as discussões aportadas nesses dois campos convergem por meio de seus discursos e práticas que frequentemente mesclam Educação e Estudos Culturais. Pode-se dizer que “os Estudos Culturais em Educação constituem uma ressignificação e/ou uma forma de abordagem do campo pedagógico em questões como cultura, identidade, discurso e representação” (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003, p.19).

Torna-se necessário, ainda, estabelecer alguns pontos de aproximação entre os Estudos Culturais e o pensamento de Foucault. Para isso, me utilizei das considerações de Alfredo Veiga-Neto (2000), que discorre sobre as dificuldades de realizar essa articulação. O autor considera que embora a arqueologia, a genealogia e a ética foucaultianas tratem do sujeito pensado pela Modernidade, um sujeito diverso, descentrado e múltiplo que se encontra na contemporaneidade, tais teorias podem ser úteis. Voltando a analogia dos conceitos foucaultianos como ferramentas para descrever seu “uso” pode-se encontrar utilizações apropriadas e outras mais problemáticas:

Nada de imposições, uma possibilidade entre outras; certamente que não mais verdadeira que as outras, mas talvez mais pertinente, mais eficaz, mais produtiva... E é isso que importa: não produzir algo de verdadeiro, no sentido de definitivo, absoluto, peremptório, mas dar ‘peças’ ou ‘bocados’, verdades modestas, novos relances, estranhos, que não implicam em silêncio de estupefação ou um burburinho de comentários, mas que sejam utilizáveis por outros como as chaves de uma caixa de ferramentas. (EWALD, 1993, p.26)

À medida que Foucault, seguindo as ideias de Nietzsche, assume a contingência do sujeito moderno, ele assume a contingência desse sujeito em sua totalidade, um sujeito em qualquer tempo. Ao lado disso, ele aponta métodos que possibilitam pensar como se deu (e se dá) a fabricação desse sujeito moderno, métodos esses que podem ser utilizados como propulsores para as análises, combinando-o com outros campos e inventando novas maneiras de compreender a subjetivação fragmentária pós-moderna (VEIGA-NETO, 2000). Alguns aspectos do pensamento de Foucault, como discurso e sujeito, permitem buscar articulações com outros advindos dos Estudos Culturais, como interpelação e cultura.

Ao reconhecer Foucault como um edificante, estou situando-o como um pós-estruturalista. Ora, na medida em que a condição pós-moderna implica a dissolução das metanarrativas, a fragmentação e o abandono dos ismos, as conexões entre Foucault e outros autores ou perspectivas – mesmo que também sejam pós-modernos – não são triviais. Em suma, se operar com a perspectiva foucaultiana já apresenta, por si só, algumas dificuldades, as tentativas de aproximação entre ela e outros campos de saberes revelam obstáculos consideráveis. Isso é tão mais problemático na medida em que também o campo dos Estudos Culturais caracteriza-se por não ser – e não querer ser – um campo homogêneo e disciplinar. (VEIGA-NETO, 2000, p.1)

Para as investigações realizadas pelos Estudos Culturais acerca das relações entre multiculturalismo e educação é produtivo incorporar elementos do pensamento de Foucault, para pensar os mecanismos discursivos através dos quais determinados saberes se constituem como saberes universais. Os estudos inscritos nesse limiar entre os Estudos Culturais e as teorizações do autor produzem inúmeras possibilidades que vêm sendo exploradas por pesquisadores que se ocupam da investigação acerca das relações entre cultura e processos educativos.

Mas, e no caso da temática dos grupos antivacinas presentes no *Facebook*? Onde a educação entra nessa pesquisa? Dorothy Nelkin e M. Susan Lindee (1995b), através de sua pesquisa acerca da cobertura dos fatos científicos e tecnológicos na mídia norte-americana dos anos 1990, afirmam que, para muitas pessoas, a realidade científica é o que elas leem na imprensa. Ou seja, essas pessoas entendem e aprendem a ciência e a tecnologia através do filtro da linguagem jornalística e do seu imaginário e não através da experimentação/experiência direta ou da educação institucionalizada. As mídias, em especial as redes sociais, falam a respeito do corpo, da beleza e da saúde, assim como falam dos “perigos” das vacinas. A onipresença das mídias e da internet em nossas vidas cotidianas vai construindo o regime de verdade acerca das ciências.

Giroux e McLaren (1995) ampliam os entendimentos acerca dos locais onde a educação se dá ao assumirem que “existe pedagogia em qualquer lugar em que o conhecimento é produzido” (p.144). Já nos anos 90 esses autores afirmavam que a fotografia, a televisão, o rádio, o cinema, as novelas, os jornais e as revistas eram instâncias produtoras não apenas de conhecimento, mas de representações e subjetividades. Ao ampliar esse debate para a internet e para as redes sociais digitais, percebe-se que, na contemporaneidade, essas são instâncias produtoras, veiculadoras e fixadoras de ideias, ideais, crenças, sentimentos e emoções em uma dada sociedade e em um dado espaço de tempo e, por isso mesmo, se inserem no terreno da educação para além dos muros escolares.

No que diz respeito às metodologias adotadas dentro do campo dos Estudos Culturais, me apoiei em considerações lançadas por Daniela Ripoll (2001) a partir das quais a autora infere que os EC não aceitam qualquer metodologia ou qualquer tipo de contribuição de outras áreas/campos. Stuart Hall (1997b), aponta a abordagem discursiva de Foucault como uma das mais utilizadas nos trabalhos na perspectiva dos Estudos Culturais, juntamente com a abordagem semiótica da qual não me ocupei nesta Dissertação. Essa abordagem discursiva se preocupa em analisar os efeitos e consequências da representação, examinando:

(...) não apenas a forma como a linguagem e a representação produzem significados, mas como o conhecimento produzido por determinado discurso liga-se ao poder, regula as condutas, forma ou constrói identidades e subjetividades, e define a forma como são representadas, refletidas, praticadas e estudadas certas coisas. (HALL, 1997b, p.6)

No *Facebook*, a repetibilidade e a proliferação constante de ditos se apresentam como uma espécie de “pedagogia da mídia”. Em seus escritos, que se referiam especialmente à televisão, Rosa Maria Bueno Fischer (2002) mostra o modo como opera a mídia e como esta busca participar, de forma efetiva, da constituição de sujeitos e subjetividades através da produção de “imagens, significações, enfim, saberes que de alguma forma se dirigem à ‘educação’ das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem” (p.153, grifo no original). Deslocando esse entendimento para as redes sociais digitais pude constatar que, através do contato com determinadas ideias, os sujeitos apreendem comportamentos e valores, os quais são reproduzidos e naturalizados de forma a organizar a vida cotidiana desses sujeitos, operando como um sistema de referência para suas ações tanto no que tange a materialidade até valores simbólicos como a própria saúde.

3.2 CULTURA DIGITAL

Para analisar a educação pelas mídias e os processos de subjetivação que se constituem pelas redes sociais virtuais, precisei abrir um parêntese para discutir aqui o conceito de Cultura Digital. Zygmunt Bauman (2010) sinaliza para uma primeira investigação sobre esse conceito e os deslocamentos na ideia de Educação. Segundo as teorizações desse autor, o projeto de educação produzido na Modernidade Sólida tornava a “formação do ser humano uma responsabilidade plena e exclusiva da sociedade como um todo, em especial de seus legisladores” (BAUMAN, 2010, p.103). Constituía-se, então, o dever do Estado em guiar as condutas dos sujeitos, formar cidadãos, o que representava “o conceito e a prática de uma sociedade administrada” (BAUMAN, 2010, p.103).

Os moldes da educação pensada para a Modernidade Sólida – derivada do Iluminismo – eram rígidos, finitos e sequenciais de forma a produzirem uma educação ordeira, regular, previsível, hierárquica (BAUMAN, 2010). Em contraposição a esse modelo, a educação inscrita na era da Cultura Digital surge dentro da perspectiva da “Modernidade Líquida”, descrita por Bauman (2001) como uma educação fluida, móvel, cambiante e entrelaçada às estratégias de vida nas sociedades contemporâneas. Nesse contexto, as práticas de formação dos sujeitos escolares da Modernidade são questionadas assumindo outra roupagem: flexível, fragmentada,

múltipla e atuante na produção de sujeitos aptos a lidar com a velocidade, com as incertezas e com as constantes adaptações e atualizações.

Nas possibilidades de acesso a milhões de informações com um simples toque na tela, os sujeitos são conduzidos a incorporar a tecnologia de *smartphones* e *tablets* como algo que movimenta as relações sociais, transitando entre conteúdos que vão desde entretenimento, política, esporte até saúde e economia. Os artefatos digitais, por se encontrarem integrados aos vários setores da vida, também estão implicados nos processos de formação dos sujeitos. Uma educação que está mais distante daquela fabricada na Modernidade e mais afinada ao estilo expresso e móvel, sintoma de uma sociedade que tem investido fortemente em material tecnológico (BORTOLAZZO, 2020).

As relações entre Cultura Digital e Educação implicam, ainda, refletir sobre as práticas, estratégias e saberes utilizados para conduzir os sujeitos. Assim, a Cultura Digital opera dentro de um conjunto de formações discursivas recirculadas a partir da utilização de artefatos tecnológicos. Foucault (1995) mostrou que cada sociedade funciona de acordo com seus regimes de verdade, sendo estes construídos em um determinado contexto histórico e em conformidade com certas regras e domínios.

Acerca desses domínios, sublinho a existência de uma Condição Digital que é inerente à sociedade contemporânea. Bortolazzo (2020), referenciando Felix Stalder (2018), considera que, nesse momento da história, a transformação de dados e processos informacionais do analógico para o digital atingiu o seu ápice. Nos vemos frente a uma época na qual as atividades individuais e coletivas, privadas e públicas, assim como espaços e práticas cotidianas (laborais, esportivas, recreativas) têm se apoiado em infraestruturas digitais para operação, comunicação e coordenação. Dentro dessa perspectiva digital, é possível lidar com grandes volumes de informações, infinitamente superiores as de modelos anteriores, como a imprensa e as bibliotecas físicas. É fato que a produção de dados pelos humanos e pelas máquinas cresce exponencialmente ao mesmo passo em que os custos de armazenamento e processamento de energia diminuem.

Para Stalder (2018), a chamada Condição Digital apresenta três características culturais bem definidas. Em primeiro lugar, o autor trata da referencialidade caracterizada por um sistema/conjunto de referência, um método onde as infraestruturas digitais conferem aos sujeitos o papel de protagonistas e produtores dos processos culturais. Dentro dessa racionalidade, os sujeitos se comportam como “merecedores de atenção” criando assim, modos particulares de autorreferência. Por vezes, essas referências estão vinculadas aos cuidados de si, com a saúde, com a alimentação, com o corpo, podendo ainda, estar focados na atenção

requerida por outras pessoas que estão conectadas a esses sujeitos, que através de *emojis*, *likes*, visualizações, compartilhamentos e comentários atribuem sentido à referencialidade na Condição Digital. Esse mundo virtual representa uma arena cultural que não se limita ao próprio sujeito, mas em referência a outros indivíduos.

Num segundo ponto, Stalder (2018) analisa a comunalidade, que se refere ao que é comum, remete a um sentimento ou espírito de cooperação e pertencimento a determinados grupos estimulado pelas infraestruturas de base digital. Considera-se que a comunalidade ocorre dentro de um quadro de referências cuja existência depende de certas formações comunais através das redes digitais. Nesse tipo de formação cultural, vivida na contemporaneidade, os significados são gerados pela validação das contribuições de cada um a partir de curtidas ou comentários de um semelhante, nas redes sociais ou através da criação de um horizonte de elementos relevantes para um grupo a partir de fotos, *stories*, opiniões políticas, etc.

A terceira e última característica discutida é a algoritmidade. Ela apresenta aspectos inscritos nos processos culturais, arquitetados e organizados pelas máquinas. Seguindo Stalder (2018), os algoritmos podem ser definidos como uma sequência lógica de instruções a serem seguidas para resolver um problema ou executar uma atividade. Recorre-se aos algoritmos para converter grandes quantidades de dados em informações, tendo em vista que seria impossível ler os bilhões de *sites* disponibilizados via internet. Por exemplo, os algoritmos de pesquisa, como os do *Google*, reduzem a quantidade de dados de forma a torná-los gerenciáveis. No entanto, os algoritmos são ambivalentes. Ao mesmo tempo em que criam dependências, ordenando e tornando o mundo informacional disponível e inteligível, também dirigem as condutas, agenciando as formas de pesquisar e induzindo certas formas de se movimentar no universo digital. É possível afirmar que a algoritmidade – tomando os algoritmos como produtos da Cultura Digital – incorpora valores, condutas e suposições sobre o que é ou deveria ser importante ou irrelevante para resolver um problema, ou mesmo o que deve ou não interessar e satisfazer as necessidades de um usuário. Os algoritmos criam práticas culturais na medida em que instigam formas de pesquisar, estimulam certos tipos de comportamentos e acabam produzindo, inclusive, determinados estilos de vida. Além disso, a algoritmidade forma uma nova hierarquia de poder, uma vez que condiciona fluxos de informação em grande escala (BORTOLAZZO, 2020).

Nesse sentido, os filtros utilizados nas comunicações via redes digitais se apresentam não apenas como elemento de pesquisa, mas também de poder, na medida que selecionam informações com base em determinado histórico de pesquisa. *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *Google* direcionam notícias, publicações, fotos e vídeos de acordo com referências que denotam

o interesse dos sujeitos, determinando o que deve estar no foco das atenções e o que deve ser ignorado. As redes sociais ampliam as estratégias de alcance através de comerciais, propagandas políticas, profissionais, comportamentais, entre outras.

Henry Jenkins, um dos mais influentes pesquisadores de mídia na atualidade, em entrevista concedida à Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, em 2016, disse que tudo está em fluxo, pois estamos atravessando um momento de transição prolongado e profundo da mídia. Ele considera ainda importante notar que as mudanças no Brasil estão acontecendo de forma diferente e em diferentes contextos nacionais. As dinâmicas das mídias de massa estão cada vez mais concentradas em redes participativas. Jenkins considera o engajamento como um valor monetário essencial utilizado pela indústria para medir o sucesso, uma vez que o público se encontra cada vez mais fragmentado em várias plataformas de mídia e as mídias sociais estão incorporadas à maioria das estratégias de programação. A chamada Cultura da Convergência se caracteriza pela produção de sujeitos dotados de habilidades desenvolvidas pelos jogos digitais e o consumo recreativo da mídia conduzindo cada vez mais a vida política dos sujeitos (JENKINS, 2016).

A chamada Cultura da Conexão, descrita pelo mesmo autor, imprime uma dinâmica de comunicação em rede mais participativa. Esses impulsos foram operados em conjunto com as estratégias da Web 2.0, que visam conter e mercantilizar o desejo do público de ter mais voz nas decisões que impactam a produção de mídia e circulação. O engajamento gerado pelos aparelhos pessoais e hiperconectados permitem que o indivíduo se insira em amplas redes e comunidades virtuais atuando como produtor de conteúdo e integrante dos processos de democratização do compartilhamento de informações.

No entanto, Evgeny Morozov (2018) alerta que, embora as inovações apontem para essa democratização na produção de conteúdo, a concentração de dados em plataformas dirigidas por poucas empresas, em sua maioria privadas, representa uma ameaça aos processos democráticos levando-nos a desconfiar da imensa “infodemia” na qual estamos mergulhados. Jonh Zarocostas (2020) classifica a “infodemia” como um grande aumento no volume de informações associadas a um assunto específico. Para o autor, a pandemia de covid-19 representa um evento que propiciou a multiplicação exponencial das (des) informações. Nessa situação, torna-se difícil identificar fontes confiáveis, em contraste com os rumores e a manipulação de informações com intenção duvidosa. No contexto da sociedade hiperconectada, as redes sociais funcionam como amplificadores desses fenômenos fazendo-os se alastrar mais rapidamente.

3.3 A RACIONALIDADE NEOLIBERAL: INTERLOCUÇÕES COM O MOVIMENTO ANTIVACINAS

Uma das características da racionalidade neoliberal é a expansão e fortalecimento da “lógica de mercado” para além da esfera mercantil, estendendo-se para todas as instâncias da vida. A racionalidade neoliberal produz a figura do sujeito autogerado operando a partir de um conjunto de técnicas e práticas para chegar a essa nova forma de constituir as subjetividades.

O neoliberalismo, cujos princípios de controle pressupõem um tipo de liberdade dissociada da autoridade estatal, não se constitui simplesmente como uma ideologia, antes disso, trata-se de um processo histórico de construção estratégica, no qual o Estado assume uma posição horizontal de competição com todos os outros agentes econômicos privados. Como explicam Pierre Dardot e Christian Laval (2016):

(...) o neoliberalismo, antes de ser uma ideologia ou uma política econômica, é em primeiro lugar e fundamentalmente uma racionalidade e, como tal, tende a estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas até a própria conduta dos governados. A racionalidade neoliberal tem como característica principal a generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação. (...) O neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência. (p.17)

A racionalidade neoliberal estabelece certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver e de se comportar em relação a nós mesmos e em relação aos outros. Nessa lógica o indivíduo é instado a se comportar como uma empresa, passando a viver num universo de competição generalizado que remodela as subjetividades sob diferentes aspectos, sejam eles políticos, com a conquista do poder pelas forças neoliberais, econômicos, com o crescimento do capitalismo financeiro globalizado, ou sociais, com a individualização das relações sociais (DARDOT; LAVAL, 2016). Nesse último aspecto, reside a possibilidade de interlocução entre a racionalidade neoliberal e os movimentos antivacinas, pois essa produz um novo sujeito que tende a expandir a lógica da empresa de si para todas as dimensões de sua existência, em detrimento de uma solidariedade coletiva e do pensamento biopolítico do cuidado da população.

A empresa de si mesmo não é uma filosofia ou uma ideologia: é um movimento que fornece experiências e ferramentas que levam as pessoas a evoluir em seus contextos de vida (empresas, bairros, associações, família, rede de contatos etc.). É uma técnica de desenvolvimento para toda a vida. (AUBREY, 2000, p.31)

Dentro dessa lógica, cada sujeito aprenderia a ser “ativo” e “autônomo” operando ações sobre si mesmo. As estratégias de vida aprendidas dentro desse modelo se baseiam na valorização do capital humano próprio, da individualização e da responsabilização pelo próprio sucesso. A racionalidade neoliberal impõe maneiras de se posicionar e agir através do aliciamento das subjetividades, ao qual não escapa nenhuma esfera da vida. As decisões acerca das questões de saúde, incluídas aí as imunizações, se encontram envoltas por essa lógica de concorrência e autogestão:

(...) a ação coletiva se tornou mais difícil, porque os indivíduos são submetidos a um regime de concorrência em todos os níveis. As formas de gestão na empresa, o desemprego e a precariedade, a dívida e a avaliação, são poderosas alavancas de concorrência interindividual e definem novos modos de subjetivação. A polarização entre os que desistem e os que são bem-sucedidos mina a solidariedade e a cidadania. Abstenção eleitoral, dessindicalização, racismo, tudo parece conduzir à destruição das condições do coletivo e, por consequência, ao enfraquecimento da capacidade de agir contra o neoliberalismo. (DARDOT; LAVAL, 2016, p.9)

Esses mesmos autores destacam que o neoliberalismo provoca mutações que implicam num certo egoísmo social, na negação da solidariedade. Tal fenômeno pode ser relacionado ao movimento antivacinas, uma vez que em nome das liberdades individuais, o indivíduo que recusa as imunizações está agindo na contramão do que recomendam os órgãos de saúde, no que diz respeito à proteção da população como um todo.

As eleições de Donald Trump para a Presidência dos Estados Unidos, em 2016, e de Jair Bolsonaro no Brasil, em 2018, representaram acontecimentos que colocaram os cientistas políticos em alerta no sentido de (tentar) explicar como essas nações elegeram candidatos com opiniões explicitamente antidemocráticas. Em paralelo a essas vitórias, já se percebia o crescimento de movimentos de extrema direita ao redor do mundo que ganharam mais fôlego com Trump no comando da nação mais poderosa do planeta.

A cientista política e professora da Universidade da Califórnia, Wendy Brown, discute em seu livro *Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente*, traduzido e publicado no Brasil em 2019, a ascensão desses movimentos de extrema direita e seu complexo modo de operação, através da estranha conjugação de elementos já familiares do neoliberalismo como o favorecimento do capital, repressão do trabalho, demonização do Estado, ataque às igualdades e exaltação da liberdade com seus aparentes opostos que são o nacionalismo, a imposição da moralidade tradicional, antielitismo populista e demandas por soluções estatais para problemas econômicos e sociais. Segundo ela, tais ingredientes:

(...) conjugam a retidão moral com uma conduta amoral e não civilizada quase celebradora endossam a autoridade enquanto exibem desinibição social e agressão pública sem precedentes. Batem-se contra o relativismo, mas também contra a ciência

e a razão, e rejeitam afirmações baseadas em fatos, argumentação racional, credibilidade e responsabilidade. Desdenham dos políticos e da política enquanto manifestam uma feroz vontade de potência e ambição política. (BROWN, 2019, p.10)

Os acontecimentos citados deram origem a uma vasta literatura com o intuito de analisar as crises da democracia. Autores como Steven Levitsky e Daniel Ziblatt (2018) e Adam Przeworski (2020) analisam o enfraquecimento das democracias no cenário atual, afirmando que esse fenômeno ocorre de maneira gradual, por vias institucionais, quando líderes demagogos se elegem com iniciativas antissistema e discursos populistas, prometendo uma nova ordem política, como é o caso dos dois presidentes mencionados acima.

Na esteira dessas análises, Brown (2019) complementa dizendo que o pensamento neoliberal abriu espaço para essas forças antidemocráticas atuais. A autora apresenta as formas como o projeto neoliberal corrói a sociedade e a política, apontando a moral tradicional como um elemento importante para o neoliberalismo. Em entrevista concedida em 2017, ela afirma ainda que o próprio conceito de democracia e seus princípios básicos – como igualdade, liberdade e soberania popular – foram ressignificados em um sentido orientado ao mercado. Nesse contexto, a igualdade simplesmente significa o direito de competir uns com os outros, em um mundo de vencedores e perdedores. Essa lógica individualista e privada do projeto neoliberal busca inverter direitos básicos em questões particulares, afastando o papel de mediação do Estado. Desse ponto de vista, para que a liberdade individual reine sobre o desejo da maioria, seriam necessárias a destruição da noção de coletivo e das aspirações do bem-estar social.

Foucault também apresenta, em seu curso *Nascimento da Biopolítica* (2008), uma análise do neoliberalismo utilizando-se da noção de governo como atividade e não como instituição. As diferentes racionalidades empregadas pelo Estado para dirigir as condutas dos homens vão de encontro às novas formas de leitura de mundo, como aquelas presentes nas redes sociais digitais. Apesar disso, ambas as instâncias agem no sentido de produzir certos tipos de relação do ser consigo mesmo e para com os outros, cada uma colocando em operação suas estratégias de convencimento, o que gera uma luta pela produção de verdades a favor e contra as vacinas e, em consequência, uma luta pelos assujeitamentos possíveis. Afinal, quanto maior o número de indivíduos for convencido de um ou outro discurso, no limite, teremos um maior ou um menor número de sujeitos que reproduzirão essas verdades *ad infinitum*.

Nesse sentido, o campo da saúde pode ser entendido como uma arena de práticas discursivas e uma extensão da empresa de si para uma dimensão não monetizada. Rose (2013, p.14) destaca como características desse tipo de sujeito a “energia, iniciativa, ambição, cálculo

e responsabilidade pessoal”. Através de suas interações no *Facebook*, o indivíduo busca informações sobre as imunizações para se autogerir e decidir sobre sua própria saúde, inferindo que seu estilo de vida lhe confere condições para se proteger de doenças de forma mais “natural”, sem a interferência das regras “impostas” ou orientadas pelas instituições estatais (ou até científicas). Essa conduta condiz com a idealizada para o sujeito neoliberal que busca, de forma incessante, maximizar seu capital humano em todos os campos, produzindo novas formas de cidadania e comportamentos sociais.

A saúde pública é centrada no discurso dos deveres, onde os sujeitos são incentivados a assumirem responsabilidades sobre a própria saúde e sobre a saúde de seus dependentes. As imunizações consistem em um importante dispositivo biopolítico¹⁹ dentro desse campo, pois produzem, ao mesmo tempo, efeitos sobre os corpos que se estendem para a população. O movimento antivacinas representa, assim, uma contraconduta às imposições científicas e estatais pois, embora sejam afastadas medidas invasivas, como o uso da força, para exigir a imunização, o Estado ainda pode implementar a vacinação compulsória de forma indireta impondo restrições ao exercício de certas atividades ou à presença em determinados locais. Um episódio que ficou mundialmente famoso foi o do tenista sérvio Novak Djokovic²⁰, que foi impedido de participar de um torneio na Austrália após se negar a receber a vacina contra a covid-19. Apoiados na ideia de valorização dos direitos individuais, os sujeitos agem de forma imprudente frente aos possíveis riscos (individuais e coletivos), ignorando as responsabilidades coletivas em favor de uma individualização, como afirmou o tenista que diz não ser antivacina, mas apoiar o direito de escolha de um indivíduo (RAJAN, 2022). No Brasil, a atriz Elizângela²¹ foi impedida pelo mesmo motivo de integrar o elenco de uma novela da Rede Globo, que seria gravada durante o ano de 2022.

3.4 EMBATES CULTURAIS ENTRE PODER, SABER E DISCURSIVIDADES ANTIVACINAS

¹⁹ Dispositivos biopolítico são tecnologias de poder que se utilizam de um viés estatístico e visa garantir o controle das populações a partir de intervenções preventivas (FOUCAULT, 2014b).

²⁰ A notícia completa pode ser encontrada no link: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/01/05/tenista-novak-djokovic-e-barrado-na-australia-por-nao-ter-se-vacinado-contracovid.ghtml>

²¹ Uma das reportagens que tratam sobre o assunto pode ser encontrada no link: <https://catracalivre.com.br/entretenimento/elizangela-cortada-novela-globo-falta-vacina/>

Quando se pensa em poder, tende-se a remeter para quem o detém ou o exerce. Frequentemente, ele é atribuído a uma pessoa ou a um grupo capaz de praticar determinada influência sobre outros indivíduos. Outras vezes, é associado à força física ou moral, domínio ou posse. No entanto, o poder não se limita somente a um âmbito como o político, por exemplo, ele está desde sempre presente nas relações humanas. Tais relações constituem o corpo social, cujos sujeitos participam desta correlação.

A raiz etimológica da palavra poder vem do latim *potere*, que remete ao direito de deliberar, agir e mandar. O exercício da autoridade, da soberania ou a posse do domínio, da influência ou da força também é entendido como poder nessa perspectiva, ou ainda, “a capacidade ou possibilidade de agir ou de produzir efeitos” e “pode ser referida a indivíduos ou a grupos humanos” (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1999, p.933).

Em grande parte de sua obra, Foucault se ocupou das análises sobre o poder e das relações que ele tece. A forma como o filósofo trata desse tema representa uma ruptura com a abordagem clássica do conceito. Para ele, o poder não se localiza em uma instituição ou no Estado, nem é considerado como algo que pode ser concedido a um governante. Para ele, o poder acontece como uma relação de forças e se apresenta distribuído e agindo em toda a sociedade, em todos os lugares e em todas as pessoas. Por isso, alerta:

É preciso não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detém exclusivamente e aqueles que não o possuem. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (FOUCAULT, 2004, p.193)

Conforme Edimar Brígido (2013, p.5), “através de seus mecanismos, o poder atua como uma força coagindo, disciplinando e controlando os indivíduos”. Para Foucault (2004), são produzidas novas relações de poder de acordo com as necessidades e com as realidades de cada local. Nesse sentido, considera-se que, segundo essa análise, o poder parece invisível, mas é perpetuado e reproduzido através dos indivíduos, embora, por vezes, pareça ser independente desses. “O poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação; (...) o poder não é principalmente manutenção e reprodução das relações econômicas, mas acima de tudo uma relação de força” (FOUCAULT, 2004, p.175).

Para seguir na análise do estatuto do poder não me aprofundei na discussão dos diferentes tipos de poder tratados por Foucault (a saber, o poder soberano e, o poder disciplinar), mas centrei minha atenção na relação poder-saber, a qual está contemplada nesta pesquisa.

Dentro da perspectiva foucaultiana, o saber não se refere a um conjunto de conhecimentos, pois dele não se pode dizer com exatidão se são verdadeiros ou falsos, contraditórios ou coerentes, antes disso, o saber é um conjunto dos elementos, compreendidos aí os “objetos, tipos de formulação, conceitos e escolhas teóricas, formado a partir de uma mesma positividade no campo de uma formação discursiva unitária” (FOUCAULT, 2013, p.110).

A produção de saberes, em um dado momento histórico ascende à condição de verdade de acordo com as relações de força que se estabelecem, tornando possível a instauração de determinados discursos em detrimento de outros. Afinal, como Foucault (2014), nos ensina:

Temos antes que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder. Essas relações de “poder-saber” não devem então ser analisadas a partir de um sujeito do conhecimento que seria ou não livre em relação ao sistema do poder; mas é preciso considerar ao contrário que o sujeito que conhece, os objetos a conhecer e as modalidades de conhecimentos são outros tantos efeitos dessas implicações fundamentais do poder-saber e de suas transformações históricas. Resumindo, não é a atividade do sujeito de conhecimento que produziria um saber, útil ou arredio ao poder, mas o poder-saber, os processos e as lutas que o atravessam e que o constituem, que determinam as formas e os campos possíveis do conhecimento. (p.30, grifo no original)

O autor considera que, em cada época, há um espaço de ordem que constitui os saberes. Esse espaço é o que Foucault chama de condição de possibilidade do aparecimento de saberes, que determina o que pode ser pensado e como ser pensado, o que pode ser dito e como ser dito (VANDRESEN, 2008).

Ao definir o exercício do poder, aqui entendido como um modo de ação sobre as ações dos outros, trata-se também da legitimação de saberes. Importante demarcar, nesse ponto, que seu exercício só se dá sobre “sujeitos livres”, esses que estão inseridos dentro de um campo de possibilidade e sobre cujas condutas entrará em ação um conjunto de forças bem definidas. Essas investidas de poder se expressam na ação dos grupos antivacinas que operam através de mecanismos e técnicas que buscam definir o que estes sujeitos tomarão por verdade e dirigir seus comportamentos participando, dessa forma, da própria constituição do sujeito.

Para compreender o discurso, na perspectiva de Foucault, precisa-se considerar que o autor trata a linguagem como um instrumento capaz de ligar o pensamento à coisa pensada,

sendo, portanto, constitutiva do próprio ato de pensar e da atribuição de sentido às coisas e às experiências. Nesse contexto, a linguagem é encarada como um conceito teórico importante, uma vez que passa a ser considerada como elemento estruturador da relação do homem com o real, através dos deslocamentos foucaultianos para a análise das práticas discursivas.

Como ponto de partida, tomei as considerações de Alfredo Veiga-Neto (2000), onde o mesmo reconhece que:

Os significados não existem soltos no mundo, à espera de serem descobertos e formalizados linguisticamente. Enquanto coisa deste mundo, o significado não preexiste à sua enunciação. Ele só existe a partir do momento em que foi enunciado, passando a fazer parte de um ou mais discursos. (p.3)

Para Foucault (2012), os discursos são práticas que constituem sistematicamente os objetos dos quais falam. Eles são mais do que combinações de palavras que representam as coisas do mundo. “Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que eles fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato de fala” (FOUCAULT, 2012, p.56). Para Foucault (2014b), discurso é:

(...) um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é, de parte a parte, histórico fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo. (p.143)

A preocupação em conhecer o que torna um discurso possível fez com que esse se tornasse um objeto de estudo para Foucault. Através da indagação de porquê determinados discursos são aceitos como verdadeiros e não outros em seu lugar, ele se ocupou do discurso, não como a expressão de uma ideia ou de uma linguagem, mas com suas condições de possibilidade, as quais o autor denomina como condições de “formação discursiva”. A preocupação é com o caráter político dos discursos, é mostrar o que o discurso manifesta e como produz poder. O discurso é instrumento de poder quando possibilita seu exercício e é seu efeito quando é produzido por ele. Enfim, o discurso é o espaço onde vão se alojar o saber e o poder (VANDRESEN, 2008).

Em suma, ao trazer em si uma determinada oposição entre o verdadeiro e o falso, o discurso instaura um regime de verdade²², consolida o que será aceito em qual tempo e lugar será tomado como verdadeiro. A compreensão das condições de formação de determinado discurso oferece possibilidades para que os sujeitos possam identificar quais são os desejos e poderes dos quais querem se apropriar. Conforme ponderou Foucault (2014a):

Suponho que em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (p.8)

O discurso não é, portanto, somente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo qual se luta. “O discurso nada mais é do que a verberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos” (FOUCAULT, 2014a, p.46). Nesse sentido, pode-se observar que o discurso se consolida através da produção de subjetividades.

A subjetividade é compreendida por Félix Guattari e Suely Rolnik (1996) como um processo de produção no qual comparecem e participam componentes múltiplos. O contexto social é constituído de elementos heterogêneos que permitem determinadas apreensões por parte dos sujeitos. Nessa direção, valores, ideias e sentidos apresentam-se como matéria-prima para compor os afetos vividos nesses encontros. Nikolas Rose (1998) define subjetividade como o nome dado a todo o movimento de compor e recompor forças, relações e práticas na medida em que tenta transformar (ou opera para isso) o ser humano em sujeito. Para Guattari e Rolnik (1996):

(...) a subjetividade não implica uma posse, mas uma produção incessante que acontece a partir dos encontros que vivemos com o outro. Nesse caso, o outro pode ser compreendido como o outro social, mas também como a natureza, os acontecimentos, as invenções, enfim, aquilo que produz efeitos nos corpos e nas maneiras de viver. Tais efeitos difundem-se por meio de múltiplos componentes de subjetividade que estão em circulação no campo social. (p.31)

Os processos de subjetivação são, portanto, dinâmicos e incessantes. Ao mesmo tempo em que os sujeitos acolhem os componentes de subjetivação em circulação, também os emitem. Esses componentes são difundidos através de uma série de instituições, práticas e técnicas vigentes em cada tempo histórico. Na contemporaneidade, pode-se citar o papel do trabalho, do capital, lado a lado com a linguagem, a tecnologia, a ciência, e especialmente a mídia, como

²² Os regimes de verdade seguem um conjunto ordenado de proposições, instituições e disciplinas, enunciando os sistemas internos e externos de limitação do discurso como organizadores e dominadores das palavras, inclusive, como meio de coerção e controle do aparecimento e difusão dos discursos (FISHER, 2001).

difusores de significações. Esses componentes ganham importância coletiva na medida em que são permanentemente reinventados e postos em circulação na vida social. Nesse ponto, precisa-se admitir que estamos constantemente imbricados em embates em torno da significação, onde as verdades instauradas entram em disputa com tantos outros modos possíveis de compreendê-las.

As pesquisas pautadas pelos Estudos Culturais em Educação apontam para um conceito que tem se mostrado produtivo na contemporaneidade para conectar as teorizações desse campo com as múltiplas formas de educar. Trata-se das Pedagogias Culturais, que abarcam o conjunto de condições de possibilidades presentes na sociedade demonstrando que a cultura é produtiva e central para as configurações dessas sociedades. Esse conceito emergiu na década de 1990 e foi difundido no Brasil a partir das produções de autores como Henry Giroux e Shirley Steinberg, se tornando um dos principais articuladores entre os Estudos Culturais e a Educação. As Pedagogias Culturais são entendidas como “qualquer instituição ou dispositivo cultural que, tal como a escola, esteja envolvido em conexão com relações de poder no processo de transmissão de atitudes e valores, tais como o cinema, a televisão, as revistas, os museus etc” (SILVA, 2000, p.88). Elas estão em constante atualização para atender aos chamados e apelos socioculturais, históricos, políticos e econômicos, se constituindo em um importante polo de produção de sujeitos e de condução de condutas desses para viver e habitar esse tempo-espaço preciso.

É possível afirmar, a partir dessa perspectiva, que há múltiplas pedagogias proliferando e atuando através de diversos artefatos e espaços. Isso leva a admitir que na contemporaneidade existem inúmeras formas de educação, que não apenas aquela mediada pela instituição escolar, como a educação pelas mídias, por exemplo, que exerce uma força de governo das condutas, ao passo em que prescreve comportamentos ou entra na disputa pelo regime de verdade acerca de uma matéria específica.

Em sua aula inaugural no *Collège de France*, de 2 de dezembro de 1970, intitulada *A Ordem do Discurso*, Foucault (2014a) considera que não é possível vislumbrar a existência de um sujeito preexistente ao discurso, que pudesse unificar e organizar o conhecimento, mas que esse sujeito é instituído a partir de distintas formas de subjetividade, sendo que esses processos fazem com que o sujeito se torne aquilo que ele é. Na contemporaneidade, pode-se notar a centralidade dos artefatos digitais – como aparelhos celulares e computadores portáteis – na produção de subjetividades, pois os mesmos estão intrinsecamente ligados aos modos de vida dos sujeitos e suas formas de se relacionar com o mundo.

No contexto da sociedade midiaticizada, a rede abrange uma multidão de indivíduos, que se constituem em sujeitos dinâmicos e constantemente reconfigurados, o que, a partir das reflexões de Foucault, caracterizaria a passagem de uma sociedade em que a ênfase estava nos dispositivos de segurança para outra, em que a proeminência estaria nos dispositivos de controle (SARAIVA; VEIGA-NETO, 2009). Emerge daí, então, um novo grupo social, um novo modo de recortar as multiplicidades.

Para Marco António Antunes (2008), os públicos dizem respeito às mídias: assim, na contemporaneidade, um mesmo indivíduo pode pertencer a um sem número de públicos, a um sem número de mundos, tudo pode se tornar objeto de um público. O poder que age na formação do público não é um poder disciplinar, pois não se restringe a um território ou a um tempo e não importa, para sua constituição, o controle dos indivíduos. Essa concepção de poder incide sobre a vida como memória, na produção de novos saberes e signos, agindo sobre as mentes com o objetivo de formar a opinião pública, como no caso da recusa de vacinas, que se exerce pela modulação da memória e da atenção. Ou, como indica Foucault (1994):

Ele é um conjunto de ações sobre ações possíveis. Ele trabalha sobre um campo de possibilidade onde vem inscrever-se o comportamento dos sujeitos que atuam: incita, induz, desvia, facilita ou dificulta, estende ou limita, torna mais ou menos provável, no limite, obriga ou impede absolutamente. Mas ele é sempre uma maneira de atuar sobre um ou vários sujeitos atuantes, e isso na medida em que atuam ou são suscetíveis de atuar. Uma ação sobre ações. (p.237)

Por outro lado (ou ao mesmo tempo), a Cultura Digital faz emergir uma educação individualizada, ininterrupta, móvel, transitória, fugaz, e que se dá ao longo da vida (BORTOLAZZO, 2020). Esse movimento fortalece a responsabilização dos sujeitos pela própria formação e educação. No que diz respeito às questões de saúde, um novo termo vem sendo utilizado, desde o início dos anos 2000: o “paciente empoderado” ou *expert patient*, expressão derivada do inglês que remete à descentralização da transmissão de conhecimentos e uma crescente produção de saberes advindos da circulação de informações proporcionada pelo imperativo da imersão digital. Para André Pereira Neto *et al* (2016, p.1656), “o empoderamento do paciente, derivado do acesso a informações, resultou, principalmente, no debate sobre a preservação ou não da autoridade e do *status* da profissão médica”, no entanto, o conceito de *patient expert* não inclui a ideia de que o sujeito se restrinja à consulta de fontes confiáveis para embasar suas ações.

Kate Lorig (2002, p.1) conceitua os pacientes empoderados como aqueles que “se responsabilizam pelas decisões diárias sobre a própria saúde e que trabalham junto com os provedores de saúde enquanto colaboradores e parceiros, com o objetivo de produzir a melhor

saúde possível com os recursos disponíveis” (tradução nossa). Com a difusão da internet e das redes sociais, as informações estão acessíveis a qualquer tempo e lugar. Segundo Amanda Milléo Almeida (2019), um levantamento divulgado pelo *Google*, em 2019, mostra que o Brasil foi o país onde as buscas por assuntos de saúde, nessa plataforma, mais cresceram desde 2018: 26% dos brasileiros recorreram primeiro ao popular “Dr. Google” quando se deparam com algum problema de saúde. Em um país onde, segundo dados do IBGE (2020), 70% da população não possui plano de saúde, nem acesso facilitado a outros profissionais da área, como dentistas, fisioterapeutas e psicólogos, a busca por sanar dúvidas na internet torna-se, em alguns casos, a opção mais viável ou a única disponível.

As comunidades virtuais ocupam um papel único no empoderamento dos indivíduos com a própria saúde. Participantes dessas comunidades têm a possibilidade de compartilhar informações e obter conhecimentos a partir das experiências diárias de outras pessoas com uma doença, por exemplo. Fazendo isso, eles aprendem sobre tratamentos alternativos, conhecem os efeitos colaterais/adversos de certos medicamentos e compartilham decisões sobre o processo terapêutico com seus pares (PEREIRA NETO; FLYNN, 2018).

No grupo *Vacinas: o Lado Obscuro das vacinas*, analisado nesta Dissertação, as publicações não se referem a uma doença em específico, mas compartilham de discussões que vão desde tratamentos alternativos, reações adversas às vacinas, alertas sobre o perigo de morte pós vacinação e incentivo aos cuidados com a própria saúde com apelos para que os indivíduos possam decidir se desejam ou não serem imunizados.

A OMS (2019) nomeou a hesitação vacinal como uma das dez principais ameaças à saúde global em 2019. Conforme Vasconcellos-Silva e Castiel (2020), a postura antivacinal está inserida em um conjunto de ideias que contém em si uma contradição e a mudança no pensamento independe de uma visão lógica e fundamentada por parte da população. Por este motivo, o movimento antivacinação opera através da memória e do medo dos riscos e utiliza como principais instrumentos uma narrativa de fácil compreensão, além da (re) produção intensa de *fake news*.

3.5 ANÁLISE DO DISCURSO COMO FERRAMENTA DE INVESTIGAÇÃO

Após a seleção dos excertos (publicações) publicados no grupo *Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas* do *Facebook*, durante o ano de 2021, realizei a análise de tais documentos inspirada em Foucault, a partir das inter-relações dos conceitos de saber, poder e sujeito. A intenção foi descrever, seguindo Fischer (1995), os discursos que circulam nesse grupo e como

esses discursos operam na constituição de subjetividades, no mundo contemporâneo. Antes de prosseguir, vale suscitar algumas reflexões acerca da descrição que essa mesma autora faz desse procedimento teórico-metodológico:

Trata-se de um esforço de interrogar a linguagem – o que efetivamente foi dito – sem a intencionalidade de procurar referências ou de fazer interpretações reveladoras de verdades e sentidos reprimidos. Simplesmente, perguntar de que modo a linguagem produzida e o que determina a existência daquele enunciado singular e limitado. (FISCHER, 2001, p.205)

Em se tratando dos discursos antivacinas e seus deslocamentos, através das mídias sociais, estes se enquadram na definição elaborada por Katz (2017, p.30), para quem os “discursos funcionam como narrativas que de certa forma traduzem os fenômenos ‘reais’ do mundo para a inteligibilidade de uma determinada cultura humana” (grifo no original). Partindo do pressuposto de que as formações discursivas operam a partir da união de diversos enunciados, “pode-se dizer que seus enunciados têm força de ‘conjunto’ e se situam como novos campos de saber, os quais tangenciam mais de uma formação” (FISCHER, 2001, p.7, grifo no original).

Para analisar os discursos, segundo a perspectiva de Foucault, é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, abandonando as interpretações simplistas. Torna-se necessário permitir ao discurso aparecer em toda sua complexidade, como orienta Fischer (2001):

E a primeira tarefa para chegar a isso é tentar desprender-se de um longo e eficaz aprendizado que ainda nos faz olhar os discursos apenas como um conjunto de signos, como significantes que se referem a determinados conteúdos, carregando tal ou qual significado, quase sempre oculto, dissimulado, distorcido, intencionalmente deturpado, cheio de reais intenções, conteúdos e representações, escondidos nos e pelos textos, não imediatamente visíveis. É como se no interior de cada discurso, ou num tempo anterior a ele, se pudesse encontrar, intocada, a verdade, desperta então pelo estudioso. (p.2)

O discurso é aquilo que coloca os enunciados em funcionamento, portanto, analisar o discurso seria fazer um exame de práticas e relações históricas. Analisar as publicações de um grupo antivacinas no *Facebook* significará nos afastar da fácil interpretação daquilo que estaria por trás dos ditos emitidos pelos membros desse grupo, procurando explorar ao máximo as informações apresentadas, examinando-as como produções históricas e políticas. Segundo Hubert Lederer Dreyfus e Paul Rabinow (2013), Foucault desejava demonstrar a inexistência de estruturas permanentes, responsáveis pela constituição da realidade, sublinhando a ideia de que o discurso sempre se produziria em razão de relações de poder produzindo, por isso, inúmeros saberes. Portanto, a trama discursiva enredada pelos grupos antivacinas se constitui

como uma questão do presente relacionada à tentativa de construção de uma narrativa que pretende adquirir status de verdade frente aos sujeitos dirigindo suas condutas para a recusa de vacinas.

Para Ernesto Laclau (1991), o discurso seria uma instância limítrofe com o social. A sociedade seria assim entendida como um vasto tecido argumentativo no qual a humanidade constrói sua própria realidade. Essa realidade é, ao mesmo tempo, produzida discursivamente e ao mesmo tempo produtora de discursos e de saberes. Basicamente, tais temas dizem respeito à fixação em saber a verdade do sujeito, em constituir os sujeitos como o lugar da verdade, em construir para todos e cada um de nós discursos verdadeiros.

3.6 FACEBOOK: O LIVRO DA VIDA E OS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO

Conforme as considerações de Anthony Giddens (2002), a ciência, a tecnologia e as especializações tendem a segregar a experiência. O impacto da experiência através dos meios de comunicação, como o *Facebook*, faz com que as pessoas tenham acesso à diversidade, abrindo novos campos de experiência, mesmo que à distância. Ana Carolina Sampaio Zdradek (2017) considera a existência de entrelugares no ciberespaço, onde ocorrem as conexões entre os indivíduos. As redes sociais, nesse contexto, representam um exemplo preciso dessas relações que permitem interações, ao mesmo tempo, com indivíduos com os quais nos relacionamos face a face e outros cujos contatos ficam restritos ao ambiente virtual.

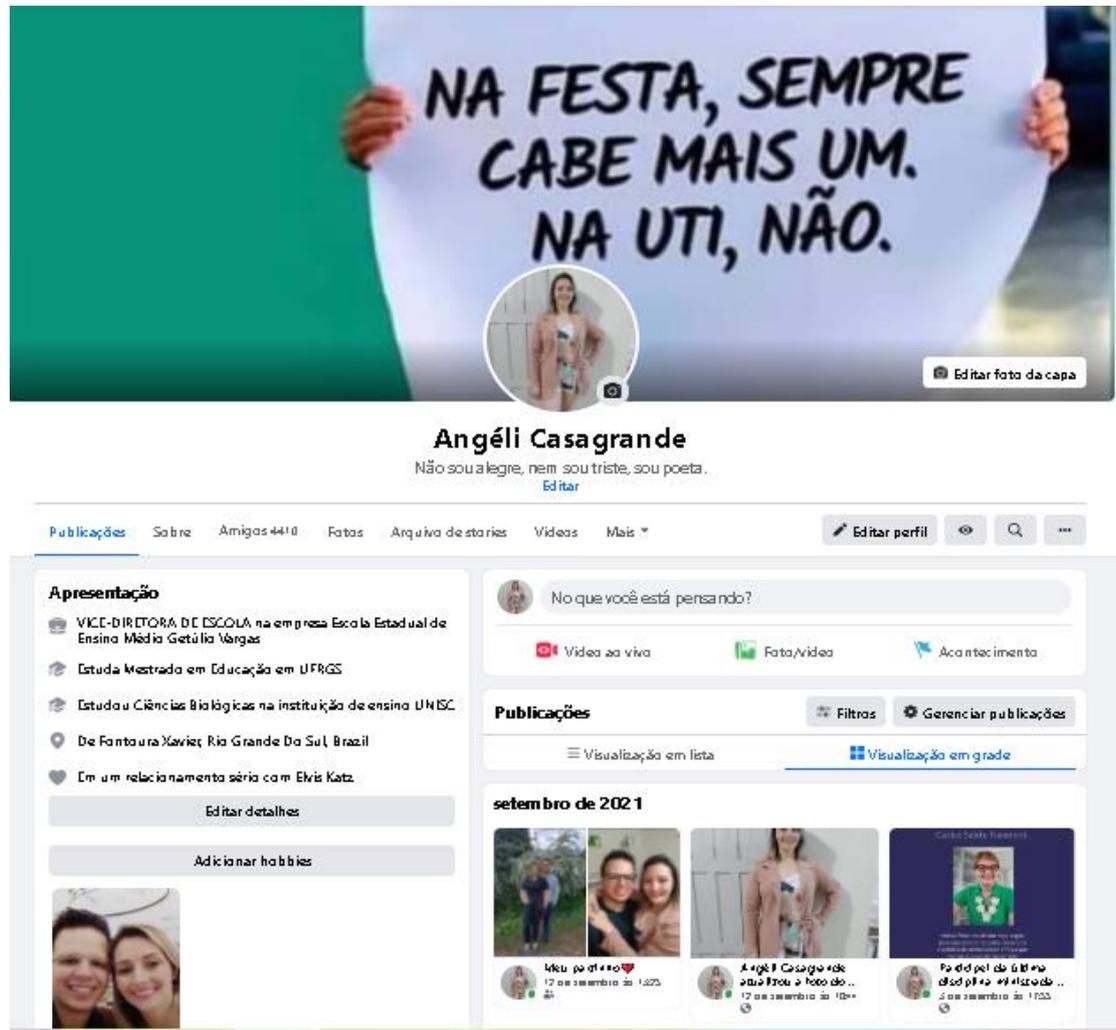
O *Facebook* é considerado hoje a maior rede social virtual, contabilizando mais de dois bilhões de usuários²³. Criado em fevereiro de 2004, por Mark Zuckerberg e alguns amigos, era, num primeiro momento, uma rede dedicada a comparar garotas na Universidade de Harvard, nos Estados Unidos. Inicialmente chamado de *The Facebook*²⁴, transformou-se rapidamente em um espaço virtual de criação de laços entre os estudantes da Universidade de Harvard, expandindo-se para outras universidades e, dali, para o mundo. Disponível através do *link* www.facebook.com (ou por aplicativos nos celulares), o Brasil conta atualmente com 130 milhões de usuários que acessam o *Facebook* mensalmente. Os modos de interação, nessa que aparece como uma das redes sociais mais utilizadas em todo o mundo, são bastante variados, organizando espaços de partilha e discussão de ideias através de comentários, reações,

²³ Em 2021, eram 2.740 bilhões de usuários.

²⁴ Em tradução livre, o livro do rosto.

participação em grupos, jogos, etc. A interface inicial oferece uma visão geral das características do usuário através da foto de perfil, foto de capa e biografia. Nessa página, é possível deixar visível informações de endereço, trabalho e preferências, além de permitir eleger fotos em destaque e status de relacionamento.

Figura 1: Imagem da Interface inicial do *Facebook*



Fonte: Facebook (2021)

A plataforma se apresenta como um espaço dinâmico e heterogêneo onde se compartilham diferentes formatos de arquivo, como textos, fotos, vídeos e *links* que ficam datados em uma “linha do tempo”, que pode ser acessada pelo dono do perfil, por amigos ou por qualquer pessoa, uma vez que o *Facebook* não possui um botão para deixar o perfil privado, mas permite que o usuário defina suas próprias configurações de privacidade, como ocultar dados de contato ou deixar determinadas publicações visíveis somente para amigos ou pessoas pré-selecionadas. O acesso ao conteúdo pessoal pode se dar através da rolagem manual ou do filtro de publicações, que permite a seleção por data, o que facilita o acesso a publicações mais antigas.

Figura 2: Imagem do filtro de publicações interno ao perfil do usuário do Facebook



Filtros de publicação ✕

Use filtros para encontrar publicações na sua linha do tempo.
Isso não afetará como as outras pessoas veem sua linha do tempo.

Ir para: Ano ▾

Publicado por: Qualquer pessoa ▾

Privacidade: Todas as publicações ▾

Publicações marcadas: Todas as publicações ▾

Limpar Concluir

Fonte: Facebook (2021)

Segundo Alysson Bruno Assunção e Thais Mendonça Jorge (2014), os sujeitos das redes sociais estão falando cada vez mais de si e dos outros, constituindo-se nos principais agenciadores de subjetividades da internet, pelo compartilhamento da vida através de uma rede social caracterizada pela interatividade entre seus membros e centrada nas relações pessoais e a troca de informações. Quando se trata de questões de saúde, o *Facebook* se constitui num entrelugar que acolhe as dúvidas, possibilita compartilhar experiências, sem cobranças ou questionamentos, no momento que o usuário desejar. Tomando por base as considerações sobre midiatisações propostas por Jesús Martín-Barbero (1997) posso avaliar que as redes virtuais atuam como novas matrizes de difusão de informações com grande proximidade entre emissores e receptores, viabilizada pela conectividade em massa, elevando as narrativas comuns à altura das verdades científicas.

A posição de autoridade que a ciência um dia desfrutou só perduraria na persistência de um isolante dividindo a especialização científica das diversas formas de possibilidade de conhecimento leigo, o que só se verifica nos campos nas quais aquela ainda consegue demarcar pela posse de algum conhecimento esotérico. É plausível imaginar que a debilidade desses sentidos esotéricos (assim como a emergência e a popularização de outros, interpretados, traduzidos e enunciados pelas mídias) na perspectiva histórica das mutações dos processos midiáticos a partir da segunda metade do século XX, tenha criado condições para a amplificação de novos riscos, medos e ameaças nas dinâmicas simbólicas sociais. (VASCONCELLOS-SILVA; CASTIEL; GRIEP, 2015, p.610)

Essas novas ofertas de informações possibilitadas pelas transformações dos processos midiáticos conferem sentidos organizadores que servem como modelos para ação, que neste caso refletem na decisão dos grupos antivacinas pela não imunização ou pela imunização parcial dos filhos, deflagrando um processo de libertação de certezas tradicionais, no que concerne à ciência, para instauração de novos conceitos. A participação em grupos como o *Vacinas: o Lado Obscuro das Vacinas* nas redes sociais virtuais se constitui como a tomada de um espaço de encontro, partilha e discussão de ideias:

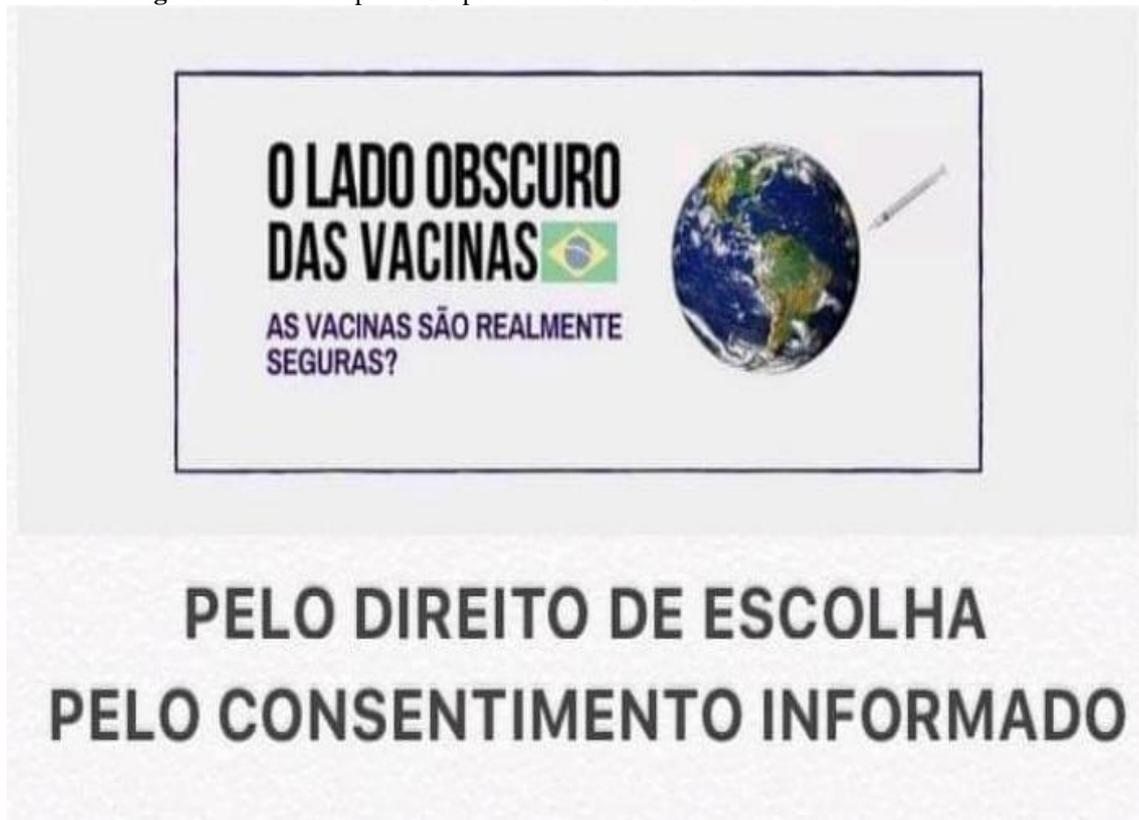
É um “sentimento recíproco e vinculante” – “a vontade real e própria daqueles que se unem”; e é graças a esse entendimento, e somente a esse entendimento, que na comunidade as pessoas “permanecem essencialmente unidas a despeito de todos os fatores que as separam”. (...) Dentro do “círculo aconchegante” elas [as pessoas] não precisam provar nada e podem, o que quer que tenham feito, esperar simpatia e ajuda. (BAUMAN, 2001, p.15-16, grifos no original)

Constata-se que os sujeitos das redes sociais se apresentam como os principais agenciadores de subjetividades na internet (ROSO, 2016), pois suas interações na rede organizam a relação com os outros através das quais, interpelados por discursos, esses sujeitos estabelecem consensos sobre o mundo. Tais consensos são utilizados para definir e regular sua conduta, o que representa uma interessante pedagogia cultural no que concerne à organização da sociedade contemporânea.

A partir da leitura do livro *Recusa de vacinas Causas e Consequências*, de Guido Carlos Levi (2013), constata-se a existência de grupos críticos ou contrários a vacinas. Segundo essa obra, a partir do discurso médico, as vacinas seriam vítimas do próprio sucesso, pois a ausência de casos de determinada doença por longos períodos afasta a ideia do risco e suscita debates acerca da necessidade da implementação de calendários vacinais complexos como o existente no Brasil. Pesquisando no *Facebook*, encontrei o Grupo denominado *Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas*, que conta, atualmente, com 14.366 membros²⁵ e tem como lema: “Pelo direito de escolha, pelo consentimento informado”.

²⁵ Até o momento da escrita desse texto, em 13 de julho de 2021.

Figura 3: Foto de capa do Grupo Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas



Fonte: Facebook (2021)

O lema do Grupo nos remete à ideia de que deveria haver escolha para os indivíduos de se vacinarem ou não, ao mesmo tempo em que exige informações mais claras sobre as vacinas, o que poderia subsidiar o consentimento dos mesmos sobre as imunizações e a de seus filhos. Ao mesmo tempo, a foto de capa traz a inscrição: “As vacinas são realmente seguras”? logo abaixo do nome do Grupo, o que levanta um questionamento sobre sua eficácia e capacidade de causar efeitos colaterais. Nesse sítio virtual são apresentados relatos de reações adversas, reportagens e dados sobre testagem e composição de vacinas. Algumas dessas manifestações mostram certa aversão dos pais à vacina por preocupações ligadas aos riscos que ela traria a seus filhos.

Na aba “sobre”, encontrei uma lista de regras que deveriam ser seguidas pelos participantes para permanecerem no Grupo:

GRUPO ABERTO! LEIAM ESSA POSTAGEM!

- OBS: 1. Postagens em inglês, sem tradução [sic] não serão liberadas! Por favor, usem o google tradutor. A demanda é muito grande. Precisamos de vocês ajudando na tradução [sic].
2. Nem todas as postagens serão liberadas por alguns motivos especiais, aonde geralmente admin e moderadores discutem risco e benefício.
3. Uma dica: Tenha paciência, e não ataque alguém que lhe atacou primeiro, me avise, que tenho uma solução [sic] pacífica!
4. Este grupo destina-se principalmente para divulgar informações sobre todas as possíveis vacinas e seus conteúdos que podem fazer mal para nosso corpo. A decisão de vacinar, deveria caber aos pais, e não a obrigatoriedade do governo.
5. Se você não está convencido de que as vacinas fazem mal, existe certamente um outro grupo, que poderia servi-lo melhor: Discussões de vacinação somos contra. Paz! ♥ Facebook (2021)

No entanto, observa-se que as posturas recomendadas inicialmente não são adotadas pelos membros do grupo, pois me deparei com diversas publicações em inglês sem tradução. Percebi também que as publicações não passam por uma triagem prévia, nem por uma checagem, dado o grande número de *fake news* que são ali reproduzidas. A terceira dica, sobre comunicação não violenta, foi por diversas vezes desrespeitada quando participantes se envolvem em discussões acaloradas com frequência. Há, nesse sentido, certa ambiguidade na afirmação de que o grupo é contra discussões sobre vacinas, uma vez que sua proposta é justamente promover a divulgação de possíveis malefícios da vacinação ao organismo.

Ao acessar o Grupo, ainda no ano de 2019, quando o mesmo era um grupo fechado, levada pela relevância do tema e pela curiosidade acadêmica, mesmo não tendo ingressado formalmente no Mestrado, iniciei o que poderia chamar de “produção inicial de dados”, com a intenção de investigar a temática dos antivacinas no meu futuro projeto de pesquisa. Para isso, adotei a postura de *lurker*²⁶, descrita por Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2016), como um método de pesquisa para internet. Tal técnica favorece uma postura silenciosa, onde o pesquisador participa de determinado espaço *online* de forma passiva e observacional. A opção de permanecer em silêncio se deve ao fato de que, diante de interações ou argumentos favoráveis às vacinas ou contrários às notícias falsas disseminadas pela administradora (principal responsável pelas publicações), um membro ativo (e não apenas observador) que

²⁶ Em tradução simples: aquele que espreita.

participasse de forma contrária ao propagado no Grupo poderia sofrer ameaças, ofensas e/ou ser excluído do mesmo, o que comprometeria a produção de dados.

Esse aspecto de agressividade e rejeição de opiniões opostas contraria a “solução pacífica” indicada na regra de convivência 3 e demonstra o caráter ideológico do Grupo, cujos integrantes tendem a refutar qualquer argumentação inversa à suas ideias, permitindo poucas dispersões e garantindo assim a hegemonia dos ditos contrários a vacinação nesse sítio virtual. Segundo as considerações das autoras citadas acima, o universo virtual apresenta-se como:

(...) um campo de investigação particularmente difícil de recortar, em função de sua escala (seus componentes contam-se aos milhões e bilhões), heterogeneidade (grande variação entre as unidades e entre os contextos) e dinamismo (todos os elementos são permanentemente passíveis de alteração e a configuração do conjunto se modifica a cada momento). (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2016, p.56)

Esse aspecto pode ser notado através do número considerável de publicações que foram excluídas pelo *Facebook*, provavelmente por ferirem os critérios estabelecidos pela plataforma., tal como ilustrado na Figura 4, a seguir.

Figura 4: Aviso de publicação excluída ou oculta no Grupo Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas



Fonte: Facebook (2021)

Em 2020, a privacidade do Grupo foi alterada para grupo aberto e, em 14 de fevereiro do mesmo ano, seu nome foi alterado: passou de *O Lado Obscuro das Vacinas* para *Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas*. Esse movimento demonstra a busca por maior visibilidade, uma vez que não é mais necessária solicitação de acesso ao Grupo, o que impede a triagem por parte da administradora. E a inclusão da palavra “vacinas”, no início, facilita a localização do Grupo através da ferramenta de pesquisa do *Facebook*. Desde minha entrada no Grupo, o mesmo ganhou mais de dois mil membros e a ferramenta que mede a atividade do Grupo registrou uma média de 89 novos seguidores por semana²⁷.

²⁷ A descrição apontada nesse parágrafo se refere à semana de 22 a 29 de julho de 2021.

4 DESDOBRAMENTOS DA PESQUISA E ANÁLISE DO *CORPUS*

Para a seleção das publicações a serem analisadas, adotei uma abordagem metodológica mista. Realizei, de forma manual, a “printagem”²⁸ de todas as publicações do Grupo *Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas* durante o ano de 2021. O período escolhido se deve à indicação dos membros da banca de qualificação do meu projeto de pesquisa que o consideraram apropriado, devido ao início da vacinação contra a covid-19 ter acontecido em janeiro desse mesmo ano, no Brasil. Além de ser um período atual, no qual a temática das vacinas esteve em foco, a linha do tempo do *Facebook* abriga diferentes mídias como fotos, vídeos e *links*, o que a torna “pesada”, não sendo possível a rolagem manual para um intervalo superior a um ano.

De posse dos 243 *prints* publicados no ano de 2021, que foram separados e organizados mês a mês, passou-se à leitura exaustiva dos mesmos e à categorização das publicações por assunto, através da criação de uma palavra-chave que foi escrita abaixo da mesma para identificá-la. Em seguida, foram definidos focos de análise, de acordo com a recorrência das temáticas abordadas pelos membros do Grupo. Conforme a denominação pensada por Karla Saraiva (2009), esses focos podem ser chamados de “categorias de análise”. A autora considera tais categorias “não como uma forma de classificação dos enunciados, mas como uma maneira de lidar com a topologia dos discursos. São recortes que imponho nas séries de enunciados, em relação a suas aproximações e modulações” (SARAIVA, 2009, p. 26).

A partir dessa análise – e levando em consideração o que indiquei acima (a recorrência da temática²⁹) – elenquei cinco categorias de análise que foram organizadas por ordem de ocorrência no grupo *Vacinas: o Lado Obscuro das Vacinas*. A categorização por temas favorece o detalhamento de como acontece a apropriação dos conteúdos externos ao Grupo e, principalmente, as produções realizadas pelos participantes, facilitando, dessa forma, a análise dos discursos operantes dentro daquele sítio virtual.

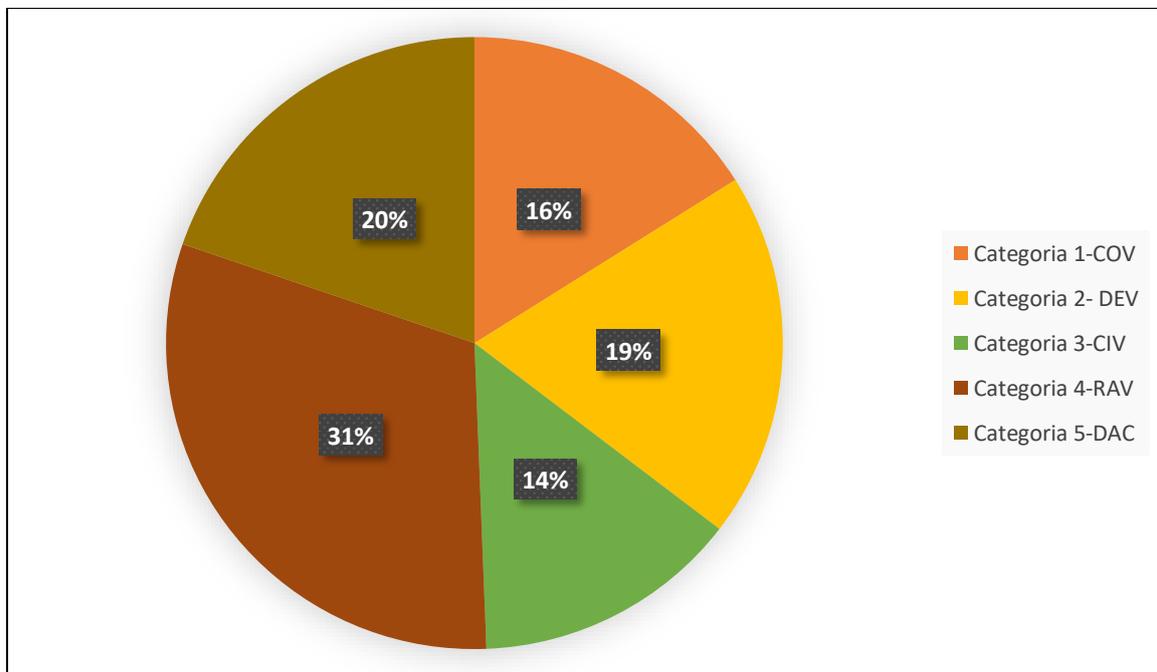
A criação de siglas para identificar cada categoria representa uma forma de organização dos quadros que são apresentados nos apêndices da Dissertação, de maneira a facilitar a identificação das mesmas. As siglas contêm as iniciais do nome escolhido para cada categoria, quais sejam elas: 1) Críticas à obrigatoriedade da vacinação (COV), que apareceram 39 vezes entre os assuntos mais tratados pelos membros do Grupo; 2) Dúvidas sobre a eficácia das

²⁸ *Print*, em inglês, significa imprimir (tradução livre).

²⁹ Os números, a seguir, se referem às capturas de tela realizadas no período de janeiro a dezembro de 2021 e serviram para a categorização inicial dos assuntos mais discutidos no Grupo.

vacinas (DEV), que figuraram 47 vezes nas publicações do Grupo em 2021; 3) Críticas às indústrias produtoras de vacinas (CIV), que integraram as publicações 34 vezes no ano observado; e, 4) Reações adversas às vacinas (RAV), que estiveram presentes em 75 publicações no período investigado. As outras 48 publicações que foram excluídas das categorias mais recorrentes tratavam sobre temas de natureza diversa, nas quais notei, repetidas vezes, a presença do pensamento anticientífico por parte dos antivacinas, mesmo em assuntos não relacionados diretamente a seu objeto de rejeição, por esse motivo elas foram reunidas em uma última categoria denominada de: 5) Discursos anticiência (DAC), que foram analisadas após as anteriores, no intuito de demonstrar como se deram as investidas dos antivacinas em outros assuntos referentes às contingências sofridas pela sociedade durante o ano de 2021.

Figura 5: Gráfico das porcentagens de publicações de cada categoria



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

O ano de 2021, onde foram mapeadas as publicações, foi um ano atípico em função da pandemia de covid-19, doença para a qual foi necessário o desenvolvimento de novas vacinas, o que se deu em tempo recorde, tendo em vista o caráter altamente letal da patologia. Esse fator desencadeou uma série de desconfianças e colocou a temática da vacinação em foco. No Brasil, a aplicação da primeira dose da vacina contra a covid-19 se deu em 17 de janeiro de 2021, foi aplicada em uma enfermeira de 54 anos, chamada Monica Calazans, em São Paulo. Ela recebeu

o imunizante CoronaVac³⁰, do laboratório chinês *Sinovac* em colaboração com o Instituto Butantan.

Os quadros contidos nos apêndices desta Dissertação foram construídos, durante o mapeamento das publicações selecionadas, através das estratégias descritas anteriormente (ver Apêndices 1, 2, 3, 4 e 5, em anexo). Eles contêm um código de referência da publicação (criado por mim), com base nas iniciais dos nomes escolhidos para cada categoria, conforme já explicado anteriormente, a data da publicação no Grupo, o *link* e o resumo da mesma. Esse percurso permitiu analisar alguns dos modos de ação dos antivacinas, com o intuito de compreender seu entrelaçamento com os modos de viver e de pensar na contemporaneidade, com especial ênfase para a produção de subjetividades através do *Facebook*, ou seja, as formas como esse movimento “educa” e como busca conduzir as condutas dos sujeitos para a recusa de vacinas. Além disso, por se tratar de um ambiente de pesquisa instável, fluido e heterogêneo, considerei importante fornecer subsídios a novos pesquisadores do tema, para que possam investigar a produção de discursividades antivacinas nesse sítio virtual, uma vez que minha intenção não é, em absoluto, esgotar a temática, mas sim suscitar novos debates. Registro ainda que optei por realizar a análise apenas das publicações, pois mapear os discursos levando em conta as intervenções/comentários dos membros do Grupo sobre o que é publicado acarretaria um volume muito grande de dados devido à enorme heterogeneidade dos comentários.

A pesquisadora canadense Anna Kata (2010) já alertava para a ascendência dos grupos antivacinas ao analisar *sites* americanos e canadenses críticos às imunizações, chamando atenção para suas formas de ação. Em sua pesquisa, ela dedicou-se a elencar os temas mais recorrentes nas publicações antivacinas, voltando-se para a forma como os argumentos são estruturados. Percebi que uma estruturação semelhante poderia ser usada na análise do Grupo *Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas do Facebook Brasil*. As estratégias utilizadas pelo movimento antivacinas para veicular suas ideias se apoiam em um tom denunciante, que representa uma resistência à hegemonia das ciências, operando na construção de uma realidade específica que atenda as demandas de suas investidas de poder. Rafael Mantovani (2022) trata

³⁰ *CoronaVac* é o nome dado à vacina desenvolvida em parceria entre o Instituto Butantan do Brasil e a biofarmacêutica chinesa *Sinovac*. Os testes com o imunizante foram iniciados em julho de 2020 e a campanha de vacinação se iniciou em 17/01/21. A vacina brasileira vem sendo usada em 45 países espalhados em quase todos os continentes desde o início da pandemia de covid-19. Com mais de 7,9 bilhões de doses de imunizantes já aplicadas, a *CoronaVac* representa 25% da produção mundial de imunizantes, respondendo por 2 bilhões de doses. (CORONAVAC, 2021)

desse movimento, denominado negacionista, de forma a classificá-lo como um fenômeno previsível dentro de uma sociedade segmentada. Para o autor, o negacionismo, apesar de causar impactos negativos no ambiente político e de saúde pública, não se caracteriza como uma aberração social, mas como a busca por explicações diferentes do discurso considerado verdadeiro, proferido pela grande autoridade do período histórico. Afirma ainda que não é a ausência de dados ou de entendimento sobre determinada matéria que acarreta a negação, mas “trata-se de uma recusa positiva com relação a uma realidade que exige emocionalmente outra explicação” (MANTOVANI, 2022, p.1). Conforme indica Napolitano (2021):

O negacionismo vai além de um boato ou *fake news* pontual. É um sistema de crenças que, sistematicamente, nega o conhecimento objetivo, a crítica pertinente, as evidências empíricas, o argumento lógico, as premissas de um debate público racional, e tem uma rede organizada de desinformação. Essa atitude sistemática e articulada de negação para ocultar interesses político-ideológicos muitas vezes escusos, que tem sua origem nos debates do Holocausto, é inédita no Brasil. (p.1)

Através da veiculação de suas ideias no *Facebook*, o movimento antivacinas age sobre os códigos de significado utilizados por seus seguidores para dar sentido às suas ações. Hall (1997b) enfatiza que não se pode pensar mais que a identidade emerge de um centro interior, mas sim da tensão entre os discursos da cultura e o desejo (consciente ou inconsciente) de responder aos seus significados e identificar-se. Nesse sentido, percebe-se a centralidade da cultura na constituição do sujeito, ela surge aqui como prática social, ganhando efeitos de verdade e instituindo modos de viver, de ser e de descrever a si e ao mundo. De acordo com Hall (1997b, p. 33) “toda prática social tem condições culturais ou discursivas de existência”.

Céli Regina Jardim Pinto (1989) considera que os sujeitos sociais não são a causa do discurso, mas são efeitos discursivos. Para essa autora, que não descarta a existência de um discurso dominante, esse não constitui uma racionalidade que dá sentido a todas as relações sociais. Ela também chama a atenção para a multiplicidade de discursos no interior da sociedade, fator que em nosso tempo histórico enfraquece a posição de hegemonia de determinados discursos, como é o caso do discurso científico, acarretando uma constante luta entre os ditos circulantes no corpo social. Esses discursos interpelam os sujeitos, os quais estão expostos a uma variedade de informações, das quais eles irão se apropriar ou não, de acordo com suas crenças e condições de recepção das discursividades. Para Pinto (1989):

O discurso só exerce poder pela identificação, pela adesão espontânea: “a capacidade de um discurso exercer poder está definitivamente associada à sua capacidade de responder a demandas, de se inserir no conjunto de significados de uma dada sociedade, reconstruindo posições e sujeitos”. (p. 36)

Nesse ponto, volto a enfatizar os efeitos produzidos pelas redes sociais digitais no ambiente político e de saúde pública, na medida em que não são meras transmissoras de conteúdos, mas também produtoras de sentidos. Os ditos antivacinas, interditados no discurso dominante pró-vacina, encontram condições de irromper nas relações sociais que os sujeitos estabelecem no grupo do *Facebook*, agregando sentidos outros para as imunizações, através da identificação entre esses sujeitos, pela possibilidade de ousar pensar, ousar se revoltar contra o discurso dominantes sobre a temática das vacinas essas que representam uma prática social institucionalizada.

Como já discutido anteriormente, não é a falta de dados ou a ausência de ditos pró-vacinas que determinam o aparecimento do pensamento antivacina no *Facebook*. Eni Puccinelli Orlandi (2018) considera que as redes sociais produzem o que ela denomina de “achatamento de compreensibilidade”, onde o sujeito só ouve quem o entende, quem (re) produz os mesmos sentidos com os quais está identificado. De acordo com a autora, as condições de produção do *Facebook* operam um efeito de fechamento e fragmentação da comunicação, no qual os processos de significação prendem os sujeitos aos mesmos sentidos, através da repetibilidade dos dizeres. O excesso de circulação e a repetição confirmam a verdade evidente, produzindo efeitos de verdade.

Analisar os discursos do movimento antivacinas no *Facebook* significa inscrevê-los no interior da luta na qual está em jogo a manutenção da obrigatoriedade da vacinação, enunciada pela OMS como “a melhor forma de proteção”, e sujeitos que resistem à vacinação por não se identificarem, total ou parcialmente, com os saberes e dizeres do discurso pró-vacina. Foucault (1977), ao discorrer sobre a historicidade da constituição da Medicina e dos saberes médicos, no final do século XVIII e início do século XIX, fala sobre as determinações do Estado sobre o corpo do sujeito à medida em que estes passam a ser vistos como parte do corpo social. Segundo Foucault (1977), amparada pelo Estado e por dispositivos jurídicos, a Medicina do século XIX assume uma postura normativa que a autoriza a reger as relações físicas e morais dos indivíduos e da sociedade. Desde então, se estabeleceu a vigilância constante sobre os corpos e as ações dos sujeitos, no sentido de alcançar o controle estatístico da saúde, minimizando o risco de transmissão e proliferação de doenças no corpo social.

No contexto da vacinação, o sujeito imunizado assume uma posição a respeito da proteção e prevenção, ao mesmo tempo, esse sujeito é produzido como integrante de uma rede de significação que o constitui como parte da imunidade coletiva. Ao contrário disso, o sujeito que considera as vacinas como um perigo, pauta sua decisão em uma escolha individual e passa a ser significado pelo corpo social como ameaça. Segundo as considerações de Natyeli Rallo

Shimizu (2020), o Estado identifica e regula a contenção da ameaça de sujeitos não-vacinados através da vigilância das instituições e por dispositivos jurídicos que determinam a vacinação e as penalidades em caso de não cumprimento.

Manuel Castells (2017) descreve como “movimentos sociais em rede” as manifestações presentes no cenário contemporâneo. Marcadas por novas configurações, próprias desse tempo histórico, esses movimentos (re) organizam os sujeitos no espaço digital, que funciona como um catalisador da insatisfação social sobre assuntos específicos que afligem e são comuns a esses sujeitos. Segundo o autor, os sujeitos buscam canais alternativos, não institucionalizados, para manifestar suas necessidades, por não se sentirem representados pelo discurso do Estado. Outro fator discutido é a autonomia proporcionada pelas tecnologias para a comunicação com os integrantes do movimento antivacinas em escala local ou global. Tal movimento no *Facebook* se inscreve nesse contexto por apresentar características discursivas bastante específicas, veiculadas em um espaço permeado pela identificação entre sujeitos e pela resistência ao discurso institucional sobre a vacina. Esses embates se constituem em relações de poder que perpassam o tecido social como um todo, traduzindo-se em uma luta em torno da imposição de significação, que tentam fazer valer certos significados, particulares de um grupo social, sobre outros.

Nos próximos subcapítulos, me dediquei à análise dos resultados de pesquisa. Para tanto, lancei mão de conceitos já discutidos ao longo do referencial teórico desta Dissertação, tais como biopolítica, relações de poder, subjetividades e discursos. Para adentrar na descrição de como funcionam as técnicas utilizadas pelos antivacinas para a condução da conduta de seus seguidores no *Facebook*, reitero o que diz Castells (2013) sobre as redes de informação, uma vez que essas possuem capacidade de inserir, além de novos agentes, novos conteúdos no processo de sistematização da sociedade. O autor alerta para a relativa autonomia desses meios, denominando-os de centros do poder.

Sabendo que a comunicação teve seus processos reconfigurados de maneira constante nas últimas décadas, busquei demonstrar, ao eleger um grupo do *Facebook* como objeto de pesquisa, como essas dinâmicas de troca de informações reestruturam comportamentos sociais e culturais. Nesse sentido, procurarei analisar como os discursos do movimento antivacinas são potencializados pelas redes sociais digitais e como operam as técnicas de subjetivação presentes nesse meio, com o objetivo de construir uma realidade que atenda aos interesses desse movimento.

4.1 OBRIGATORIEDADE DA VACINAÇÃO: AFRONTA ÀS LIBERDADES INDIVIDUAIS

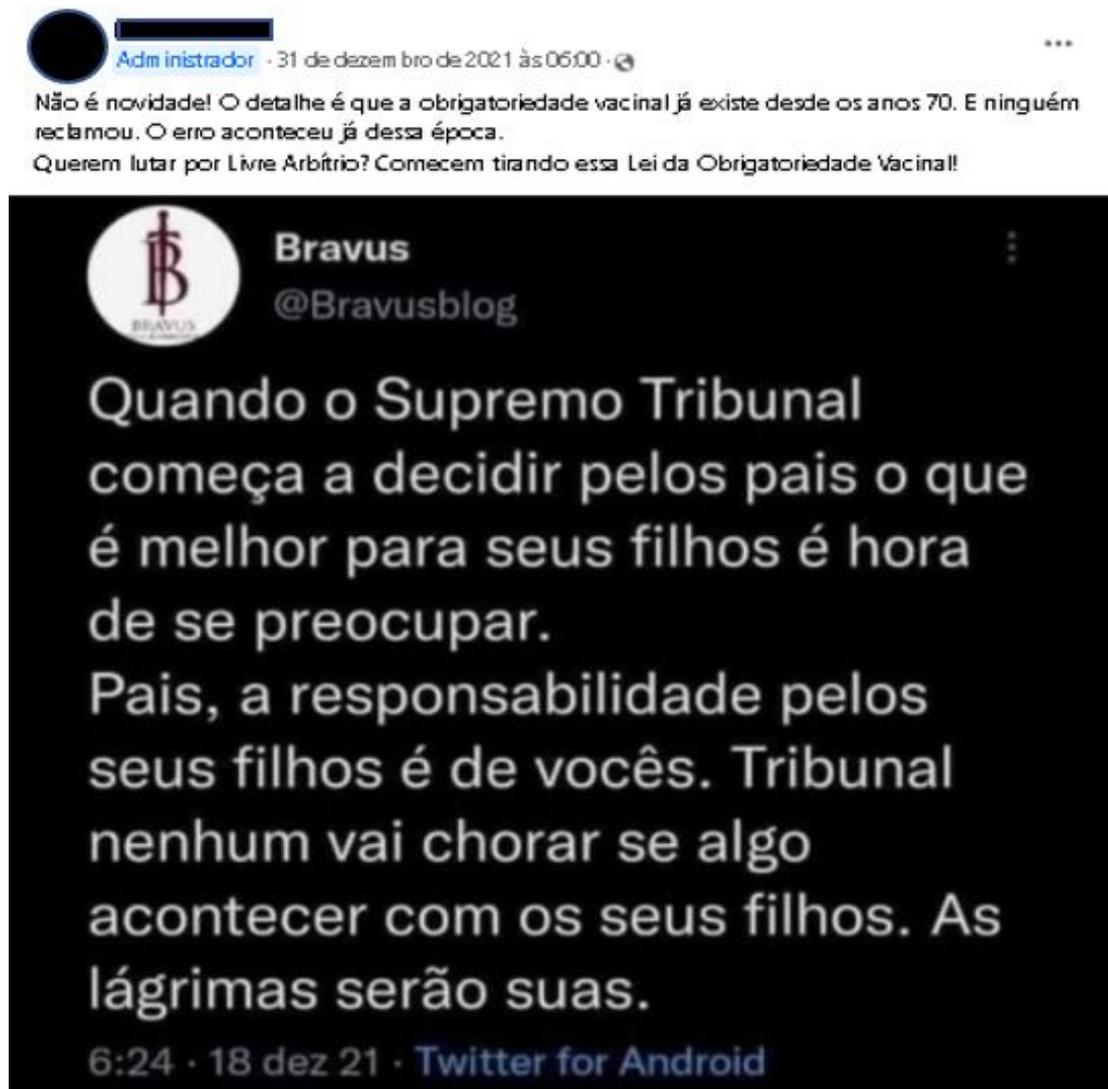
Nesta primeira categoria de análise, procurei compreender os jogos de poder envolvidos nas tentativas de fazer com que os sujeitos se reconheçam através desses ditos. Ao tratar dos discursos antivacinas, busquei mapear as discursividades que circularam dentro do Grupo *Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas*, que contêm críticas à obrigatoriedade da vacinação, que na visão dos membros do Grupo representam afrontas às liberdades individuais. Dessa forma, pude perceber que a luta pela produção de novas práticas em relação à vacinação é um processo ativo de incorporação, seleção, organização e interpretação de práticas, sentidos e valores. Tais ações, entendidas como práticas culturais, são interpelativas, pois buscam dizer ao indivíduo quem é ele, como deve ser, o que deve fazer, criando uma realidade específica a partir de seus ditos, através da qual os sujeitos passam a se reconhecer e se posicionar.

Na figura mais abaixo (Figura 6), extraída do Grupo *Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas*, é possível observar uma forte resistência à obrigatoriedade das vacinas. Como já descrito anteriormente, esse tipo de manifestação foi algo bastante recorrente nas publicações durante o ano de 2021, o que demonstra um esforço por parte dos antivacinas de obter o direito de escolha/decisão frente à “imposição” da vacinação. Nota-se, na publicação aqui reproduzida, que é o recorte de um comentário feito em um *blog* com críticas ao Supremo Tribunal Federal (STF) pelo estabelecimento do passaporte vacinal obrigatório, uma tendência a criticar as instituições.

No Brasil, existem dispositivos jurídicos que determinam a obrigatoriedade da vacinação como forma de garantia de direitos básicos, dentre eles a saúde e a educação. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) traz no texto de seu artigo 14 §1º: “É obrigatória a vacinação das crianças nos casos recomendados pelas autoridades sanitárias” (BRASIL, 1990). Vale lembrar que, apesar da obrigatoriedade, a vacinação no Brasil não é compulsória, ou seja, ninguém pode ser forçado a se vacinar contra sua vontade e caso recuse a vacinação o indivíduo não será privado de sua liberdade, mas poderá ser impedido de usufruir de certos direitos, como frequentar certos lugares como escolas ou viajar para outra cidade ou país, como foi o caso das restrições impostas durante a pandemia de covid-19. No entanto, na visão dos antivacinas, ao lançar mão desses dispositivos, o STF está invadindo o direito dos pais de decidirem sobre a saúde de seus filhos, invocando o perigo de que os mesmos venham a sofrer danos decorrentes da vacinação.

Ao compartilhar esse recorte no Grupo, a administradora insere uma legenda anterior à figura, onde sugere que é necessária uma luta pela derrubada da obrigatoriedade vacinal que, segundo ela, foi estabelecida nos anos 1970 sem que houvesse protesto da sociedade, o que em sua visão representou um erro. Em tom fatalista, a publicação do *blog* traz um apelo à responsabilização dos pais pela decisão de vacinar ou não seus filhos, suscitando a ideia de autonomia e liberdade de escolha do sujeito sobre o que será feito com seu corpo e de seus dependentes.

Figura 6: Publicação a respeito da obrigatoriedade das vacinas



Fonte: Facebook (2021)

O viés religioso foi frequentemente encontrado nas publicações dessa categoria, como pode ser observado no recorte compartilhado, a partir do emprego da ideia de livre arbítrio, termo notadamente religioso que se refere à possibilidade da espécie humana de tomar decisões em função da própria vontade, isenta de qualquer condicionamento. A religiosidade como um sistema simbólico estruturante que pode, através de esquemas e lógicas diversas, oferecer

estímulo para a construção das subjetividades, opera no sentido de atingir os adeptos de doutrinas, que possam buscar explicações outras para os acontecimentos que não aquelas pautadas no pensamento científico. Para Daniella Martins (2021), o crescimento de um certo fundamentalismo religioso pode ser compreendido como reflexo da ascensão de uma política neoconservadora, que aliada a um discurso religioso dogmático, busca a retomada de valores morais bíblicos.

Marcos Dias Camelo e Kátia Menezes de Sousa (2019) tratam sobre os movimentos neopentecostais³¹ e suas semelhanças com as táticas e estratégias do neoliberalismo no campo empresarial descritas por Dardot e Laval (2016), sejam elas, controle de produção, incentivo de funcionários, gerenciamento de metas. A teologia da prosperidade, pregada no movimento neopentecostal, defende que Deus reserva sucesso financeiro, saúde e realizações na vida para os cristãos, quanto mais generosos os mesmos sejam para com suas doações à igreja. Outra semelhança com o modelo neoliberal é a ausência de uma figura hierárquica central, o que pressupõe uma descentralização do poder.

O pentecostalismo e o neopentecostalismo também se caracterizam pela intolerância e pelo radicalismo com que enfatizam uma constante guerra espiritual contra a figura do Diabo e seus representantes na Terra, da cultura à política e pela utilização dos meios de comunicação de massa, como rádios e programas de TV (ROCHA, 2020). Um membro desse movimento bastante conhecido no Brasil é o bispo evangélico Edir Macedo Bezerra, televangelista, escritor, teólogo, empresário, fundador e líder da *Igreja Universal do Reino de Deus* e proprietário do *Grupo Record* e da *RecordTV*, a terceira maior emissora de televisão do país.

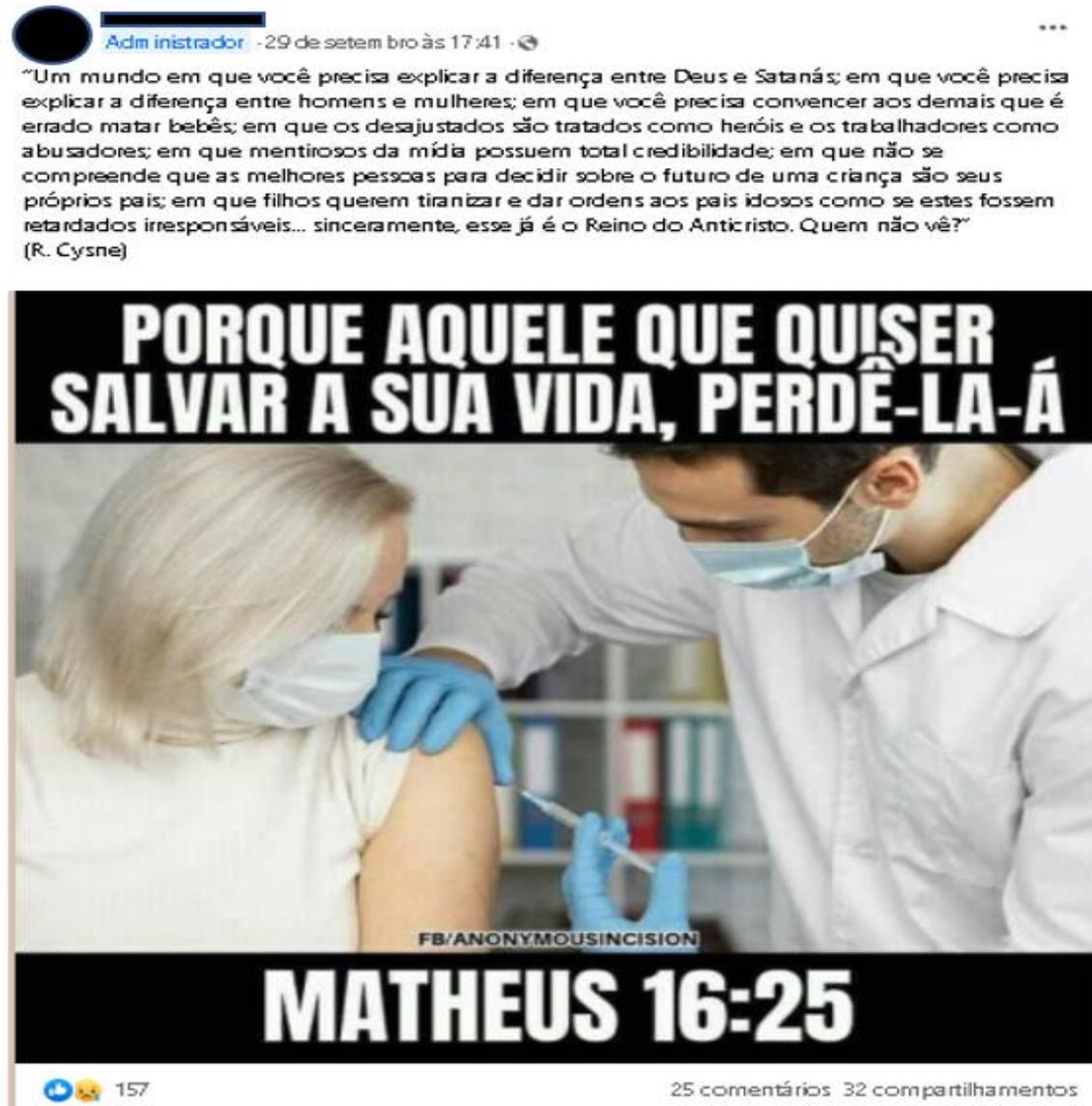
Um outro grupo religioso que se assemelha ao modo de ação dos pentecostais e neopentecostais é a Renovação Carismática Católica³². De origem ecumênica, o movimento tem no Brasil um de seus maiores núcleos, com cerca de 13 milhões de adeptos espalhados por aproximadamente 20 mil grupos de oração (RENOVAÇÃO, 2011).

³¹ O neopentecostalismo é um movimento religioso derivado do pentecostalismo. Ambos são movimentos dissidentes do protestantismo. Foi iniciado por líderes religiosos dos Estados Unidos nos anos 1960, quando passaram a ser chamados de neocarismáticos ou evangélicos carismáticos. No Brasil, o movimento neopentecostal teve início com Edir Macedo e sua Igreja Universal do Reino de Deus no fim dos anos 1970 (ROCHA, 2020).

³² A Renovação Carismática Católica(RCC) anteriormente conhecida como Pentecostalismo Católico, é um movimento originário dos Estados Unidos durante a década de 1960 com a intenção de incorporar ao Catolicismo alguns elementos oriundos do Pentecostalismo Protestante (orações em línguas, liturgias animadas, "encontros pessoais" com Cristo, etc.). No Brasil a Renovação Carismática teve origem na cidade de Campinas, SP, através dos padres Haroldo Joseph Rahm e Eduardo Dougherty que defendem o movimento como forma de contribuir para reduzir o ritmo de queda do número de católicos no país dado ao crescimento de outras doutrinas, principalmente das evangélica (RENOVAÇÃO, 2011).

A razão pela qual nomeei tais movimentos nesse ponto do texto se deve ao fato de que os mesmos estiveram imbricados, especialmente durante a pandemia, em falas polêmicas envolvendo as questões da vacinação contra a covid. Esse tipo de pensamento pode ser notado também na Figura 7, onde a administradora do Grupo lança mão de uma analogia religiosa, criticando o aborto e a homossexualidade, ao mesmo tempo em que aponta os pais como as melhores pessoas para decidirem sobre a saúde das crianças.

Figura 7: Publicação com analogia religiosa



Fonte: Facebook (2021)

Martino (2012) considera que a socialização ampliada do pensamento religioso, através das redes sociais, facilita os intercâmbios entre grupos internos e externos às igrejas e expande a força política da instituição, dando-lhe um caráter mais legítimo enquanto “instância representativa dos princípios de um contingente de pessoas” (p.233). No contexto do Grupo analisado, o discurso religioso se apresenta como mediador de práticas sociais, uma vez que se

trata de um recurso que se apoia em um sistema que agrega crenças, valores morais, éticos e espirituais. A Figura 8 ilustra esse tipo de abordagem, uma vez que incita os “féis” a abandonarem as soluções mundanas do “soro milagroso” das vacinas e se apearem na oração como forma de garantir a liberdade e dignidade humana e a manutenção do livre arbítrio dado por Deus ao homem.

Figura 8: Publicação com apelo religioso, a favor das liberdades individuais



Fonte: Facebook (2021)

A contrariedade à vacinação obrigatória se expressa também em argumentos que reivindicam liberdades civis, conforme encontrado nas publicações COV16 (Figura 9) e COV 24 (Figura 10) o que denota uma nova interpretação dos dispositivos jurídicos, com o objetivo de resguardar o direito de escolha e recusa à vacinação, em defesa da autogestão da saúde com a livre adesão a tratamentos alternativos em detrimento de tratamentos convencionais como a vacina.

Figura 9: Publicação com críticas à obrigatoriedade das vacinas



Fonte: Facebook (2021)

A publicação acima traz o trecho de um vídeo onde o presidente Jair Bolsonaro afirma que ninguém seria obrigado a tomar a vacina, retomando a ideia de que cada indivíduo seria responsável pelo cuidado com a própria vida e de sua família, ao que a administradora do Grupo contesta inserindo a legenda: “será que podemos mandar no nosso nariz?”, além de alguns recortes de falas de um médico e influenciador digital que faz interpretações do Artigo 268 do Código Penal que prevê Pena - detenção, de um mês a um ano, e multa a quem “Infringir determinação do poder público, destinada a impedir introdução ou propagação de doença contagiosa” (BRASIL, 1940). A seguir o mesmo influenciador reproduz um trecho da Lei 13.979 de 06 de fevereiro de 2020, que institui as medidas de enfrentamento da emergência de saúde frente à pandemia de covid, enumerando motivos para criticar os dispositivos legais que seriam utilizados para cercear as liberdades dos cidadãos brasileiros. A publicação faz ainda uma crítica à contradição entre a fala do presidente de desincentivo à vacinação e à lei

sancionada por ele que a torna obrigatória ao que uma seguidora responde afirmando que o STF estaria estudando a criação de prisões para quem não se vacinar e não apresentar o passaporte vacinal. Essas falas representam *fake news* pois, como já explicado anteriormente, a recusa de vacinas não implica em prisão para o indivíduo, mas em suspensão de alguns direitos. A utilização de falas dessa natureza demonstra contrariedade aos dispositivos legais e à autoridade dos poderes de Estado, principalmente ao poder judiciário representado pelo STF, órgão ao qual coube decidir sobre diversas matérias relacionadas às medidas de controle da pandemia, inclusive sobre a constitucionalidade da vacinação compulsória dos cidadãos brasileiros contra a covid-19. Apelidos pejorativos como “togados”, citado no recorte, suscitam a antipatia contra os juízes, no sentido de classificar suas decisões como tendenciosas e parciais. O próprio presidente da república demonstrou uma postura hostil para com os representantes do Supremo, principalmente após o início da pandemia, criticando seus integrantes com ataques pessoais e às suas decisões, especialmente a que distribui a responsabilidade pelas medidas sanitárias a estados e municípios, conforme será discutido a seguir.

Figura 10: Publicação com *link* de pedido de revogação da vacinação compulsória

The image shows a Facebook post and a linked page for a legislative proposal. The post is from an administrator, dated 27 de setembro às 18:19. It asks a question: "Uma pergunta: Cada estado pode decidir como fazer sobre o passaporte vacinal?" and includes a link to a legislative proposal on the Senado Federal website. The proposal is titled "Revogação da Lei 13.979/20 no que se refere a vacinação compulsória" and has 21.276 supports. The proposal text states that it aims to revoke the compulsory vaccination requirement for individuals aged 12 and over, as it is considered an arbitrary measure by governors, mayors, and private companies, without scientific basis. The proposal was submitted by a user whose name is redacted.

IDEIA LEGISLATIVA

COMO FUNCIONA

Revogação da Lei 13.979/20 no que se refere a vacinação compulsória

Fim das arbitrariedades por Governadores, Prefeitos e empresas particulares que estão exigindo a obrigatoriedade de uma vacina que ainda está em caráter experimental, sem registro e sem comprovação científica causando segregações, demissões por justa causa ferindo o Artigo 15 do código Civil.

[Mais detalhes](#)

Sabemos que a vacinação é uma importante ferramenta no controle da pandemia, assim como muitos medicamentos já existentes que foram repositionados e que estão sendo usados por médicos no tratamento da doença estão se mostrando eficazes, portanto não existe fundamentos científicos de que a vacinação tenha que ser obrigatória, sem contar as pessoas que já estão imunizadas por terem tido a doença.

21.276 apoios

Compartilhe

Data limite para receber 20.000 apoios
21/01/2022

Ideia proposta por [Redacted]

Emitir declaração de autoria de ideia

Fonte: Facebook (2021)

No recorte acima a administradora compartilha um *link* da página do portal e-Cidadania do Senado Federal no qual uma cidadã propõem uma ideia legislativa de revogação da vacinação compulsória e do que ela classificou de arbitrariedades por parte de prefeitos, governadores e empresas particulares ao exigirem a vacinação que do seu ponto de vista está ainda em fase experimental. Nos detalhes da solicitação, explana-se que, além das vacinas, outros medicamentos utilizados no tratamento da covid vêm se mostrando eficazes, assim como as imunizações naturais por contato com a doença. A administradora insere um questionamento à publicação indagando se estados e municípios podem decidir sobre a exigência do passaporte vacinal. No final de 2020, o STF decidiu dar a estados e municípios autonomia para determinar as medidas sanitárias referentes à contenção da pandemia, inclusive submeter seus cidadãos compulsoriamente à vacinação e impor aos que recusem a vacinação as medidas restritivas previstas em lei (multa, impedimento de frequentar determinados lugares ou da matrícula em escola) (SUPREMO, 2020).

Nesse sentido, a resistência à obrigatoriedade da vacinação sugere que o sujeito antivacina anseia pela liberdade de ação individual, na área da saúde, sem intervenções governamentais. Essa interpretação produz o corpo como propriedade de domínio privado no qual o sujeito caminha para o governo de si. Para Dardot e Laval (2016):

O autogoverno ou governo de si é um movimento do sujeito forjado pela ideologia neoliberal que o produz como empresa de si. Por esse viés, cada indivíduo deve aprender (...) a ser um sujeito “ativo” e “autônomo” na e pela ação que ele deve operar sobre si mesmo. Dessa forma, ele aprenderá por si mesmo a desenvolver “estratégias de vida” para aumentar seu capital humano e valorizá-lo da melhor maneira (...). (p. 337, grifos no original)

Nesse modelo neoliberal, o sujeito possui livre escolha nas decisões a partir das informações que dispõe, tornando-se empreendedor em vários aspectos de sua vida, inclusive da saúde. O sujeito antivacina se insere, na lógica neoliberal, investindo no governo de si pela autogestão da sua saúde. Ao compartilhar argumentos no Grupo do *Facebook* em defesa da não vacinação, ele se posiciona como empreendedor de sua vida, ao decidir o que é melhor para si e para os seus.

A disputa narrativa estabelecida entre o bastião científico e pensadores livres, terraplanistas³³, partidários de teorias conspiratórias, simpatizantes da extrema direita,

³³ Terraplanistas são os adeptos da teoria que afirma que a Terra é plana. Apesar do terraplanismo ser considerado obsoleto, essa teoria ganhou novos tons em 2014, quando um professor universitário chamado Eric Dubay publicou um arquivo em PDF de 35 páginas apresentando 200 provas de que a Terra era plana, posteriormente, o livro

antivacinas e tantos outros grupos que se projetam no cenário contemporâneo como negacionistas, representam um deslocamento importante do lugar legitimador da ciência e da constituição do conhecimento pelo sujeito, e isso tem a ver também com o funcionamento e as facilidades do mundo digital, que atua como um catalisador e dissipador dessas ideias.

O atendimento das necessidades humanas básicas, dentre elas a saúde, constitui-se como um bem jurídico que se relaciona diretamente com o gozo de uma vida digna. A vacinação é uma das medidas sanitárias utilizadas pelo Estado para a garantia da prevenção de doenças a nível populacional. Sua recusa, assim, afeta tanto o direito individual à saúde de cada criança, quanto o direito coletivo à saúde. Do ponto de vista jurídico, a desobediência pode vir a configurar crime contra a saúde pública, nos termos do artigo 268 do Código Penal (BRASIL, 1940). Nesse contexto, se observa os contornos das relações entre Estado e família, visto que, se de um lado os pais têm direitos e liberdades na criação dos filhos, conforme suas escolhas e orientações ideológicas e religiosas, por exemplo; por outro lado, o Estado também tem o dever de proteção não apenas das crianças, mas de toda a coletividade e, do ponto de vista sanitário, não se vacinar implica em colocar várias vidas em perigo.

Ao trazer uma leitura foucaultiana da temática do liberalismo e do neoliberalismo, devo citar novamente o curso *Nascimento da Biopolítica* (FOUCAULT, 2008), onde o filósofo aborda a questão da liberdade liberal, apontando que esta não dispensa os dispositivos de segurança, nem a biopolítica da população. Os dispositivos destinados a “fazer viver” nasceram no século XIX, onde uma das estratégias utilizadas para a manutenção da vida individual e coletiva foi a vacinação da população, como forma de erradicar moléstias, inaugurando novas formas de governar a população, atreladas à gestão dos aspectos biológicos da vida, ao mesmo tempo em que se buscava a regulação da economia política.

Hong Kong, onde a teoria do Estado mínimo pode ser observada na contemporaneidade, tem o melhor arcabouço legal de proteção à propriedade privada do mundo, além de uma carga tributária praticamente inexistente, pois não há tarifas de exportação e importação, o que caracteriza um regime econômico liberal. Tiago Reis (2019) discute as formas como essa prática governamental dá conta de gerir a vida de uma população com um governo mínimo, apontando que nesse modelo econômico e social o que se defende é que o Estado mantenha

tornou-se um vídeo que tem milhares de visualizações. Os terraplanistas afirmam que as agências espaciais promovem uma grande conspiração falsificando explorações e viagens ao espaço. (ARAÚJO, 2022)

apenas suas funções básicas, como garantir boas condições de saúde e educação deixando todo o resto a cargo da iniciativa privada.

A partir dessas reflexões, pude inferir que o modo neoliberal de governar se baseia no procedimento crítico e que esse não se preocupa em estabelecer a verdade ou a falsidade de uma dada ideia. Foucault (2008, p.49) se ocupa da “análise da constituição de certo direito da verdade (...) encontrando sua manifestação privilegiada no discurso (...)”. Nesse sentido, o autor emprega o termo “liberal” para caracterizar um tipo de governamentalidade que é “consumidora de liberdade” (FOUCAULT, 2008, p.86). Tais liberdades, de natureza econômica, civil e política, são produzidas pelo próprio liberalismo, o que acarreta custos e problemas para o sistema, daí a necessidade de se estabelecer um jogo de liberdade e segurança. Foucault denomina essa relação de “economia de poder própria do liberalismo” (FOUCAULT, 2008, p.89), a partir da qual se faz necessário gerir a liberdade dos indivíduos cuidando para que os interesses de uns não coloquem em risco a liberdade de outros sujeitos e da coletividade.

Foucault (2008) aponta ainda que “não há liberalismo sem cultura do perigo” (p.91), se referindo aos perigos cotidianos, estimulados e postos constantemente em circulação no século XIX. Ao deslocar esse entendimento para a contemporaneidade, percebi que essa é a chave para a compreensão dos dispositivos de segurança que atravessam nossa sociedade. No caso das vacinas, é possível vislumbrar diversos pontos de convergência entre a descrição feita por Foucault e os dispositivos que regulam as questões de saúde. No Brasil, foi criado, em 1975, o *Plano Nacional de Imunizações* (PNI) que tornou obrigatória a vacinação de todos os cidadãos em território nacional (BRASIL, 1975). Esse dispositivo jurídico representa um dispositivo de segurança que opera sobre o conjunto da população. Tais dispositivos se apoiam em dados e estatísticas, no sentido de frear ou minimizar aquilo que é considerado perigoso, calculando os riscos e intervindo nas crises.

As vacinas podem ser encaradas, portanto, enquanto técnica biopolítica. Segundo Silvana Tótorá (2011, p.5), “as programações das ações governamentais visam a controlar os processos de nascimento, vida e morte de uma massa global”. Para Foucault (2021), a biopolítica tem como alvo a população como um problema político e científico, isto implica dizer que existe um problema de relações de poder constituído discursivamente de forma inseparável dos aspectos biológicos da vida humana. Foucault (2012, p.285-286) aponta a “assunção da vida pelo poder” como um dos fenômenos marcantes do século XIX, em que houve “uma tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo, uma espécie de estatização do biológico”.

No contexto atual, permeado pela racionalidade neoliberal, pode-se observar vários elementos do passado sendo retomados tais como o fascismo, o negacionismo, o conservadorismo, o libertarianismo. Isso não significa necessariamente uma volta ao passado, mas que esses elementos vêm sendo acionados de uma maneira nova, sob a lógica da concorrência e do capital. Para Neide César Vargas (2021), esse é um modo de governo peculiar, no sentido foucaultiano de racionalidade, que rege as instituições e os sujeitos. Conforme pontuam Dardot e Laval (2016), o desgaste dos princípios da vida comum, dentro desse sistema neoliberal, vem promovendo continuamente, nas relações sociais, situações de rivalidade, de precariedade, de incerteza e de empobrecimento, disfarçadas sob a bandeira da liberdade individual. A exemplo do que ocorreu durante a crise econômica de 2008, onde em vez de perder forças, o neoliberalismo se fortaleceu ao se tornar sistêmico, num momento de explosão da dívida pública de alguns países europeus, alguns governos neoliberais não hesitaram em instrumentalizar ressentimentos de determinados setores, direcionando-os para bodes expiatórios. Saskia Sassen (2016) descreve em seu livro, *Expulsões: Brutalidade e complexidade na economia global*, como a lógica da expulsão se manifesta em múltiplos espaços cotidianos, como aqueles relacionados aos impactos ambientais, sociais e financeiros, gerando um processo de seleção cruel que perpassam o Norte e o Sul global, onde um grande número de pessoas, empresas e lugares são afastados das ordens sociais e econômicas centrais de nosso tempo.

Os efeitos destrutivos do modelo neoliberal sobre a vida econômica e social podem ser percebidos onde se alimentam os sentimentos de raiva e ressentimento de parcelas da população, ensejando crises políticas (DARDOT; LAVAL, 2018). Se, no passado, o neoliberalismo vinha acompanhado da ideia de abertura, de progresso, associando-se com as liberdades individuais, hoje se aglutina ao fechamento de fronteiras, à construção de muros, ao culto à nação e à soberania do Estado.

Nesse cenário, aparecem as condições para o fortalecimento do negacionismo científico, que de fato sempre existiu e se coloca a serviço dessa lógica. Através da apropriação do conhecimento científico de maneira seletiva, nesse tipo de negacionismo, procura-se desacreditar determinadas ideias e abrir espaço para crenças pseudocientíficas. Isso ocorre por conta do desconhecimento que o grande público tem acerca de como a ciência opera:

As ideias negacionistas visam levantar suspeições por meio de estratégias falsificadoras, dirigidas a abordagens que são respeitáveis nos ambientes científicos, mesmo que nem sempre consensuais, utilizando-se para tanto de uma retórica de convencimento propagada junto às mídias e ao grande público. (DIETHELM; MCKEE, 2009, p.2)

Alguns governos, grupos e organizações se utilizam desse negacionismo como uma arma importante para suas ações. Para Vargas (2021), atacar e ridicularizar individualmente os adeptos das ideias negacionistas tende a agravar seus efeitos na sociedade, com o aprofundamento das polarizações, dada a natureza do fenômeno, no âmbito do qual os indivíduos se deixam convencer por posições políticas muitas vezes contrárias ao interesse comum e, a médio prazo, aos seus próprios interesses. Jefferson Rodrigues Barbosa (2018) chama atenção para o vigor, na atualidade, de movimentos sociais que assumem caráter regressivo, voltados para reduzir ou cancelar direitos.

4.2 VACINAS SEGURAS. ONDE?

O excerto abaixo pertence a segunda categoria de análise e exemplifica uma argumentação bastante recorrente no Grupo *Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas*, durante o ano de 2021, que diz respeito às dúvidas sobre a eficácia das vacinas (DEV), especialmente a recém desenvolvida vacina contra a covid-19. Apenas três dias após a aplicação da primeira dose no Brasil, no dia 20 de janeiro de 2021, a administradora do grupo compartilhou um *post* com questionamentos (tipo um *quiz*, com perguntas e respostas), onde a mesma afirma que a vacina em nada modificaria o cenário da pandemia, devido à continuidade dos protocolos sanitários e restrições ao uso do imunizante que, a princípio não deveria ser aplicado em gestantes, por exemplo. Ao final ela infere que a vacina não proporciona imunidade e que, portanto, é inútil e ineficaz.

Ah e as grávidas podem tomar? NÃO!
 Crianças? Não!
 Se eu for vacinado:
 1- Posso deixar de usar a máscara? Não
 2- Podem reabrir restaurantes, etc.? E todo mundo trabalhar normalmente? Não
 3- Serei resistente ao COVID-19? Pode ser, mas não sabemos exatamente, provavelmente não te impedia
 4- Pelo menos deixarei de ser contagioso para os outros? Não, você ainda pode transmitir, possivelmente, ninguém sabe.
 5- Se vacinarmos todas as crianças, a escola voltará normalmente? Não
 6- Se eu for vacinado, posso parar com o distanciamento social? Não
 7- Se eu for vacinado, posso parar de desinfetar minhas mãos? Não
 8- Se eu e meu avô formos vacinados, podemos nos abraçar? Não
 9- Cinemas, teatros E estádios serão reabertos graças às vacinas? Não
 10- Os vacinados poderão ser recoletados? Não
 11- Qual é o real benefício da vacinação? O vírus não vai te matar.
 12- Tem certeza que ele não vai me matar? Não
 13- Se estatisticamente o vírus não me matou mesmo. Porque eu seria vacinado? Para proteger os outros
 14- Então, se eu for vacinado, os outros têm 100%de certeza de que não os estou infectando? Não
 Portanto, a injeção não dá imunidade.
 Não elimina o vírus.
 Não impede a morte.
 Isso não garante que você não será contaminado. (FACEBOOK, 2021)

Nas publicações que se seguiram, ao longo dos meses de 2021, notícias sobre pessoas que contraíram a covid-19, mesmo após a vacinação, seguidas de ironia e descrédito apareceram frequentemente no Grupo. Como se pode ver na publicação DEV04 (Figura 11) , onde a administradora do Grupo compartilha um *link* com notícia sobre a infecção por covid de 240 israelenses já vacinados antecedido da frase “Mas não é o objetivo com a vacinação?”, a reprodução de manchetes com distorção de seu sentido original produz a ideia de dúvida e ineficácia, uma vez que, na data deste compartilhamento, 5 de janeiro de 2021, apenas a primeira dose havia sido administrada em uma pequena parcela da população de Israel, não havendo parâmetros seguros para que se pudesse apontar ineficácia ou sucesso da vacinação.

Figura 11: Publicação com notícia de contaminação pela doença de israelenses já vacinados contra a covid



Fonte: Facebook (2021)

A reportagem da qual trata a publicação acima³⁴ tem caráter informativo e trata da importância de os indivíduos continuarem a se proteger por semanas após a inoculação, até que o organismo desenvolva os anticorpos necessários para combater o SARS-CoV-2. Ao contrário do que a legenda inserida pela administradora faz supor, o texto informa que a vacina da Pfizer

³⁴<https://www.judaismobiblico.com/post/240-israelenses-diagnosticados-com-covid-ap%C3%B3s-a-vacina%C3%A7%C3%A3o>

não é desenvolvida a partir do coronavírus em si, o que significa que é impossível alguém ser contaminado através da vacina. Além disso, é salientado na reportagem a importância da segunda dose da vacinação, o que aumenta em 95% sua eficácia (SIMBERG, 2021).

Nessa mesma categoria, encontrei, por diversas vezes, termos pejorativos e xenofóbicos empregados no sentido de criticar a efetividade da aplicação dos imunizantes, em publicações como a DEV01 (Figura 12) e DEV06 (Figura 13), que trazem frases como: “A China anunciou que lançou no mercado um paraquedas com 50% de chance de abrir. Topa?” e expressões como “vachina”. O tom empregado indica zombaria, com a intenção de obter reações do leitor ou interlocutor com o objetivo de denunciar ou censurar o início da aplicação das vacinas contra a covid, desqualificando os imunizantes produzidos em colaboração com a China como é o caso da CoronaVac, a primeira a ser utilizada no Brasil.

Figura 12: Publicação contendo frase pejorativa em relação à qualidade dos produtos chineses



Fonte: Facebook (2021)

Embora a origem do novo coronavírus não seja conhecida, o fato de em Wuhan, uma província localizada no leste da China, terem sido registrados os primeiros casos de covid-19, deu margem para a propagação de diversos boatos, inclusive um bastante disseminado nas redes sociais, de que os chineses teriam criado o novo coronavírus em laboratório, pois isso fortaleceria o país no cenário mundial após a crise decorrente da pandemia. Tais ditos ocasionaram a intensificação da já existente discriminação e estigmatização contra os asiáticos, tema este que é pouco debatido no Brasil.

Logo no início da pandemia o Deputado Federal e filho do Presidente da República, Eduardo Bolsonaro³⁵, do PSL, provocou uma crise diplomática entre o Brasil e a China ao realizar uma publicação em uma de suas redes sociais, na qual comparou o coronavírus ao acidente nuclear de Chernobyl e a ditadura soviética à chinesa, culpando diretamente o país pela pandemia e afirmando que a liberdade seria a solução. Falas essas que foram imediatamente repudiadas pela embaixada da China no Brasil, que exigiu retratação e um pedido de desculpas ao povo chinês.

Outro episódio que estremeceu a relação entre os dois países, foi o posicionamento do então Ministro da Educação, Abraham Weintraub, que publicou uma mensagem em seu Twitter onde a figura do personagem infantil Cebolinha ironizava o sotaque chinês ao falar português. Utilizando uma ilustração contendo a bandeira da China³⁶, o ex-ministro fala em plano infalível de dominação mundial, fortalecimento geopolítico e aliança entre Brasil e o País asiático em uma alusão à parceria para a produção de vacinas, ação esta que foi criticada pelo próprio presidente Bolsonaro. Esses discursos partindo de autoridades do governo brasileiro parecem incentivar outras pessoas a agirem de forma violenta e se somam a cada vez mais postagens ofensivas nas redes sociais, agressões a chineses nas ruas e em espaços públicos, proibição da entrada de asiáticos em determinados lugares.

³⁵ <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eduardo-bolsonaro-culpa-china-por-coronavirus-embaixador-repudia-fala/>

³⁶ A publicação foi apagada da página pessoal do ex-ministro após a repercussão negativa, mas pode ser encontrada no *link* abaixo de uma reportagem que comentou o fato: <https://www.poder360.com.br/governo/ministro-da-educacao-posta-mensagem-enigmatica-com-referencias-a-china/>

Figura 13: Publicação com crítica à aplicação da “Vacina Chinesa” em idosos sem comprovação de sua eficácia.

 Administrador · 17 de janeiro · 🌐

Perfeito! Agora vão tomar vacina do Covid, e não reclama ou diz que não foi avisado!

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55675032>

Nota: Segundo a Anvisa, não é possível mensurar eficácia da Vacina para idosos pelos dados apresentados nos testes... Esse é o principal grupo de risco para a doença.

“Assisti a apresentação do relatório e voto da Anvisa, em todo momento o gerente de medicamentos afirmava que os estudos não eram suficientes que não tinha os dados da Vacina Chinesa e não tinha confiabilidade na Vacina, mas a conclusão era que tinha que aprovar a vacina de uso emergência, pois não tinha outro medicamento. Resumindo a incompetência ganhou, a vacina não tem eficácia, mas mesmo assim vai aplicar na população.”

“A nossa maior crise é a de poder, dizem que o gigante acordou, se acordou dormiu novamente.”

Gustavo Mendes afirmou: “Os dados fornecidos de imunogenicidade da CoronaVac não são quantitativos, são qualitativos e, por isso, não foram considerados adequados pela Anvisa. É um pacote de informações que precisa ser enviado, esse dado é fundamental.”

De acordo com apresentação elaborada pela equipe da Anvisa, com relação à CoronaVac, “não foram apresentados os resultados da avaliação de imunogenicidade ao longo do tempo para esse estudo, de acordo com o que era

[s://www.bbc.com/portuguese/brasil-55675032](https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55675032)



Anvisa aprova uso emergencial das vacinas CoronaVac e AstraZeneca no Brasil
globo.com.br

👍👎 28 · 4 comentários · 17 compartilhamentos

Fonte: Facebook (2021).

No recorte acima, nota-se novamente o emprego de termos depreciativos em relação à vacina CoronaVac. A administradora insere um *link* onde se lê que a ANVISA aprovou o uso emergencial das vacinas CoronaVac e AstraZeneca no Brasil. Logo em seguida, a mesma escreve uma nota criticando o órgão por não apresentar dados suficientes para mensurar a eficácia da “vacina chinesa”, que estaria sendo aplicada na população de forma incompetente e irresponsável.

Em sua página na internet, o Instituto Butantan divulgou um artigo intitulado *9 mitos sobre a CoronaVac, vacina do Butantan contra a covid-19, e a verdade por trás deles*³⁷, no intuito de combater as *fake news* e a desinformação acerca do imunizante produzido por eles. Nesse sentido, esclarecem que as dúvidas sobre a qualidade dos produtos de origem chinesa são infundadas, pois o país asiático tem grande experiência na produção de vacinas. Inclusive cerca de 35% dos medicamentos usados e aprovados no Brasil possuem matéria-prima ou componentes de origem chinesa, segundo o instituto.

Nesse ponto da análise, considere pertinente retomar as discussões sobre negacionismo e as premissas neoliberais que regem as lutas que, em nosso país, legitimam a negação da ciência. A ideia de liberdade implícita na noção de sujeito neoliberal prioriza a vinculação afetiva de identificação discursiva valorada por seus iguais, como ocorre no caso do Grupo analisado aqui, onde os ditos são reproduzidos em busca de apoio por parte daqueles que compartilham do mesmo entendimento acerca das vacinas. Perez (2016, p.180) descreve a ideia de um sujeito autônomo presente no discurso neoliberal como aquele capaz de fazer escolhas livres e independentes, “em uma interpretação da sociedade que reivindica para si o direito de cada um pensar e fazer o que bem entender”.

Ao analisar a negação dos discursos legitimados pela autoridade científica-acadêmica, pode-se dizer que, em nosso país, há uma formação discursiva disruptiva em curso, no cenário político-social que vem criando novas instâncias de verdade, constituídas a partir de uma bricolagem entre anti-intelectualismo, negacionismo e midiatização. Benjamin Raphael Teitelbaum (2020) traz informações importantes sobre o ideário que alicerça a emergência do pensamento neoconservador no mundo, através da presença de tradicionalistas em posições políticas estratégicas e da sinergia promovida por esses personagens entre nacionalismo, populismo e tradicionalismo³⁸. Esse último tem como preceitos as críticas à modernidade, que seria responsável pelo declínio da espiritualidade e da influência religiosa nas instituições, tornando necessária uma verdadeira “batalha espiritual” para pôr fim a valores que remontam ao Iluminismo. Ele se apresenta, na contemporaneidade, não apenas através dos discursos, mas

³⁷ Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/9-mitos-sobre-a-coronavac-vacina-do-butantan-contra-a-covid-19-e-a-verdade-por-tras-deles>

³⁸ O tradicionalismo valoriza a ideia de hierarquia social, de superioridade de raça, de pureza, de transcendência, da superioridade do homem em relação à mulher, condena o materialismo e o liberalismo, identificando, nesses últimos, a responsabilidade do processo de decadência no qual a humanidade se encontraria, na medida em que a democracia liberal, tanto quanto, o comunismo (inimigo recorrente) dariam espaço para a casta sombria, que seria a massa (TEITELBAUM, 2020).

das ações empreendidas em governos ultraconservadores, como o do ex-Presidente Donald Trump e o do atual Presidente Jair Bolsonaro, no Brasil.

No contexto dessa pesquisa, as discursividades antivacinas vem operando sobre a subjetividade dos sujeitos, a partir de um jogo de poder que busca modificar saberes pré-existentes relativos à vacinação (discurso científico), operando através do *Facebook* de forma a ressignificar a interpretação que esses sujeitos fazem da matéria, a partir de movimentos recíprocos de interioridade e exterioridade constituídos pelos discursos. O momento histórico que atravessa essa escrita, conforme já sublinhado anteriormente, é marcado por um despotismo democrático no Brasil, que se caracteriza por seu aspecto ilusório e castrador, enredando o sujeito em uma falsa sensação de liberdade, a qual age sobre as subjetividades de forma a docilizá-las, impondo o que caracterizei, no caso dos discursos antivacinas, como uma “ditadura da certeza”, na qual falácias se apresentam como substitutivos do espírito crítico e do pensamento científico. Pedro Curi Hallal (2021) chama atenção para os constantes ataques sofridos pela ciência expressos nas falas do Presidente da República durante a pandemia, citando os números negativos do Brasil no enfrentamento da covid-19, onde o país ocupa a segunda posição no ranking mundial em número de mortes e terceiro em número de casos, apresentando falhas na testagem e na implementação das políticas públicas de mitigação da disseminação do vírus. Para o pesquisador, a influência do líder de estado foi fundamental para desacreditar o distanciamento social e desencorajar as imunizações contra o SARS-CoV-2.

Embora nenhum imunizante prometa impedir a entrada de doenças no organismo, a utilização do argumento da contaminação por covid de pessoas já vacinadas revela um gesto interpretativo condizente com as condições de possibilidades criadas pela pandemia e pelo cenário vigente para o aparecimento desses ditos. Esses argumentos representam, através da comunicação de ideias, técnicas de subjetivação pontuais, como o apelo à emoção, à conotação religiosa e às afirmações catastróficas, que se destinam a dirigir as formas como os participantes irão se apropriar das verdades que emergem de suas experiências. Uma vez que essa verdade não é algo estático e está sempre passível a novos jogos de poder, esses grupos se apoiam em seus princípios e crenças para veicular ditos antivacinas, com vistas a arregimentar adeptos para suas ideias, através do *Facebook*. Vale lembrar que as relações de poder e de comunicação estão entrelaçadas entre si, ambas são ligadas às condutas em um campo onde existem diversas ações possíveis (ação sobre ação). O exercício do poder, no caso dos grupos antivacinas, consiste justamente em buscar conduzir condutas, ou seja, buscar convencer outras pessoas a agirem de acordo com os ditos circulantes, de tal forma que possam mudar as formas como os sujeitos se

relacionam com o ato de se imunizar e, assim, constituir discursivamente uma subjetividade antivacina.

De acordo com Foucault (1984, p.236), a subjetividade é “a maneira pela qual o sujeito faz a experiência de si mesmo num jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo”. Portanto, a presença de ditos que desqualificam as vacinas no *Facebook* se apresentam como um processo de subjetivação ao qual os participantes do Grupo são submetidos ao frequentar este Grupo nessa rede social, pois ela coloca à disposição uma série de estratégias bastante convincentes, como o acesso facilitado a um grande número de informações.

Retomando as ideias de Guattari e Rolnik (1996), pude perceber que, segundo esses autores, a subjetividade é um processo de produção composto por múltiplos componentes presentes no contexto social, dos quais os sujeitos aprendem sentidos, imprimindo a eles um registro singular, através da mesclagem com suas ideias e valores. Esses componentes apresentam grande heterogeneidade e se apresentam como matéria-prima para a expressão dos afetos. Para Sonia Regina Vargas Mansano (2009), a produção de subjetividades é um processo que se mantém em aberto, uma vez que cada um, ao mesmo tempo em que acolhe os componentes de subjetivação em circulação, também os emite, fazendo dessas trocas uma construção coletiva infinita, plural, às vezes contraditória e muito complexa.

Os procedimentos utilizados em cada período histórico para a difusão desses componentes constituem as condições de possibilidade para que um discurso ou outro tomem o *status* de verdade, sem que deixem de existir, contudo, as resistências que são fruto de subjetividades outras, construídas através de práticas decorrentes das lutas que se empreendem no seio da cultura e que se interpõem como “vontades de verdade”. As linguagens, as instituições, as tecnologias, as ciências, as mídias, entre outros atores culturais e sociais, compõem o conjunto de elementos que disponibilizam a dinâmica inacabada dos processos de subjetivação, permanentemente reinventados e postos em circulação na vida social:

Assim, esses componentes ganham importância coletiva e são atualizados de diferentes maneiras no cotidiano de cada vivente. Por isso mesmo, eles podem ser abandonados, modificados e reinventados em um movimento de misturas e conexões que não cessa. Pode-se dizer, então, que os múltiplos componentes de subjetividade difundem-se como fluxos que percorrem o meio social, dando-lhe movimento. (...) Por isso mesmo, o sujeito não pode ser concebido como uma entidade pronta, mas ele se constitui à medida que é capaz de entrar em contato com essas forças e com as diferenças que elas encarnam, sofrer suas ações e, em alguma medida, atribuir-lhes um sentido singularizado. (MANSANO, 2009, p.2-6)

No caso das imunizações, os sujeitos, em sua maioria, são submetidos, desde cedo, ao discurso válido que descreve as vacinas como práticas benéficas a nível individual e

populacional. O discurso científico passa a compor provisoriamente a subjetividade desses sujeitos, através da apreensão desses significados, que passam a fazer sentido em uma sociedade que defende institucionalmente as vacinas. No entanto, cabe assinalar que, a partir das experiências vividas, e das interpelações que esse sujeito sofre, como é o caso das discursividades antivacinas, esses sentidos podem não se estabilizar de maneira definitiva.

Assim, é importante considerar que as subjetividades são permanentemente reconstruídas à medida que os sujeitos experimentam diferentes enfrentamentos, mas também assujeitamentos (ou estratégias sedutoras e convincentes) que afetam o seu corpo e passam, em parte, a compor suas verdades. Sob essa óptica, a produção de uma subjetividade antivacinas advém de discursividades que vão ao encontro dos anseios que os indivíduos possam vir a ter a partir de experiências vividas. Como exposto anteriormente, os movimentos antivacinas constroem discursivamente uma realidade específica, desenhando territórios subjetivos que se encaixem na realidade dos sujeitos interpelados. Deleuze (2001) analisa a produção do sujeito como a constituição de si, permeada pelas variações produzidas pelos encontros intensivos com o outro. Então, as subjetividades antivacinas vem ao encontro desse pensamento nos levando a inferir que tais sujeitos estão constantemente disponíveis à ação dessas novas forças e acontecimentos, sem que se tenha controle sobre o que será produzido como (novos ou antigos) modos de vida desses indivíduos.

Nesse ponto, importante abrir um parêntese para descrever aqui a noção de corpo, sob a perspectiva foucaultiana (FOUCAULT, 2014b), que o trata não apenas no sentido orgânico, mas como o corpo construído pelas relações com as coisas que encontra durante sua existência. Dessa forma, pude atar o nó que une subjetividade e corpo, uma vez que estes dois entes não podem se desvincular. A subjetividade pode ser definida, portanto, como a expressão das relações com os outros e conosco ao longo do tempo histórico, compreendidos aí outros corpos, ideias, valores.

Embora Foucault não tenha se preocupado, ao longo de sua obra com a descrição de corpo, podemos nos apropriar das noções deixadas por ele, especialmente em *Vigiar e Punir* (2014b) onde o autor trata o corpo como uma superfície que se mantém ao longo da história e como matéria física não inerte. Esse corpo é visto por ele como matéria moldável por técnicas disciplinares e biopolíticas. Em outras palavras, o corpo preexiste ao sujeito como superfície e objeto das relações de poder-saber que constituem atitudes corporais e formas de sujeito.

Para Cláudio Lúcio Mendes (2006, p.168), “o corpo seria um arcabouço para os processos de subjetivação, a trajetória para se chegar ao ‘ser’ e também ser prisioneiro deste” (grifo no original). O corpo é o único “caminho” possível para a constituição do ser humano,

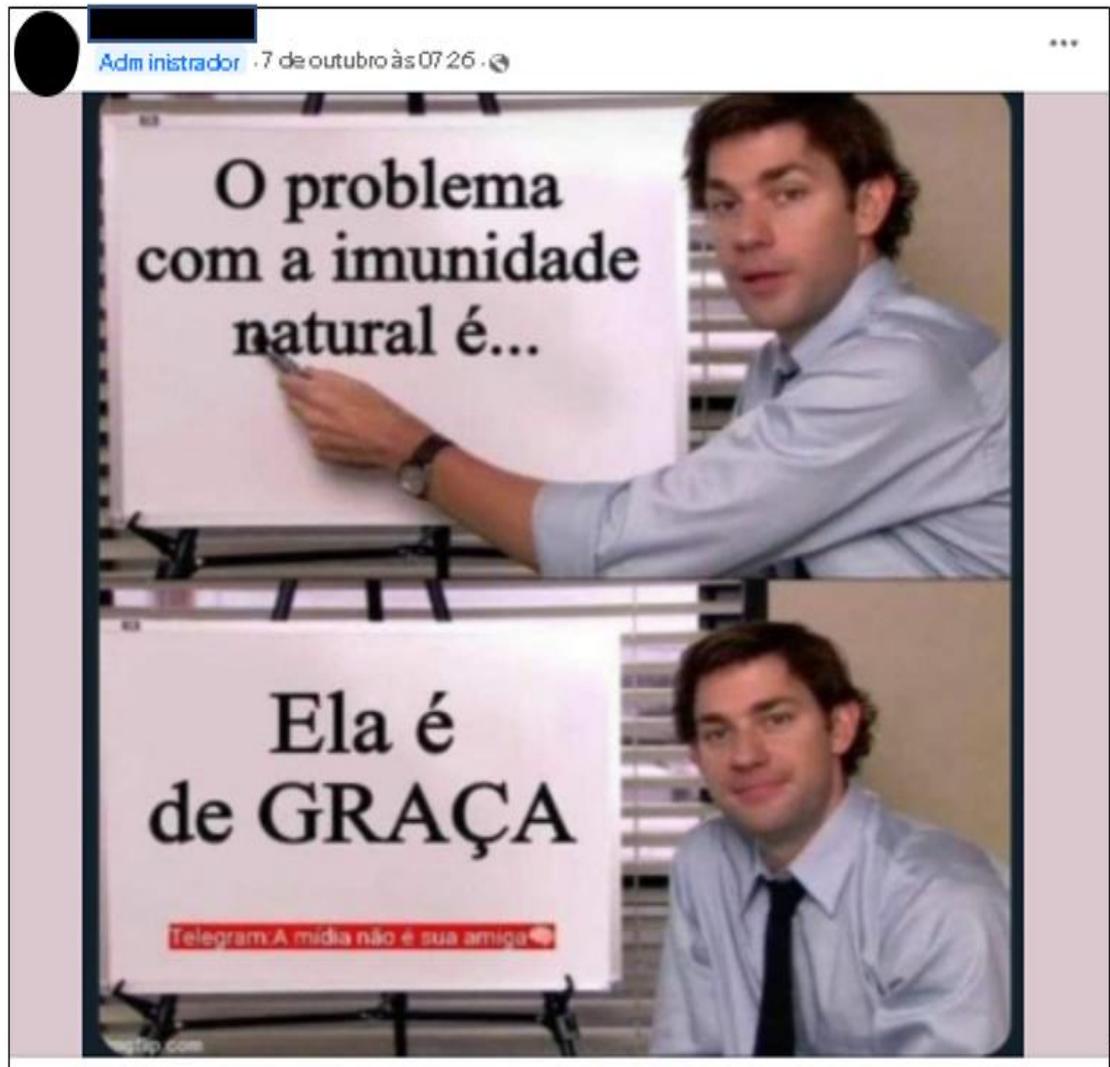
como um tipo específico de sujeito. A história política da subjetivação proposta por Foucault explora os gestos, as falas e as posturas e como elas se tornam possíveis em determinadas sociedades, ao mesmo tempo que abordam as ações sofridas pelo corpo pelas técnicas de poder presentes em determinados tempos históricos, como é o caso das investidas que hoje se apresentam através das redes sociais, que aparecem como novas tecnologias de produção de subjetividades, disputando espaço com as instituições científicas, religiosas, escolares, etc.

Os ditos presentes no Grupo aqui estudado me levaram a inferir, durante a pesquisa, que eles consideram que suas investidas podem produzir sujeitos capazes de duvidar de saberes hegemônicos, dotados de rebeldia, em oposição à docilização dos corpos produzida pelo discurso científico, corpos preparados para aceitar as imunizações sem questionamentos. A própria utilização do *Facebook* como plataforma de informação e discussão de ideias sobre o tema das imunizações representa um afastamento dos saberes institucionalizados. Com base em relatos e notícias de contaminação por covid de indivíduos já vacinados, os membros do Grupo *Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas*, reafirmaram suas dúvidas sobre a eficácia das vacinas no ano de 2021.

4.3 O MUNDO PERFEITO DOS PRODUTORES DE VACINAS: QUEM PAGA O PATO É VOCÊ!

Os recortes observados na terceira categoria de análise sugerem a produção de Críticas à Indústria das Vacinas (CIV), gerando um posicionamento de desconfiança em relação às instituições científicas como a mídia, as universidades, a indústria farmacêutica e as instâncias de governo (Figura 14). Pode-se observar a utilização de argumentos que levam os sujeitos a acreditarem que a finalidade da vacinação é gerar lucro para as indústrias farmacêuticas, através da comercialização de vacinas e, em outros casos, provocando efeitos colaterais e doenças para garantir a venda de remédios empregados no tratamento desses malefícios.

Figura 14: Publicação crítica à indústria produtora de vacinas.



Fonte: Facebook (2021)

As publicações acusam o governo de manipulação de dados e informações e tentativas de extermínio populacional, através do envenenamento por vacinas, além de dizer que as instituições governamentais estariam interessadas nos lucros produzidos pela indústria farmacêutica. Os antivacinas, por vezes, acusam a mídia de ser um dispositivo para encobrir a “verdade” e garantir a reprodução vacinal através da veiculação de campanhas e discursividades pró-vacinas que visariam a deslegitimação dos sentidos contraditórios e a homogeneização da defesa das vacinas na sociedade. O *post* acima traz a indicação de um grupo no *Telegram* chamado *A mídia não é sua amiga* que possui páginas também no *Instagram*³⁹ e no *Facebook*⁴⁰,

³⁹ Mais detalhes podem ser consultados em: <https://www.instagram.com/amidianaoesuaamiga/>

⁴⁰ O link para a página *A mídia não é sua amiga* no *Facebook* é: <https://www.facebook.com/groups/1106599699924433>

onde veiculam ditos contrários ao fechamento do comércio durante a pandemia de covid, ao uso de máscara e até mesmo às imunizações, com o objetivo descrito na apresentação da página: “Desmentir a mídia e cobrar os políticos corruptos e autoritários” (FACEBOOK, 2022).

No Brasil, o discurso de desconfiança acerca da mídia comercial não é novo. O movimento *Mídia Sem Máscara*, fundado em 2002 e liderado por Olavo de Carvalho⁴¹, denunciava o que chamam de “viés esquerdista” da mídia brasileira, que esconderia ou distorceria ideias e notícias. O movimento que se pretendia “sem máscara” apresentava notícias de forma “objetiva” e “neutra”. No entanto, as narrativas de seus membros são marcadas pelo viés direitista. Lucas Patschiki (2019) considera o movimento uma expressão do neofascismo ou dos fascismos de terceira onda que se inserem no contexto do pós-guerra, após a derrota dos fascismos clássicos pelos aliados. Defendem políticas neoliberais e a retirada de direitos dos trabalhadores, além de terem o anticomunismo como base ideológica. Sua estrutura organizativa se caracteriza pela descentralização das diversas instituições de luta e, mesmo os partidos ainda sendo altamente centralizados em torno de lideranças específicas, não assumem mais o caráter organizativo e simbólico dos partidos fascistas clássicos, formando-se redes extrapartidárias e até células relativamente autônomas. O *Mídia sem Máscara* aparece como parte da reação das forças conservadoras e reacionárias da sociedade brasileira, após a primeira eleição de Luiz Inácio Lula da Silva à Presidência da República, o que representou um novo arranjo do bloco no poder. Camila Rocha (2019) investiga a gênese da nova direita brasileira a partir da crise do lulismo (2006-2018). Segundo a autora, essa formação começou no segundo mandato do governo Lula e se apresenta como uma frente ultra liberal-conservadora que tem por características a perda do medo de se afirmar como direita; o diagnóstico unânime sobre a hegemonia cultural da esquerda na mídia e nas universidades; o radicalismo de livre mercado aliado ao conservadorismo; a oposição ao Estado desenhado no pacto de 1988; jovens de classe média, alguns da classe trabalhadora, que militam em espaços alternativos, como as redes sociais; atuação performática e disruptiva própria de grupos contra-públicos da sociedade (ROCHA, 2019).

⁴¹ Olavo Luiz Pimentel de Carvalho (Campinas, 29 de abril de 1947 – Richmond, 24 de janeiro de 2022) foi um ensaísta, polemista, influenciador digital e ideólogo brasileiro, que também atuou como jornalista e astrólogo. Apesar de não ter carreira acadêmica formal se autoproclamava Filósofo e era considerado um representante do conservadorismo no Brasil com expressiva influência na extrema-direita brasileira. O mesmo alegava ter sido militante filiado ao Partido Comunista Brasileiro em sua juventude, de 1966 a 1968, e opositor da ditadura militar brasileira, tornando-se anticomunista posteriormente. É apontado como o responsável pelo surgimento da Nova Direita brasileira e foi considerado guru do presidente da República Jair Bolsonaro e da ideologia bolsonarista (MARTINS, 2022).

Em 2018, Olavo de Carvalho se aliou ao candidato Jair Bolsonaro, se tornando uma espécie de guru do governo após sua eleição, trazendo suas ideias anticomunistas e a defesa da liberdade e da democracia, sob o modelo do capitalismo liberal de mercado, para o seio do executivo federal. O que ocorreu no país, nos anos seguintes, foi a propagação de discursos de ódio que se estenderam a determinados grupos sociais e movimentos situados à esquerda do espectro político, apologia a um moralismo de caráter cristão contra alvos considerados destoantes do padrão moral e tentativas de unificar pessoas descontentes com a situação socioeconômica, política e cultural – ou ressentidos, como os denomina Brown (2019) – na luta contra os inimigos construídos. Especialmente após o evento da pandemia de covid-19, esses discursos se direcionaram para as instituições científicas, sobretudo para as produtoras de vacinas como a Fundação Oswaldo Cruz e o Instituto Butantan, sobre os quais recaíram diversas acusações, entre elas, no caso da Fiocruz, aquelas de ostentar tapetes com imagens do revolucionário Che Guevara, placas de *Marielle Vive*⁴² e *Lula Livre*⁴³, em alusão à presença de funcionários de esquerda na instituição, entre outras. Em um áudio apresentado na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da covid⁴⁴, no dia 25 de maio de 2021, a secretária de Gestão do Trabalho e da Educação do Ministério da Saúde, Mayra Pinheiro, afirma sobre a existência da imagem de uma genitália masculina na entrada da Fiocruz, fazendo alusão ao logotipo da instituição que apresenta pontas arredondadas, além de acusar seus membros de trabalharem contra todas as políticas que são contrárias à pauta de minorias.

O recorte utilizado no início dessa discussão remete, ainda, a uma fala bastante utilizada pelos sujeitos contrários às imunizações durante a pandemia de covid-19, que foi a defesa da imunidade natural, ou imunidade de rebanho. Segundo essa teoria, o maior número de pessoas deveria contrair o novo coronavírus para que os organismos desenvolvessem naturalmente a imunidade e o vírus não encontrasse condições de se proliferar. Do ponto de vista dos

⁴² *Marielle Vive* é um movimento em protesto ao assassinato, em 14 de março de 2018, da vereadora Marielle Franco, do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), no Rio de Janeiro, junto de seu motorista, Anderson Pedro Mathias Gomes. Marielle defendia o feminismo, os direitos humanos, e criticava a intervenção federal no Rio de Janeiro e a Polícia Militar.

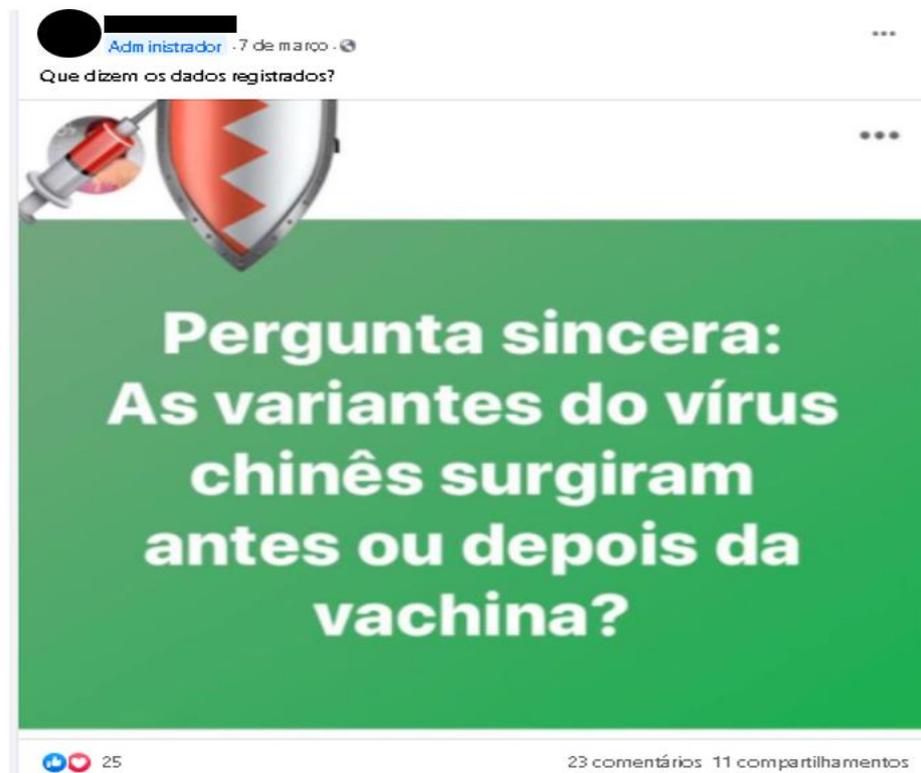
⁴³ O Comitê *Lula livre* foi uma organização que teve por objetivo a organização de atividades que corroboraram com a campanha nacional pela libertação do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ocorrida no dia 7 de abril de 2018.

⁴⁴ A CPI da covid-19 foi criada em 13 de abril de 2021, e oficialmente instalada no Senado Federal em 27 de abril de 2021. Essa CPI investigou supostas omissões e irregularidades nas ações do governo federal do Presidente Jair Bolsonaro durante a pandemia de covid-19 no Brasil.

antivacinas, as instituições científicas não recomendam essa medida pois perderiam os lucros com a venda de imunizantes.

Apoiados em seu discurso de falta ou falhas do Estado, para produzir desconfiança acerca de suas ações e intenções, os membros do Grupo analisado desenvolvem discursos que buscam mobilizar outros sujeitos, produzindo reflexões que irão definir sua visão sobre o tema. Na publicação CIV24 (Figura 15), onde os antivacinas questionam se as variantes do coronavírus teriam surgido antes ou depois da vacina, pode-se perceber uma tentativa de afirmar a existência de um planejamento secreto por trás do evento da pandemia, comandado pela indústria farmacêutica que estaria acobertando deliberadamente as mutações no vírus SARS-CoV-2, causador da covid-19. Os argumentos utilizados, em publicações desse tipo, no Grupo antivacinas analisado, se caracterizam por produzir posições que contrariam as versões⁴⁵ predominantes dos fatos ou até mesmo de eventos históricos, como no caso dos fascismos clássicos que associavam os judeus à figura de um “inimigo nacional”, acusando-os de todos os males sociais e de serem o elo de ligação entre os banqueiros capitalistas e os comunistas na “ânsia de domínio mundial”.

Figura 15: Publicação com questionamento sobre o surgimento das novas variantes do coronavírus.



Fonte: Facebook (2021)

⁴⁵ Mais do que “versões”, em alguns casos são efetivamente ilusões, por desconsiderarem a materialidade dos fatos.

No que se refere à pandemia de covid, as ideias de que o SARS-CoV-2 foi deliberadamente criado em um laboratório pela indústria farmacêutica, de olho no lucro com a venda de uma vacina, são aceitas por um número significativo de pessoas em todo o mundo⁴⁶, segundo uma pesquisa global realizada pelo *YouGov-Cambridge Globalism Project*, em parceria com o jornal britânico *The Guardian*. Outras versões a respeito da criação do vírus foram bastante disseminadas no período pandêmico: algumas afirmam que o vírus foi espalhado pelos governos da China ou dos Estados Unidos; que o vírus é disseminado por meio do sinal 5G⁴⁷ e que o número de mortos seria muito menor do que o relatado pelos órgãos de saúde.

Todas essas teorias têm um elemento em comum: uma profunda desconfiança sobre tudo o que é dito pelas organizações internacionais – no caso da covid, em particular pela OMS –, por alguns governos⁴⁸, pelas empresas de comunicação tradicionais, etc. Os produtores e propagadores dessas informações, ao que parece, acreditam que nada está livre de corrupção. Portanto, quanto mais ambígua e confusa a mensagem oficial, mais terreno essas teorias ganham para divulgar sua mensagem. Nesse sentido, as falas do Presidente Bolsonaro, no Brasil, que iam de encontro às orientações do próprio Ministério da Saúde, no início da pandemia⁴⁹, representavam um apoio à reprodução de certas verdades em detrimento de outras, sobretudo porque apoiadas na máxima autoridade política nacional. Essas discursividades, quando veiculadas à exaustão no *Facebook* (mas não somente), desestabilizam as certezas e disseminam a dúvida e o medo da vacina. Através da produção de suspeição sobre as instituições, os antivacinas operam uma reorganização dos saberes. De acordo com Emília Vitória da Silva e Lia Lusitana Cardozo de Castro (2008), a busca por informações de forma

⁴⁶ Em julho de 2022, dois conceituados cientistas da universidade de Columbia, Jeffrey Sachs e Neil L. Harrison, publicaram artigos suscitando a ideia da criação do novo coronavírus em laboratório. A reportagem completa sobre o tema pode ser conferida no *link*: <https://outraspalavras.net/outrasaude/coronavirus-ressurge-a-teoria-da-criacao-em-laboratorio/>

⁴⁷ A tecnologia 5G consiste na quinta geração da internet. Criada em parceria entre a NASA (*National Aeronautics and Space Administration*) e a plataforma M2Mi (*Intelligence Machine-to-Machine*), estima-se que a velocidade da banda larga alcançada pelo 5G seja até 20 vezes maior que a tecnologia anterior. Coreia do Sul, Japão, China e Estados Unidos são pioneiros na utilização dessa nova tecnologia que chegará ao Brasil ainda em 2022. (RIVAS,2021)

⁴⁸ Certamente contribuiu, no caso do Brasil (mas não somente), o fato de o nosso governo concordar e produzir informações consonantes com estas publicadas no Grupo analisado.

⁴⁹ Com a saída/demissão do ex-Ministro da Saúde, Henrique Mandetta e o grupo “considerado” técnico, em 16 de abril de 2020, o próprio Ministério da Saúde (e os Ministros que ocuparam a pasta, ao longo da pandemia) passaram a reproduzir as falas presidenciais sem qualquer constrangimento ético ou científico. <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/15/mandetta-teich-pazuello-e-queiroga-os-4-ministros-da-saude-da-pandemia.htm>

interativa promove um movimento de desvinculação da memória da sua relação com as instituições, sejam universitárias, públicas, e mesmo privadas, e uma aproximação com as corporações, como o *Google*, *Facebook*. Tais corporações passam a ser a fonte de informação e produzem efeitos para a constituição de sujeitos e de sentidos que esses sujeitos darão para diferentes questões da própria vida, incluindo-se aí as questões de saúde, das quais fazem parte as imunizações.

Ao analisar a atuação do Grupo antivacinas no *Facebook*, pude entender que essa rede social digital produz um deslocamento do discurso institucional para o discurso corporativista, pois as investidas de poder operam sobre as subjetividades dos membros, de forma a conduzi-los a se identificarem com a ideia de autogestão, de autonomia e de liberdade, produzindo, através de seus ditos contra as instituições, um efeito de evidências que são capazes de instaurar novos rituais que levarão tais sujeitos a resistirem à vacinação obrigatória.

Ao explorar a ideia de falha ou manipulação do Estado, o Grupo antivacinas cria o que Orlandi (2017) chama de “lugar de ruptura”, no qual o sujeito pode irromper com seus outros sentidos, encontrando outras formas de se individuar pelo exercício da resistência à injunção do Estado. O Grupo do *Facebook* se constitui no espaço onde os sujeitos encontram a possibilidade de construção de laços sociais outros, dentro dos quais podem se inscrever em uma perspectiva de produção do conhecimento personalizada. Segundo as considerações de Dias (2018, p.138), existe “uma articulação horizontal do conhecimento com o digital, que o mantém, de forma variada, no mesmo espaço de significação das relações de significação de ensino-aprendizagem”. Essa mesma autora pontua que a tecnologia digital, como condição de produção de uma educação não institucionalizada, se relaciona ao modo como esse conhecimento é produzido nessa materialidade. As redes digitais possibilitam aos sujeitos aprenderem, no seu tempo e do seu jeito, através da conectividade. Nesse contexto, o conhecimento circula e é disponibilizado e compartilhado entre os sujeitos de modo que esse funcionamento do digital seja determinante para a ressignificação dos conhecimentos.

Por vezes, o Grupo antivacinas se apropria do discurso científico, utilizando-se de informações provenientes de instituições oficiais para conferir credibilidade aos seus ditos, como se percebe na publicação CIV23 (Figura 16), onde a administradora compartilha um *link* com gráfico de estatísticas e dados da vacinação contra o novo coronavírus, junto a outro contendo reportagem sobre suposta notificação de óbitos em decorrência da vacina contra a covid no primeiro mês de vacinação confirmados pela ANVISA, informações essa que foi

verificada como falsa pelos checadores de notícias⁵⁰ *Aos Fatos*⁵¹ e *Agência Lupa*⁵², que publicaram artigos em suas páginas desmentindo a manchete.

Figura 16: Publicação com *links* contendo estatísticas verdadeiras sobre vacinação e outro contendo *fake news* sobre vacinação contra a covid



Fonte: Facebook (2021)

O texto gera certa ambiguidade, pois as interpretações dadas pelos membros do Grupo produzem outros sentidos para esses conteúdos, com o intuito de sustentar sua posição de

⁵⁰ Checadores de notícias são agências criadas por Governos, empresas de tecnologia e plataformas de redes sociais se empenham para atuarem no combate contra às *fake news*.

⁵¹ O Aos Fatos é uma agência de checagem de notícias que atua a partir do jornalismo independente. Fundada em 2015, conta com o financiamento de apoiadores e segue o código internacional de princípios e condutas estabelecidos pelo International Fact-Checking (IFCN) que define uma análise apartidária e transparente dos fatos.

⁵² Considerada a primeira agência de fact-checking criada no Brasil, a agência Lupa foi fundada em 2015. A página da agência pode ser encontrada no *link*: <https://lupa.uol.com.br/>.

negação sobre as vacinas e fomentar as dúvidas e o descrédito em relação à ciência, a qual eles acusam de servir aos interesses do governo e da indústria farmacêutica.

Outro ponto observado nessa terceira categoria foram as publicações de cunho religioso, conforme as publicações abaixo CIV10 (Figura 17), onde aparecem fortes críticas à parceria firmada entre o Brasil e a Índia para a compra de vacinas contra a covid-19. A ilustração demonstra como a administradora se refere à notícia da entrega de uma estátua do “deus-macaco” hindu Hanuman pelo Cônsul indiano à Fiocruz, juntamente com as doses da vacina. Segundo ela: “Olha só a que ponto a tal ciência chegou. Adoração de deuses pagãos”.

Figura 17: Publicação sobre a parceria do Brasil com a Índia para a compra de vacinas

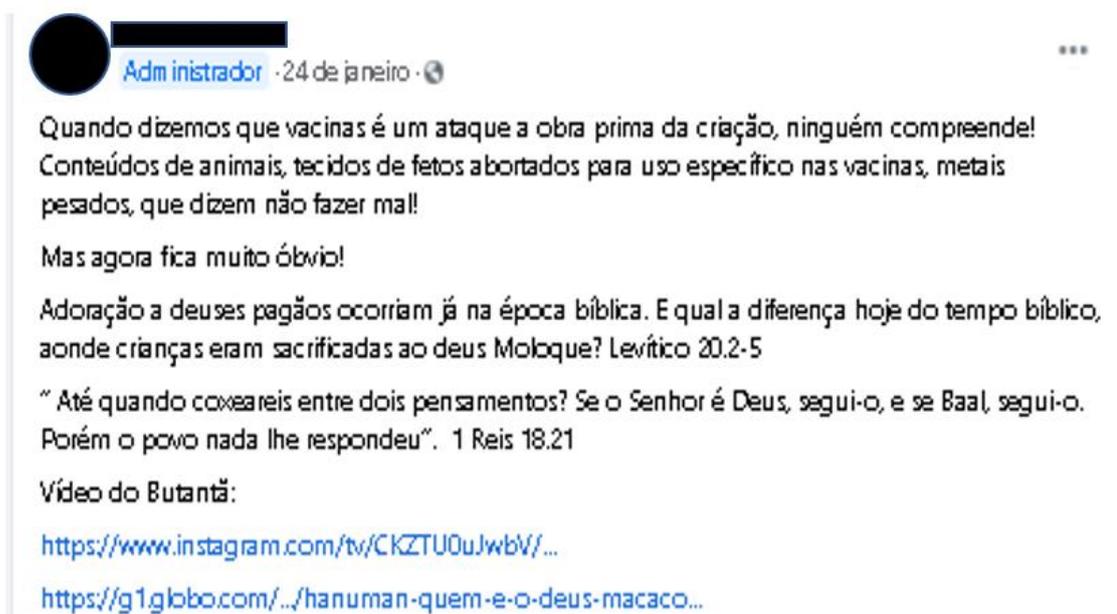


Fonte: Facebook (2021)

As frases que acompanham o compartilhamento da notícia demonstram a intenção de vincular a ciência à negação de valores cristãos. Na publicação CIV11 (Figura 18), a administradora se utiliza de frases como “Quando dizemos que vacinas é um ataque a [sic] obra prima da criação, ninguém compreende!” e “Adoração a deuses pagãos ocorriam já na época

bíblica. E qual a diferença hoje do tempo bíblico, aonde crianças eram sacrificadas ao deus Moloque? Levítico 20.2-5”.

Figura 18: Publicação com apelo religioso comparando as vacinas ao sacrifício de crianças a deuses pagãos



Fonte: Facebook (2021)

Na mesma publicação, é compartilhados o *link* de uma gravação de um funk gravado no Instituto Butantan⁵³, no qual os cientistas comemoram a aprovação da CoronaVac e o *link* que faz alusão ao deus Hanuman, mimo indiano que se tornou símbolo da parceria entre Brasil e Índia para a distribuição da vacina Oxford/AstraZeneca. Esses elementos, apresentados no Grupo, visam produzir um efeito de associação da ciência com valores considerados imorais. Essas investidas têm a ver com uma linha de forças que opera na sociedade brasileira desde sua formação, que trata da manutenção da tradição cristã, fortemente marcada pelo catolicismo, de um lado, e de outro, por um movimento mais proativo e transformador dos comportamentos, atrelado ao pentecostalismo e o neopentecostalismo.

Entretanto, o conservadorismo dos costumes, sobretudo os propagados pelo evangelismo, não pretende se limitar aos seus fiéis, ao universo da congregação religiosa weberiana, e sim alcançar a sociedade como um todo, disputando no plano da norma jurídica os conteúdos da moralidade pública. A religião que parecia ter se restringido à esfera privada e individual pelo processo de secularização reconfigurou-se e atua sobre aquilo que se define como público, mais especificamente as normas em forma de lei ou de costumes. (ALMEIDA, 2019, p.208)

⁵³ Disponível em:

<https://www.instagram.com/tv/CKZTU0uJwbV/?igshid=13zxp3vu2cma5&fbclid=IwAR0O9XTToTIaFmSR03tiNBpoYrr0QzvPAZbyRsPtPgKNhG5J5N8oAtGyAcbk>

A chamada “onda conservadora”, ganhou força após a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018. A reconfiguração da ideia de fundamentalismo vem sendo promovida por esse segmento, caracterizado como economicamente liberal, moralmente reguladora, securitariamente punitiva e socialmente intolerante que, nos últimos anos, vem promovendo polarizações na sociedade brasileira. Magali Nascimento Cunha (2021) considera que a expressão desses “fundamentos”, utilizados para persuadir a sociedade brasileira, pode ser notada nas tentativas de implementação de pensamentos reacionários no espaço público ao que diz respeito a avanços no campo dos direitos sociais, sexuais e reprodutivos, por exemplo. Esses movimentos conservadores tendem ao estabelecimento de um pensamento único e fechado ao diálogo, e podem ser encontrados em outros países da América do Sul, como Argentina, Colômbia e Peru. Essas articulações político-religiosas foram impulsionadas pelo governo de Donald Trump, nos Estados Unidos, onde essas manifestações se configuraram como uma verdadeira “guerra cultural”⁵⁴. Como diz Teitelbaum (2020, p.121) “com armas e exércitos, às vezes manifestos, às vezes invisíveis, eles enxergam o mundo através de lentes radicalmente diferentes – veem o caos na estrutura, a ordem nas ruínas e o passado no futuro”.

A existência de lideranças conservadoras na América Latina indica uma espécie de padrão de intervenção fundamentalista nas democracias contemporâneas. No Brasil, a eleição de Bolsonaro propiciou uma fusão entre conservadorismo moral e neopentecostalismo que culminou com a crise atual. É importante frisar, no entanto, que nem todos os evangélicos são conservadores, ao mesmo passo que nem todos os conservadores são evangélicos. Precisa-se ter em mente, ainda, que o termo conservadorismo é um conceito bastante amplo, associado a processos e contextos históricos específicos, embora venha sendo frequentemente acionado pelas mídias como a TV aberta e as próprias redes sociais para denominar, de forma imprecisa, determinados fenômenos como fascismo e fundamentalismo.

Embora não se possa abrigar todas as formas de repressão sob o teto do conservadorismo, é inegável sua associação com o endurecimento de regimes políticos escolhidos via procedimentos democráticos. Na América Latina, as últimas derrotas dos partidos de esquerda e centro-esquerda, que tradicionalmente combateram as políticas externas excludentes fomentadas pelos Estados Unidos, deram espaço à influência do discurso

⁵⁴ Os termos “guerra cultural” e “guerra ao marxismo cultural” passaram a ser amplamente utilizados por líderes políticos e religiosos no debate de pautas como educação e direitos sexuais (CUNHA, 2021).

antiglobalista⁵⁵ e protecionista de Trump, o que acarretou retrocessos, em diversos países, de políticas inclusivas e de diversidade. A associação da ciência com a negação de valores religiosos cristãos, conforme ilustrado nessa última publicação analisada, demonstra o engessamento desse tipo de pensamento, uma vez que procura menosprezar o culto a uma divindade de outra cultura/religião. Através das frases que acompanham a publicação, pode-se perceber uma tentativa de incentivar a recusa das vacinas com base em crenças pessoais, a partir de um modelo de comportamento prescrito para os cristãos que deveriam (do ponto de vista dos antivacinas) depositar suas esperanças na oração, se afastando das soluções “mundanas” oferecidas pela indústria farmacêutica.

4.4 DEPOIS DA VACINA, VEM A TEMPESTADE

Ao me debruçar sobre uma última categoria de análise, qual seja: publicações que tratam sobre reações adversas às vacinas (RAV), percebi que esta abarca discursos que operam a partir da descrição de danos à saúde dos vacinados (Figura19), com críticas e argumentos que, geralmente, utilizam forte apelo à emoção, especialmente com o compartilhamento de histórias/experiências pessoais sobre reações graves às vacinas, bem como a associação das vacinas com doenças, transtornos e mortes.

Figura 19: Publicação sobre a associação da vacina e a morte de um vacinado



Fonte: Facebook (2021)

⁵⁵ Esse tipo de discurso reivindica o fim de determinados acordos comerciais e do livre trânsito do capital financeiro internacional.

Na figura acima, compartilhada pela administradora do Grupo, pode-se ler uma mensagem informando a morte de um dentista após receber a vacina contra a covid, onde se infere que o fato de ele receber o imunizante, mesmo estando infectado de forma assintomática, teria levado ao comprometimento de 70% do pulmão e contribuído para que o jovem não resistisse. Ao lado dessa notícia, vê-se um recorte onde a prefeitura da cidade, onde residia o dentista, comemora a chegada das primeiras doses de vacinas, informando que seriam vacinados prioritariamente idosos e profissionais de saúde.

Em publicações como essa, é comum o relato de uma experiência pessoal sobreposto às evidências científicas. Forma-se, assim, uma noção de “nós *versus* eles”, conforme aponta Kata (2010), ao analisar *sites* antivacinas norte-americanos e canadenses. Através do apelo emotivo, a exemplo do que acontece no Brasil, ela relata que são comuns os testemunhos com narrativas de pais que tiveram seus filhos afetados pelas vacinas, em oposição aos discursos médicos ou científicos, governamentais ou corporativos.

É fato que as vacinas, assim como qualquer outro medicamento, podem causar reações adversas. Gisele Neponucemo de Andrade (2012) classifica o Evento Adverso Pós-Vacinação (EAPV) como toda e qualquer ocorrência clínica, esperada ou indesejada que ocorre após a vacinação, podendo ser relacionada aos imunobiológicos e/ou ao procedimento de aplicação. No entanto, tais reações são geralmente classificadas de leves a moderadas e devem ser notificadas no Sistema Nacional de Vigilância dos Eventos Adversos Pós-Vacinação (VEAPV). Criado em 1992, o VEAPV tem por objetivo receber notificações de eventos novos ou raros, buscando conhecer a origem das reações adversas, o que possibilita a rápida identificação de lotes ou imunobiológicos com algum desvio de qualidade, para suspender a distribuição das vacinas, caso necessário (BISETTO *et al*, 2011).

Outro aspecto observado no Grupo antivacinas é o discurso médico contrário às vacinas, principalmente às novas vacinas contra a COVID, apontando-as como vacinas experimentais, não seguras. Na publicação RAV03 (Figura 20) é compartilhado o vídeo de uma entrevista concedida à rádio *Jovem Pan Maringá*, com destaque para a fala de um médico, na qual ele afirma que as vacinas contra a covid não são seguras. Em função do curto prazo no qual foram desenvolvidas, o profissional desaconselha a vacinação, afirmando que os voluntários estariam servindo de cobaias. A utilização de frases pejorativas como “você que tem vocação para porquinho-da-índia vai lá e toma essa porcária dessa vacina” e “querem transformar a gente em rato de laboratório”, aparecem durante a entrevista. Ele apresenta, ainda, alguns dados que comprovariam que não é necessário se imunizar contra o SARS-CoV-2, afirmando que 80%

das pessoas que têm contato com a covid são assintomáticas e ainda que há uma baixa probabilidade de mortes por covid em alguns países como o Canadá. A administradora do grupo utiliza as seguintes frases antes do vídeo: “Tempos bons? Hora de dizer: – Os chamados Anti-vacinas [sic], tem [sic] razão! Vacinas causam reações, e até mortes!”, em sinal de apoio às falas propagadas pelos profissionais entrevistados.

Figura 20: Publicação com compartilhamento de entrevista com médico antivacina



Fonte: Facebook (2021)

Um dado interessante encontrado também por Kata (2010), nos sites analisados por ela, é que o termo “imunizante” não é usado, pois os antivacinas consideram que as vacinas não conferem nenhuma imunidade, uma vez que as pessoas vacinadas também contraem doenças. Situação semelhante foi observada durante a análise do Grupo *Vacinas: O lado obscuro das vacinas*, onde as publicações apontam que as vacinas, especialmente as contra a covid, serviriam apenas para enfraquecer o sistema imunológico, dado ao grande número de contaminações notificadas após a vacinação. As denominações empregadas no Grupo remetem quase sempre a termos pejorativos e ironias como “soro milagroso”, “vachina”, “picada”, “veneno”, entre outras. O foco nas reações adversas se intensificou durante o ano de 2021, após o início da vacinação contra o novo coronavírus, devido ao aparecimento de efeitos colaterais

aos novos imunizantes que, segundo os antivacinas, seriam mais prejudiciais do que a própria doença.

Retomando o conceito de “pós-verdade”⁵⁶, Kata (2010) afirma que o pós-modernismo não aceita apenas uma fonte de “verdade”⁵⁷, e o movimento contrário ou crítico às vacinas adota essa filosofia. Para a autora, é necessária uma observação sobre os discursos subjacentes ao “antivacinaçãoismo” para compreender as ideologias que apoiam tais crenças. Quando se fala do discurso médico que se contrapõe às vacinas, deve-se admitir que a rejeição ao consenso científico incorpora causas mais profundas que o nível educacional da pessoa. Tais construções discursivas se apoiam em saberes e argumentos antigos e já consolidados, como é o caso das ciências biomédicas, para justificar seu ponto de vista. O fortalecimento de discursos conservadores e negacionistas, no seio da sociedade brasileira, reflete também o número de profissionais da saúde que se declaram contra as vacinas.

Esse aspecto mostrou-se bastante evidente durante a pandemia de covid-19, onde observou-se profissionais, especialmente médicos, por vezes ligados ao governo, veiculando, nas redes sociais, discursos contrários à imunização. O ex-Ministro da Defesa do governo Bolsonaro, médico e deputado Osmar Terra, do Movimento Democrático Brasileiro do Rio Grande do Sul (MDB/RS), defende que a contaminação em massa, ou seja, a imunidade de rebanho seria mais eficaz do que a vacinação. Frequentemente, em sua conta no *Twitter*⁵⁸, aparecem publicações onde ele afirma que as vacinas não foram necessárias em outras pandemias e que o número de casos e óbitos não iriam reduzir em função da imunização, mas

⁵⁶ Em 1992, a revista americana *The Nation* publicou um artigo do dramaturgo sérvio-americano Steve Tesich, onde a palavra “pós-verdade” aparece pela primeira vez a respeito da Guerra do Golfo (1990-1991). O autor considerava que, numa sociedade dominada pela pós-verdade, os fatos importam menos do que as crenças (INTERNET, 2021).

⁵⁷ Ainda que eu discorde dessa acepção ou análise pouco complexa a respeito de um movimento como o chamado de “pós-modernismo”, é preciso registrar que muitos analistas contemporâneos creditam a autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Friedrich Nietzsche, Ludwig Wittgenstein, entre outros, a responsabilidade sobre o fato que diversas compreensões de mundo podem representar mentiras sobre os fatos vividos. Seria impossível, aqui, analisar com profundidade tal equívoco a respeito desses autores e de sua responsabilidade para com as “verdades” desse mundo. Apenas registro, para reflexão e com a intenção de ampliar o debate, se possível, que as verdades e as mentiras são invenções humanas, com as quais convivemos há milhares de anos, desde que nos conhecemos como sociedade. Assim, compreensões diferentes acerca dos fatos desde sempre existiram. O desejo moderno de instituir apenas uma “única” e “possível” verdade, válida para todo o sempre (ainda que, coincidentemente, produzida por alguns lugares do/no mundo) foi o contestado e discutido por autores considerados “pós-modernos” ou “pós-estruturalistas” e isto não significa dizer que exista a “pós-verdade” ou que não existam verdades. Afinal, como nos ensina Foucault (1979), as verdades são desse mundo e, portanto, existem para serem contestadas, refutadas, confirmadas, acreditadas ou desacreditadas, mas sobretudo para produzirem assujeitamentos. (FOUCAULT, 2004)

⁵⁸ Disponível em: <https://twitter.com/OsmarTerra>.

sim pela contaminação massiva da população. Ele se mostra, ainda, contrário à obrigatoriedade da vacinação e favorável à melhor informação da população acerca das medidas que serão adotadas para a imunização em massa.

Ao mesmo tempo, estudo desenvolvido por Matthew Hornsey *et al* (2018), envolvendo mais de cinco mil pessoas em 24 países, inclusive no Brasil, mostrou que indivíduos que se posicionam contra as vacinas estão mais inclinados a acreditar em teorias da conspiração, em sentir-se rebeldes ou diferentes, além de gostarem de ter uma opinião minoritária. O apego ao “se informe mais sobre o assunto” e a falta de confiança na comunidade científica faz com que os anseios dos membros do Grupo sejam discutidos no ambiente *online*, não apenas como fonte de informação, mas como um espaço para o debate, a discussão e o apoio. Orr, Baram-Tsabari e Landsman (2016) consideram que indivíduos que se utilizam das redes sociais para se informar são mais sensíveis aos riscos em geral.

Segundo Kata (2010), apesar da crítica constante ao conhecimento científico, os participantes contrários às vacinas constantemente recorrem à mesma para apoiar as suas ideias:

A perspectiva pós-moderna questiona a legitimidade da ciência e a autoridade. Dinâmicas controversas tradicionais, com as “audiências” precisando serem “educadas” por “especialistas” não se aplicam mais. (...) Apesar disso, tomar decisões sem citar especialistas com frequência deixa os grupos vulneráveis. (...) Todo mundo pode ser considerado especialista em algum nível. Assim, apelar às autoridades médicas e científicas não é tão convincente quanto foi um dia. (KATA, 2010, p.1715, grifos no original)

Além do apelo à emoção, percebi a intensa circulação de notícias falsas ou de difícil verificação em algumas publicações sobre reações adversas às vacinas. Na publicação RAV41 (Figura 21), a administradora do Grupo compartilha uma notícia sobre a morte de um médico italiano que recebeu uma dose da vacina contra a covid. Ela afirma que ele testou positivo para o coronavírus, mesmo após ser vacinado. No entanto, ao clicar na fonte da notícia, verifica-se que o profissional morreu de infarto e que, segundo o jornal local, não foi comprovada relação entre a vacina e o óbito, tampouco ele estava positivado para a doença, o que configura mais uma *fake news* compartilhada. A reprodução de publicações em outros idiomas é um fator que dificulta a conferência da veracidade dos fatos e permite a inserção de legendas que distorcem ou modificam o teor das notícias, o que facilita as interpretações equivocadas das mesmas.

Figura 21: Compartilhamento de notícia de suposta morte de médico em decorrência da vacina contra a covid



Fonte: Facebook (2021)

Matthew Hornsey *et al* (2018) consideram que pessoas que desconfiam das vacinas não mudarão suas crenças, mesmo sendo confrontados com argumentos baseados em evidências científicas a favor dos imunizantes. Thaiane Moreira de Oliveira *et al* (2020) utilizam o termo *fake sciences* para designar as *fake news* no campo das Ciências. Segundo os autores, as notícias falsas, de cunho científico, podem “se espalhar com tanta eficácia que, mesmo quando as informações são corrigidas, permanecem dentro do conjunto não verificado de conhecimento comum” (p.4). Esse fenômeno está associado a uma rede complexa de desinformação ligada a conflitos de interesse e declínio da credibilidade das instituições, como a mídia e as universidades.

Para Victor Grech (2017), as *fake sciences* têm duas origens: fraude científica ou politização das ciências⁵⁹. As *fake sciences* compreendem as apropriações dos discursos científicos para a propagação de uma informação que vai contra as pesquisas científicas, implicando uma série de disputas acerca dos regimes de verdade, do controle e verificação da

⁵⁹ As ciências podem ser apolíticas ou neutras em certos casos, no entanto, conforme aponta Mary T. Bassett, a ideia de que pesquisadores competentes são apolíticos é falsa e custa vidas. A situação atual exige envolvimento de cientistas com a política, pois a política está interferindo na ciência (BASSETT, 2020).

informação. Em um momento em que o conservadorismo social, político e econômico se fortalece, emergem os discursos ligados aos valores morais de valorização da família, regulação jurídica da moralidade pública, fortalecimento da racionalidade neoliberal, com a defesa da privatização dos serviços, a redução do Estado de bem estar social e suas políticas de inclusão e aumento do compartilhamento de experiências individuais, como parte das lógicas de personalização e individualização do consumo, própria das redes sociais digitais (ALMEIDA, 2019; BROWN, 2019).

Os apelos religiosos aparecem também nessa quarta categoria, como se pode observar no recorte abaixo, onde a administradora afirma que não é possível servir a Deus e apoiar vacinas, em uma crítica à fala da cantora gospel Ana Paula Valadao que recomenda a vacinação contra a covid aos evangélicos, em um vídeo exibido em sua página no *Instagram*⁶⁰.

Figura 22: Publicação de cunho religioso com crítica sobre reações vacinais



Fonte: Facebook (2021)

⁶⁰ <https://www.instagram.com/anapaulavaladao/>

No mesmo recorte, pude notar ainda um tom intimidador ao dizer que pessoas sofrem reações ou morrem após a vacinação porque Deus não apoia “tratamentos que maltratam”⁶¹, a exemplo do que segue no excerto abaixo (RAV45), no qual a administradora reafirma que “continuaremos vendo o poder de DEUS se manifestando na verdade de que vacinas vem do mal e fazem mal!”. Essas discursividades se dirigem aos segmentos mais conservadores da sociedade, uma vez que atualmente os evangélicos pentecostais e neopentecostais⁶² ocupam lugar de destaque na conjuntura político-religiosa contemporânea no Brasil.

Facebook podem [sic] derrubar o grupo, me proibir de comentar, sequer lembrando que não podem me impedir de orar.

Continuaremos vendo o poder de DEUS se manifestando na verdade de que vacinas vem do mal e fazem mal!

Conhecendo as histórias bíblicas, houve um Davi que derrubou Golias, e veio então o sinal de derrota com Golias morto.

Houve Gideão e 300 homens que com o Poder Absoluto de DEUS, venceram a batalha.

Houve a batalha de Jericó, onde a vitória com Josué, foi pelo Poder de DEUS!

Houve Moisés e Arão que com o Poder de DEUS, também tiraram o povo do Egito.

A quantidade de pessoas envolvidas não precisam [sic] ser muitas, quando DEUS é o comandante nas batalhas.

Aleluias! (FACEBOOK, 2021).

Durante o governo de Jair Bolsonaro, líderes evangélicos pentecostais e neopentecostais foram nomeados ministros e imprimiram pautas conservadoras em diferentes frentes. A advogada e pastora Damares Alves, que esteve à frente do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, de 2019 a 2022, empreendeu ações que apoiam a “Cura Gay” para homossexuais⁶³, criticou o feminismo e defendeu um governo teocrático, além de se colocar contra o aborto, as políticas de legalização da maconha e ser uma defensora do *Programa Escola sem Partido*⁶⁴. O pastor presbiteriano Milton Ribeiro ocupou a pasta do Ministério da

⁶¹ Seria importante saber a quem se refere a administradora ao falar de possíveis maltratos.

⁶²Essa denominação se refere à classificação do Censo Demográfico que estabeleceu dois grandes grupos nos quais as diferentes denominações são alinhadas: evangélicos pentecostais e evangélicos não pentecostais. As ciências sociais da religião, mesmo marcando as diferenças internas, valeu-se da categoria evangélicos na análise do campo das religiões no Brasil (FERNANDES et alli, 1998; MAFRA, 2001; ALMEIDA, 2017).

⁶³ <https://apublica.org/2019/08/apoiado-por-damares-movimento-de-ex-gays-disputa-conselho-de-psicologia/>

⁶⁴ O *Programa Escola sem Partido* é um movimento articulado por políticos de extrema-direita que busca avançar uma agenda conservadora para a educação brasileira. Seus membros defendem a ideologia ultraliberal e o fundamentalismo religioso dos evangélicos neopentecostais e da Renovação Carismática Católica.

Educação de julho de 2020 a março de 2022, de onde emitiu discursos homofóbicos, atribuindo a homossexualidade de jovens aos “desajustes familiares”, declaração pela qual a União foi condenada ao pagamento de R\$ 200 mil por danos morais coletivos⁶⁵. Em 2022, o Ministro foi afastado por suspeitas de favorecimentos a pastores na destinação de verbas para algumas prefeituras. Esses exemplos ilustram a atuação dos evangélicos no governo Bolsonaro, no qual uma parcela desses religiosos esteve articulada a linhas de força em diferentes dimensões, salientando, no entanto, que o conservadorismo exacerbado e o posicionamento anticientífico não refletem a ideologia de todos os membros das doutrinas evangélicas como se percebe no recorte citado.

4.5 VIVA A “SIÊNCIA”

Neste capítulo foram reunidas as 48 publicações do Grupo *Vacinas: O Lado Oscuro das Vacinas* que não tratam diretamente da temática das vacinas ou não se encaixam dentro das descritas anteriormente. A razão pela qual essas publicações não foram excluídas do *corpus* de pesquisa é a presença do discurso anticientífico (DAC), que se apresenta como uma característica marcante em muitas manifestações. Além disso, considerei importante analisar a totalidade das publicações do referido Grupo durante o ano de 2021, conforme já explicado na divisão das categorias, optei assim por me ocupar das 243 publicações extraíndo delas exemplos que pudessem ilustrar os ditos veiculados pelos antivacinas. A utilização da palavra “siência” grafada propositalmente de forma errada em algumas publicações encontradas no Grupo, conforme reproduzida no título dessa seção, denota o desdém com que os antivacinas tratam a matéria, dando ideia da falta de credibilidade das pesquisas científicas.

A ciência é alvo de ataques desde sempre. Movimentos anticientíficos, promovidos por diferentes círculos culturais, apoiados em teorias da conspiração e pseudociências, se fortalecem de acordo com o contexto socioeconômico e político da população na qual estão inseridos. Esse contexto é permeado por relações de poder e desigualdades sociais que, por sua vez, geram condições díspares de acesso, produção e disseminação da informação (TARRAGÓ, 2020). Segundo Stef Aupers (2012), os movimentos anticientíficos estão relacionados a fatores diversos, como a economia, a política e a tecnologia, que exercem papel fundamental no acesso à informação.

⁶⁵<https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/05/13/justica-condena-uniao-por-falas-homofobicas-do-ministro-milton-ribeiro.htm>

No Brasil recente, um dos mais conhecidos críticos da ciência foi o então Presidente da República Jair Bolsonaro⁶⁶, e seu posicionamento pôde ser notado durante a pandemia que assolou o mundo em 2020, onde ele criticou o isolamento social e lançou, em final de março do mesmo ano, uma campanha denominada “O Brasil não pode parar”, que defendia a reabertura do comércio, contrariando recomendações da OMS. Conforme pondera Rocha (2020), esse comportamento de Bolsonaro pode ter incentivado muitos brasileiros a dispensar as medidas preventivas contra a covid, como o uso de máscara, isolamento social e, posteriormente, a vacinação. Os ataques às universidades também têm sido bastante recorrentes com o corte de investimentos e constante deslegitimação das instituições científicas. Segundo Hotez (2020, p.3), os movimentos anticientíficos podem ser definidos “como uma rejeição organizada e consolidada da ciência e de seus princípios e métodos em função de visões alternativas, geralmente ligadas a alvejar e assediar cientistas”.

Nesse conjunto de publicações, encontrei discursos que remetem ao apelo pela liberdade individual, como se pode notar na Figura 23, onde um pássaro fugido da gaiola é criticado por seus antigos companheiros de cárcere, que o culpam de colocar em risco a segurança do grupo. Em contrapartida, a ilustração faz supor que os pássaros que permaneceram enjaulados abriram mão da liberdade de forma deliberada, por comodidade. Em uma analogia à questão da vacinação contra a covid, essa charge pode ser comparada à disputa que se estabeleceu na sociedade entre a proclamada liberdade individual e o direito coletivo à saúde.

Figura 23: Charge ilustrativa sobre liberdade e risco



Fonte: Facebook (2021)

⁶⁶ <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2020/04/ministro-do-stf-veta-publicidade-do-governo-que-diz-que-o-brasil-nao-pode-parar-ck8gnrq1400br01obw35we15n.html>

O texto da Constituição Federal de 1988 dispõe em seu artigo 5º, inciso II, que “ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei” (BRASIL, 1988). No caso da emergência pandêmica enfrentada, surgem alguns questionamentos: como ficam as questões de saúde coletiva, principalmente, em relação à vacinação contra a covid? Prevalece a liberdade individual de decidir não tomar a vacina ou a saúde pública promovida pela imunização coletiva? Precisa-se levar em conta, nesse caso, que o todo direito pode ser relativizado de acordo com o sopesamento desse com outro direito fundamental, por exemplo a saúde, que representa um direito comunitário que costuma se sobrepor aos individuais. Uma vez que a vacinação só é efetiva no combate a uma doença, a não vacinação põe em risco os direitos à saúde e à vida de toda uma coletividade.

Em fevereiro de 2020, foi sancionada a Lei Federal nº 13.979 (BRASIL, 2020) que trata das medidas de enfrentamento à covid-19. Essa Lei seria válida até 31 de dezembro de 2020, mas a vigência de alguns de seus dispositivos foi prorrogada por tempo indeterminado, dentre eles o que diz respeito à vacinação compulsória (artigo 3º, inciso III, “d”). É importante lembrar que vacinação compulsória não é sinônimo de vacinação forçada, ou seja, uma pessoa que não se vacine pode sofrer restrição de direitos, no entanto, não é permitido que um indivíduo seja levado à força ao local de vacinação e vacinado contra a sua vontade, sendo essa última ação considerada uma violação à integridade física de um indivíduo.

Os questionamentos acerca da constitucionalidade da vacinação compulsória estiveram presentes na sociedade brasileira durante toda a pandemia. No *Facebook*, os ditos que circularam sobre a temática indagavam sobre possíveis conflitos entre os princípios da liberdade de crença e a convicção filosófica, a intangibilidade do corpo e a compulsoriedade da vacinação contra a covid. Conforme a ilustração citada acima, pode-se observar que os antivacinas consideram que os indivíduos que aceitam a imposição da vacinação se mantêm presos a certas convicções, por acreditarem na ideia de segurança, ao mesmo passo que aquele que ousa recusar tal imposição “se libertando” é criticado.

Outra publicação chama a atenção por abordar uma teoria semelhante àquela difundida durante a pandemia, a partir da deturpação da fala do empresário Bill Gates sobre uma tecnologia futura que permitiria auxiliar na identificação de quem teve covid-19 ou foi vacinado. Para os adeptos dessa teoria conspiracionista, governos de diferentes países planejavam a inserção de *chips* capazes de controlar as pessoas a partir da tecnologia 5G. O

mesmo argumento pressupõe o surgimento do “humano QR Code⁶⁷” (Figura 24), tendo em vista que a covid-19 teria sido criada para ser um mecanismo de controle populacional, pois, ao aumentar o contágio e diminuir o contato físico entre as pessoas, é gerada a necessidade de se relacionarem virtualmente. Nesse caso, as pessoas são obrigadas a cadastrar os seus dados numa rede de telefonia móvel, onde os aparelhos registram toda a rotina do usuário e, com isso, todos passariam a ser identificados por um *QR Code*.

Figura 24: Publicação sobre o surgimento do “humano QR Code”



Fonte: Facebook (2021)

Embora se saiba que a vigilância em massa é realidade em países como a China, que utiliza reconhecimento facial e acesso aos dados dos cidadãos com base em seus acessos a

⁶⁷ *QR Code* é uma sigla do inglês *Quick Response* ou “resposta rápida” em português. Criado em 1994, pela companhia japonesa Denso Wave, esse código de barras, ou barramétrico, bidimensional pode ser facilmente escaneado com a utilização de um telefone celular com câmera e convertido em texto interativo (WIKIPÉDIA, 2022).

aparelhos celulares, esse acesso é consentido. Conforme aponta Felipe Zmoginski (2019), na província de Xinjiang, no extremo oeste da China, onde a vigilância é mais rigorosa, a maioria dos 21 milhões de habitantes aprovam o sistema e o associam à sensação de segurança. Nas metrópoles Beijing e Xangai, o sistema de vigilância não é tão rigoroso, ainda que tenha crescido exponencialmente durante a pandemia de covid-19, com a criação do código de saúde que gera, em cooperação com empresas de tecnologia, um perfil do usuário baseado em seu local de residência, resultados de testes e histórico de deslocamento, conferindo às autoridades poder para autorizar ou não a entrada dos indivíduos em locais públicos ou realizar viagens. Segundo as considerações de Byung-Chul Han (2020) esses sistemas rigorosos de segurança e as medidas restritivas como os constantes *lockdowns* decretados foram determinantes para que países asiáticos como a China e Taiwan controlassem melhor a pandemia do que os de outros continentes. *Startups* como *Sense Time* e *MegVii*, que operam tecnologias de reconhecimento facial, dados e inteligência artificial, se converteram em empresas multibilionárias em pouco tempo. Ao comparar a distância entre os olhos, o tamanho do osso do nariz ou o desenho do queixo, a tecnologia é capaz de determinar com 99% de certeza quem é o indivíduo (ZMOGINSKI, 2019).

Essas considerações demonstram o caráter ambivalente dessa temática que se vê imbricada na disputa entre segurança de Estado e direito à privacidade, o que gera um debate amplo do qual não me ocupei nessas linhas, mas que serve às reflexões acerca das informações que são veiculadas constantemente através das redes sociais. Durante a pandemia, utilizando-se do exemplo chinês de controle populacional, através da vigilância, discursos se fortaleceram apontando que o coronavírus teria sido produzido em laboratório, com o intuito de provocar *lockdown* a nível mundial, efetivando assim o plano de dominação, através do *QR Code* humano, ou ainda, que o incentivo à vacinação em massa da população global seria uma das estratégias utilizadas para a implantação de *chips* nos indivíduos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo? (FOUCAULT, 2014a, p.8)

Com a frase supracitada, inicio as considerações finais dessa Dissertação trazendo, além da síntese do trabalho realizado, algumas reflexões finais. Ao longo do manuscrito que aqui se apresenta, busquei analisar as construções discursivas do movimento antivacinas no *Facebook*, procurando demonstrar as técnicas empregadas dentro do Grupo *Vacinas: O lado Obscuro das Vacinas*, no sentido de educar os sujeitos para a recusa de vacinas, indagando sobre as formas pelas quais as relações de poder se ligam a determinados discursos com a finalidade de produzir efeitos de verdade. A partir das noções discutidas por Foucault (1994), sejam elas, saber, poder e subjetividade, busquei compreender os modos de subjetivação contemporâneos presentes nas discursividades que põem em dúvida a eficácia das vacinas e como estes estão implicados na naturalização do gesto de não se vacinar.

Em suas recorrentes manifestações no Grupo analisado, o movimento antivacinas lançou mão dos mais diversos temas, durante o ano de 2021, para embasar seus posicionamentos, buscando agir sobre a subjetividade dos membros do Grupo, principalmente após o início da vacinação contra a covid-19 no Brasil. Através das publicações selecionadas e analisadas aqui, vislumbra-se a prescrição de um modelo de sujeito ideal, aquele que desconfia e se rebela contra as imposições do Estado, que busca informar-se mais e que não aceita facilmente as “verdades” reafirmadas pelo pensamento científico. Para esses sujeitos, não bastam as evidências e tampouco eles serão convencidos por artigos ou estatísticas de que as vacinas são necessárias, pois não se trata da construção de uma visão racional da matéria, mas de um conjunto de fatores que dizem respeito à construção discursiva dos saberes, da formação cultural de suas crenças e de que forma a apropriação dessas verdades irão determinar sua maneira de agir.

No capítulo intitulado *Entre salvar e Negar: A história das vacinas*, busquei realizar um breve apanhado histórico, em que procurei conhecer o movimento cultural analisado, demonstrando que as organizações antivacinas não são recentes, mas se modificaram ao longo de séculos, chegando aos moldes atuais, onde sua atuação é focada na propagação de ideias pela internet. Ainda neste capítulo, tratei sobre a *Revolta da Vacina*, um emblemático episódio da história brasileira, para sublinhar como a matéria foi discutida, em nosso país, no início do Século XX, e como se deu a implementação dos programas de vacinação que culminaram com a erradicação de diversas doenças em território nacional.

A seguir, busquei tratar sobre a temática das vacinas no decorrer da pandemia, e como os ditos proferidos pelo Presidente Jair Bolsonaro reforçaram pensamentos anticientíficos. Embora o movimento seja considerado de pequenas proporções no país, considero importante levar em conta o momento histórico que atravessa essa escrita, um momento permeado por uma grave emergência sanitária e marcado pela radicalização da extrema direita, especialmente após a derrota de Donald Trump nos Estados Unidos, em 2020, e de José Antonio Kast, no Chile, em 2021. O Brasil passou, nesse período, de receptor a produtor de premissas desse grupo político direitista no cenário mundial, com a proliferação de discursos anticomunistas, autoritários, nacionalistas, conservadores e negacionistas. Nesse sentido, as manifestações do Presidente da República, em diversos momentos durante a pandemia, em desincentivar a adoção de medidas preventivas à covid-19 e, posteriormente, às imunizações contra a doença, reforçaram, para muitos de seus seguidores, eleitores e apoiadores, as teses que se tratava de uma “gripezinha” e que o Brasil não poderia parar, mesmo apresentando um dos maiores números de mortes ocasionadas pela pandemia no mundo.

Ao pensar nas possibilidades para responder minha questão de pesquisa – como funcionam as técnicas de subjetivação, presentes no *Facebook*, com vistas a obter adeptos para a causa antivacinação? – e meu objetivo – compreender as discursividades produzidas pelo movimento antivacinas –, me deparei com os grupos no *Facebook*, dentre os quais decidi focar minha atenção naquele que concentrava o maior número de membros e que tratava das vacinas no geral. A dinâmica observada, após o ingresso no Grupo escolhido e acima referido, o compartilhamento de experiências e ideias, a maneira como eles se colocavam na rede social, me levaram a eleger esta rede social como um lugar possível para desenvolver a Dissertação. Com o acontecimento da pandemia – e após a sugestão da banca pela delimitação do recorte temporal no ano de 2021, onde as imunizações contra a covid-19 colocaram a temática em foco –, pude reafirmar a relevância da realização desse trabalho no ambiente virtual, que se apresentou como um terreno fértil para a circulação de informações. Com a necessidade de distanciamento social, os indivíduos acessaram ainda mais as redes virtuais em busca de entretenimento e informação, contexto que favoreceu a veiculação de informações. O acesso facilitado a textos e imagens (nem sempre condizentes com a realidade vivida) tende a reduzir a permeabilidade social ao debate, fortalecendo a perspectiva de determinadas narrativas em detrimento de outras.

Após esse percurso investigativo, posso considerar que o espaço digital se apresenta, na contemporaneidade, como um *locus* de reorganização das dinâmicas socioculturais. Este espaço é diferente daqueles conferidos pelos processos formais de ensino-aprendizagem, uma vez que,

nessa materialidade, os sujeitos entram em contato com os discursos produzidos de uma forma menos direcionada, a partir de redes de acesso que lhes possibilitam aprender do seu jeito e no seu tempo. As apropriações desses conhecimentos são afetadas pelo modo como eles são disponibilizados e compartilhados. O *Facebook*, maior rede social *online*, funciona como um dispositivo de produção e circulação de discursos e os grupos internos como um espaço de reunião de indivíduos em torno de interesses comuns. O Grupo *Vacinas: O lado Obscuro das Vacinas* reúne cerca de 15 mil membros, que debatem diariamente a eficácia, a segurança, os efeitos colaterais e levantam dúvidas a respeito da indústria farmacêutica e dos órgãos oficiais de saúde.

No Brasil, a cobertura vacinal vem sofrendo quedas consecutivas desde 2015, quando ficou abaixo do índice ideal de 90%, segundo dados informados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS), e a cobertura para doenças infecciosas em 2022 ficou em 27% nos primeiros meses do ano (DATASUS, 2022). Especialistas apontam que esse desinteresse se deve, em parte, à perda da noção de risco acerca das doenças, devido ao longo período no qual as imunizações impediram a ocorrência de surtos no país. Em outras palavras, pode-se inferir que as vacinas seriam vítimas do próprio sucesso. Esse desinteresse pelo cumprimento do calendário vacinal reforça os discursos antivacinas, ao mesmo tempo que é reforçado por eles, gerando impactos na saúde pública através da hesitação e da discussão da importância de se vacinar. Nesse sentido, reitero a relevância da discussão dessa temática, que se constitui num interessante fenômeno cultural contemporâneo, uma vez que nosso tempo histórico reúne as condições de possibilidade ideais para o fortalecimento de certos tipos de discursos, a favor e contra as vacinas.

Após a aprovação do projeto pela banca de qualificação, reiniciei o trabalho de apropriação do *corpus* de pesquisa, onde realizei uma leitura interessada de todas as publicações do Grupo *Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas* durante o ano de 2021. Para chegar ao material empírico da Dissertação, lancei mão de uma metodologia mista de pesquisa, com busca textual através da ferramenta interna e da rolagem manual da linha do tempo do Grupo. Ao mesmo tempo em que me aprofundei nos conceitos e teorizações foucaultianas, e demais leituras sugeridas pela banca e por meus colegas do Grupo de Pesquisa, que muito me auxiliaram na análise.

A categorização das publicações me permitiu uma visão ampliada das discursividades circulantes, uma vez que pude captar o que era dito e situar cada dito em seu lugar, seguindo a proposta de trabalhar com a análise dos discursos na perspectiva foucaultiana. Com isso, busquei indicar como os antivacinas entram na disputa pelo regime de verdade, quais são as

estratégias discursivas das quais eles lançam mão para assujeitar e conduzir condutas para a recusa de vacinas, educando os indivíduos para adotarem e, sobretudo, seguirem divulgando e fortalecendo os valores e verdades dos participantes.

A ênfase nos apelos por liberdades individuais demonstra a presença do pensamento neoliberal nos ditos do movimento, pois, do ponto de vista dos antivacinas, a negação da obrigatoriedade de se vacinar e apresentar o passaporte vacinal está diretamente associada à ideia de liberdade e sucesso. O sujeito “empresário de si” é aquele capaz de se autogerir, inclusive na tomada de decisão sobre a própria saúde e de seus dependentes. Nesses ditos, delineiam-se as relações entre Estado e família, pois, de um lado, se encontram os direitos parentais, de acordo com os quais os pais são livres para realizarem a criação dos filhos conforme suas escolhas e orientações ideológicas e religiosas, não deixando de levar em conta os direitos da criança, dentre os quais estão a garantia de seu bem-estar e saúde. Ao lado disso, encontra-se o dever do Estado de proteção não apenas das crianças, mas de toda a coletividade e, do ponto de vista sanitário, o ato de não se vacinar implica em prejuízo à segurança da população como um todo, uma vez que as ações de imunização só se tornam efetivas se aplicadas a todo um conjunto de indivíduos.

As dúvidas levantadas sobre a eficácia das vacinas, especialmente acerca dos imunizantes contra a covid-19, também figuraram como importantes investidas no sentido de naturalizar o ato de não se vacinar. O acontecimento da pandemia reuniu as condições de possibilidade para o fortalecimento das discursividades que apontam para novas significações acerca das vacinas. Percebe-se que, inicialmente, há o apontamento para a ausência de necessidade de se vacinar contra a covid e, após, o movimento argumenta sobre as inúmeras contaminações pós vacinação, para indicar a ineficácia dos imunizantes contra a doença.

Cada um dos pontos elencados nas categorias de análise merecem atenção, uma vez que os argumentos presentes no Grupo *Vacinas: o Lado Obscuro das Vacinas* estão implicados na produção de verdades, pois embora se saiba que nenhum imunizante promete impedir a entrada de doenças no organismo, as técnicas empregadas pelo Grupo, baseadas no apelo à emoção, conotação religiosa e afirmações catastróficas, se destinam a dirigir as formas como os participantes irão se apropriar desses ditos e, a partir de suas experiências, constituir seu modo de agir. Essas verdades produzidas pelo movimento antivacinas dizem respeito à volatilidade das formas de pensar na contemporaneidade, catalisadas pelas redes sociais como o *Facebook*. Os jogos de poder que são operados, através das discursividades reproduzidas nesta rede social digital, dizem respeito a um intrincado emaranhado que envolve comunicação, informação, educação e condução de condutas.

Através de desconfianças, culpabilização do Estado, acusação de manipulação de dados e negação de informações acerca dos imunizantes, o Grupo antivacinas busca fazer crer na existência de uma organização interessada nos lucros advindos da produção de vacinas, que seriam aplicadas mesmo sem necessidade e apesar dos efeitos colaterais severos causados nos vacinados, sem que a população seja devidamente informada sobre seus possíveis malefícios. Nesse sentido, o lema do Grupo investigado – “Pelo direito de escolha, pelo consentimento informado” – busca conferir ao Grupo um caráter de resistência, pois reivindica liberdade para que o indivíduo possa escolher se vacinar ou não, a partir de maiores informações sobre os imunizantes, tais como que componentes integram essas vacinas, suas formas e custos de produção, distribuição dos lucros, dados sobre reações adversas, dentre outras. Os membros do Grupo antivacinas se autointitulam defensores da transparência e da escolha individual, focando sua retórica em temas polêmicos como a afirmação de que as vacinas se constituem em mecanismos de controle populacional e a de que a mídia comercial encobriria os efeitos adversos das vacinas, a mando dos governos.

Buscando responder às indagações feitas por Foucault no trecho transcrito no início destas considerações finais, sinalizo para o atual contexto pandêmico e pós pandêmico, no qual vivenciamos intensas disputas pelo modelo de sociedade que queremos, disputas essas permeadas por incertezas e tensões em todos os campos sociais. As inquietações do filósofo dizem respeito a como as discursividades podem tomar proporções em um determinado cenário, contribuindo para o controle, a limitação e a criação de regras, através de inúmeros jogos de poder-saber. O complexo conjunto de ditos (re) produzidos no *Facebook*, pelos participantes desse Grupo em particular, produz efeitos, constitui sujeitos e indica quais verdades poderão circular nesse espaço virtual. Compreende-se que o discurso antivacinas, assim como tantos outros, não se constitui simplesmente como uma justaposição de palavras que pretende produzir um significado próprio ou único, mas se apresenta como uma estratégia de proliferação com vistas à condução de condutas, a prescrição de comportamentos e a estruturação de um imaginário social.

Ao mesmo tempo em que essas discursividades ganham força dentro do contexto social, a reformulação do fluxo comunicativo, promovida pelo surgimento e fortalecimento das redes sociais virtuais, permite o rápido compartilhamento de opiniões e informações, sem a exigência de comprovação (científica cultural, econômica, política, religiosa, etc), e a organização de grupos formados por indivíduos que nunca se conheceram fisicamente, mas compartilham das mesmas afinidades e interesses, o que pressupõem um certo entrelaçamento (ainda que os laços sejam extremamente frágeis) e que reforça práticas de um ativismo político, religioso e cultural.

Ao longo do tempo, as sociedades passaram a tolerar as vacinas, por acreditar que estas trazem benefícios para a coletividade. No entanto, quando um conjunto de discursos contrários às imunizações se fortalece e produz sentidos a diferentes indivíduos, é preciso ampliar as lentes, aguçar os sentidos e aprofundar questões possíveis para que seja possível compreender o que se passa ou o que nos passa. Seguindo o pensamento de Foucault, autor que, em grande parte, embasa essa Dissertação, poderia dizer que a reverberação dos discursos antivacinas na sociedade contemporânea segue um jogo binário de poder entre fala e silenciamento, onde esses discursos inconvenientes, do ponto de vista institucional, encontram ressonância através dos dispositivos das redes sociais. Nesse contexto, os ditos do Grupo *Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas*, no ano de 2021, entraram na disputa pelo regime de verdades acerca das vacinas, na tentativa de conduzir as condutas dos indivíduos, pressionados pela emergência sanitária, decorrente da pandemia.

Pesquisas futuras que olhem para o movimento antivacinas no Brasil devem levar em consideração as recentes mudanças no *Facebook*, que prometem restringir conteúdos que possam ser classificados como *fake news* em saúde, principalmente as relacionadas às vacinas, algo que pode ter sido decisivo para a exclusão do Grupo *Vacinas: O lado Obscuro das vacinas* da plataforma. Contudo, há a possibilidade desses militantes migrarem para outras plataformas de discussão, como o *WhatsApp* ou o *Telegram*⁶⁸, ou mesmo optando pelo “fechamento” dos grupos, o que pode dificultar a inserção futuras de pesquisadores que desejem pesquisar sobre o tema.

Considerando a análise construída ao longo dessa pesquisa, portanto, ver-se-á que não procurei produzir uma ideia de divisão entre o bem e o mal, entre o certo e o errado, mas suscitar o debate acerca das condições que se apresentam para a formação de determinadas construções discursivas que, nesse trabalho, em específico, tratam da constante disputa pela instituição do discurso válido acerca da temática das vacinas. Não pretendo, ainda, inibir as críticas ao movimento antivacinas, que muitas vezes veicula seus ditos de forma irresponsável, a despeito das evidências científicas, mas apenas como forma de discutir essas práticas discursivas que se fazem presentes em nosso tempo, reconhecendo as formas como ele opera na construção das subjetividades. O discurso como prática social se avizinha do perigo enunciado por Foucault,

⁶⁸ *Telegram Messenger* é um aplicativo gratuito utilizado para o envio de mensagens instantâneas, disponível para download em celular e *Web* (TELEGRAM,2022).

uma vez que participa da forma como os indivíduos definem sua maneira de agir e de fazer leituras de mundo.

REFERÊNCIAS

ACESSO à saúde: 150 milhões de brasileiros dependem do SUS. Disponível em: <https://summitsaude.estadao.com.br/desafios-no-brasil/acesso-a-saude-150-milhoes-de-brasileiros-dependem-do-sus/>. Acesso em: 07 dez. 2022.

ALMEIDA, Amanda Milléo. **Movimento antivacinas na internet:** da apropriação e recirculação do jornalismo de saúde ao empoderamento em grupos no Facebook. UFPR, 2019. 120f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Setor de Artes, Comunicação e Design, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

ALMEIDA, Ronaldo de. A onda quebrada-evangélicos e conservadorismo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 50, p.e17500, 2017. DOI: 10.1590/18094449201700500001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/Cr9ShrVJbCWsDHMrxTDm3wb/?lang=pt>. Acesso em: 07 set. 2021.

ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. **Novos estudos CEBRAP**, v. 38, p.185-213, 2019. DOI: 10.25091/S01013300201900010010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/rTCrZ3gHfM5FjHmzd48MLYN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 mai. 2022.

ANDRADE, Gisele Nepomuceno de *et al.* Eventos adversos pós-vacinação contra influenza pandêmica A (H1N1) 2009 em crianças. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 28, p.1713-1724, set.2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2012000900010>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/gR76L9ZYL9GKjNXPyXNcDPC/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 05 set. 2021.

ANTUNES, Marco António. Comunicação, público e multidão em Gabriel Tarde. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, Covilhã - Portugal, 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/~boccmirror/pag/antunes-marco-antonio-comunicacao-publico-multidao.pdf>. Acesso 05 set. 2021.

ARAÚJO, Felipe. **Terraplanismo**. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociedade/terraplanismo/>. Acesso em: 18 ago. 2022.

ARIÈS, Phillip. **Sobre a história da morte no Ocidente desde a Idade Média**. Lisboa: Teorema, 1989.

ASSUNÇÃO, Alysso Bruno; JORGE, Thais Mendonça. As mídias sociais como tecnologias de si. **Revista Esferas**, Brasília, v. 3, n. 5, p.151-160, jul. /dez. 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.19174/esf.v0i5.5331>. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/5331>. Acesso 04 ago. 2021.

AUBREY, Bob. **L'entreprise de soi**. Flammarion, 2000.

AUPERS, Stef. 'Trust no one': Modernization, paranoia and conspiracy culture. **European Journal of Communication**, v. 27, n.1, p.22-34, 2012. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0267323111433566>. Acesso em: 14 abr. 2020

AYMANN, Christoph; FOERSTER, Jakob; GEORG, Co-Pierre. Fake News in social networks. **Computer Science and Artificial Intelligence**. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2AyDplz>. Acesso em: 14 abr. 2021.

BAUMAN, Zygmunt. **Legisladores e intérpretes**: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2001.

BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. Movimentos sociais regressivos e potencialidades fascizantes no Brasil contemporâneo. In: MARTINS, Marcos Francisco. **Lutas sociais em Sorocaba/SP ontem e hoje**: Greve Geral de 1917, embate antifascista de 1937 e mobilizações atuais. São Paulo: Edições Hipótese, 2018.

BARKER, Martin; BEEZER, Anne. **Introducción a los estudios culturales**. Trad. de Héctor Borrat, Barcelona: Bosch Casa Editorial, 1994.

BASSETT, Mary Travis. Tired of science being ignored? Get political. **Nature**, v. 586, n. 7829, p.337-338, 2020.

BATISTA, Rafael. **Fake News**. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/curiosidades/fake-news.htm>. Acesso em: 12 nov. 2021.

BENCHIMOL, Jaime. Reforma urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). **O Brasil republicano**: o tempo do liberalismo excludente - da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003. p.231-286.

BIBLIOTECA Virtual Fiocruz. **Pesquisa biomédica**. Disponível em: <http://oswaldocruz.fiocruz.br/index.php/biografia/trajetoria-cientifica/no-instituto-oswaldocruz/pesquisa-biomedica>. Acesso em 28 jul. 21.

BISETTO, Lúcia Helena Linheira; CUBAS, Marcia Regina; MALUCELLI, Andreia. A Prática da Enfermagem Frente aos Eventos Adversos Pós-Vacinação. **Revista Escola de Enfermagem**, v.45, n.5, p.1128-1134, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342011000500014> . Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v45n5/v45n5a14.pdf>. Acesso em: 02 abr. 2021.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Tradução Luis Guerreiro Pinto. 12. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

BONIN, Iara Tatiana et al. Por Que Estudos Culturais? **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 2, p.e100356, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-6236100356>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/4CVWx8PQzcSbQwN7WNRGhQr/?format=html&stop=next&lang=pt>. Acesso em: 14 abr. 2021.

BORTOLAZZO, Sandro Faccin. Das conexões entre cultura digital e educação: pensando a condição digital na sociedade contemporânea. **ETD-Educação Temática Digital**, v. 22, n. 2, p.369-388, abr./jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.20396/etd.v22i2.8654547>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8654547>. Acesso em: 10 ago. 2021.

BRASIL. Código Penal. Decreto-Lei nº 2.848/1940, de 7 de dezembro de 1940. **Diário Oficial da União**, Seção 1 - 31/12/1940, Página 23911, 07 fev. 1940.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990.

BRASIL. Lei nº 13.834, de 4 de junho de 2019. Altera a Lei nº 4.737, de 15 de julho de 1965 – Código Eleitoral, para tipificar o crime de denúncia caluniosa com finalidade eleitoral. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, Edição: 107, Seção: 1, p.2 ,05 jun.2019.

BRASIL. Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, Edição: 27, Seção: 1, p.1, 07 fev. 2020.

BRASIL. Lei nº 6.259 de 30 de outubro de 1975. Dispõe sobre a organização das ações de vigilância epidemiológica, sobre o programa nacional de imunizações, estabelece normas relativas a notificação compulsória de doenças, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 out. 1975.

BREXIT. **4 meses após plebiscito, britânicos ainda não sabem como será a vida fora da União Europeia**. BBC. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37702329>. Acesso em 20 ago. 21.

BRÍGIDO, Edimar. Michel Foucault: uma análise do poder. **Revista de Direito Econômico e Socioambiental**. Curitiba, v. 4, n. 1, p.56-75, jan./jun. 2013. DOI: 10.7213/rev.dir.econ.socioambiental.04.001.AO03. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6172849>. Acesso em 22 jul. 21.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. Trad. Mario A. Marino, Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Filosófica Politeia, 2019.

CALIL, Gilberto Grassi. A negação da pandemia: reflexões sobre a estratégia bolsonarista. **Serviço Social & Sociedade**, n. 140, p.30-47, jan./abr. 2021.

CASTELLS. Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**: movimentos sociais na era da internet. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CORONAVAC, é usada em 45 países: entenda a distribuição da vacina que representa 25% de todos os imunizantes contra covid-19. **Instituto Butantan**. Disponível em: <https://butantan.gov.br/noticias/coronavac-e-usada-em-45-paises-entenda-a-distribuicao-da-vacina-que-representa-25-de-todos-os-imunizantes-contra-covid-19#:~:text=CoronaVac%20%C3%A9%20usada%20em%2045,contra%20Covid%2D19%20%2D%20Instituto%20Butantan>. Acesso em: 22 ago. 2022.

CORRÊA, Alessandra. Movimento antivacina gera surto de doenças nos EUA. **BBC Brasil**. 21 fev. 2014. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/02/140221_vacinas_doencas_dg >. Acesso em 23 jul.21.

CORREIA, João Diogo. Covid-19. Bolsonaro recusa vacina da Pfizer: “Se você virar um jacaré, é problema seu”. **Jornal Expresso**. 18 dez. 20. Disponível em: <https://expresso.pt/coronavirus/2020-12-18-covid-19.-Bolsonaro-recusa-vacina-da-Pfizer-Se-voce- virar-um-jacare-e-problema-seu>. Acesso em 28 mai. 21.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista brasileira de educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p.36-61, mai./jun./jul./ago.2003.DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782003000200004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/FPTpjZfwdKbY7qWXgBpLNCN/abstract/?lang=pt&format=html>. Acesso em 22 mai. 20.

COSTA, Marisa Vorraber. Mídia, magistério e política cultural. *In*: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p.73-91.

CUNHA, Magali Nascimento. “Pelo governo de Deus”: a inserção de novos movimentos fundamentalistas estadunidenses na arena política do Brasil durante o governo Trump. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, v. 23, p.e021022-e021022, 2021.

DARDOT, Pierre.; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. Trad. Mariana Echalar, São Paulo: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Empirismo e Subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume** (L. B. L. Orlandi, trad.). São Paulo: Editora 34, 2001.

DIETHELM, P., & MCKEE, M. (2009). Denialism: what is it and how should scientists respond? **European Journal of Public Health**, 19(1), 2–4., 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/eurpub/ckn139>. Acesso em: 9 fev. 2022.

DOURADO, Daniel. **Vacinação obrigatória e ‘passaporte sanitário’ não ferem a liberdade individual**. Carta Capital. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/vacinacao-obrigatoria-e-passaporte-sanitario-nao-ferem-a-liberdade-individual/>. Acesso em: 02 set. 21.

DRESCH, Liciane da Silva Costa *et al*. Fake News e Vacinas na Era “Pós-Verdade”. **Tempus Actas de Saúde Coletiva**. Brasília, v. 14, n. 2, p.9-24, jun. 2020. DOI:

<https://doi.org/10.18569/tempus.v14i2.2610>. Disponível em:
<https://www.tempus.unb.br/index.php/tempus/article/view/2610>. Acesso em: 02 mar. 21.

DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

ELIZANGELA é cortada de novela da Globo devido a falta de vacina. Disponível em:
<https://catracalivre.com.br/entretenimento/elizangela-cortada-novela-globo-falta-vacina/>.
 Acesso em: 02 jun. 22.

EWALD, François. **Foucault, a Norma e o Direito**. Lisboa: Vega, 1993.

FACEBOOK. **Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas**. Disponível em:
<https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/>. Acesso em: 21 ago. 21.

FERNANDES, Rubem César *et al.* **Novo Nascimento: os evangélicos em casa, na política e na igreja**. Rio de Janeiro, Mauad, 1998.

FERREIRA, Mauricio dos Santos; TRAVERSINI, Clarice Salete. A análise Foucaultiana do discurso como ferramenta metodológica de pesquisa. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, p.207-226, jan./mar. 2013. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/edreal/a/DwpK4HtPqRSk3Rg3pDQCdwH/?lang=pt&format=pdf>.
 Acesso em: 02 fev. 2020.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. A análise do discurso: para além de palavras e coisas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995. Disponível em:
<https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71741>. Acesso em: 30 abr. 2020.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de pesquisa**. São Paulo, n. 114, p.197-223, nov. 2001. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/cp/a/SjLt63Wc6DKkZtYvZtzgg9t/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em:
 08 jul. 2021.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e pesquisa**, v. 28, p.151-162, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: 24 ed. Edições Loyola, 2014a.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. 8 ed. Tradução Salma T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Curso dado no Collège de France (1978-1979), Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da clínica**. Trad. Roberto Machado, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1977.

FOUCAULT, Michel. **O sujeito e o poder**. In: Dreyfus, H.; Rabinow, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p.273-295, 1995.

FOUCAULT, Michel. **Sobre a arqueologia das ciências**. In: FOUCAULT, M. Ditos e Escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. MOTTA, M. B (Org.). 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Leya, 2014b.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Método de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

GIDDENS, Antoni. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIROUX, Henry e MCLAREN, Peter. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antonio Flávio (orgs.). **Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**, Petrópolis: Vozes, 1995.

GORDON, Richard. **A Assustadora História da Medicina**. 5ª Ed, Rio de Janeiro: Ed Ediouro SA, 1996.

GOZALO-SALELLAS, Ignasi; BASTIDA, Álvaro G.; MUNIENTE, Héctor. Neoliberalismo. “Estamos diante de um novo capítulo”. Entrevista com Wendy Brown. **Revista IHU on-line**. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/574278-neoliberalismo-estamos-diante-de-um-novo-capitulo-entrevista-com-wendy-brown> [publicada por Ctxt, 30-11-2017, tradução do Cepat.], 2017.

GRECH, Victor. Fake news and post-truth pronouncements in general and in early human development. **Early Human Development**, Holanda, v. 115, p.118-120, 2017. ‘GRIPEZINHA’: leia a íntegra do pronunciamento de Bolsonaro sobre covid-19. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm>. Acesso em: 11 abr. 2022.

GUATTARI, Felix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica – Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.

HALLAL, Pedro Curi. SOS Brazil: science under attack. **The Lancet**, v. 397, n. 10272, p.373-374, 2021.

HALL, Stuart. Race, culture and communications: looking backward and forward cultural studies. In: STOREY, John, (ed.). What is cultural studies? **A reader**. 2ª ed. London: Arnold. 1997a.

HALL, Stuart. *In: HALL, Stuart. (Org.) Representation. Cultural Representations and Signifying Practices.* Sage/Open University: london/Thousand Oaks/New Delhi, 1997b.

HAN, Byung-Chul. O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã, segundo o filósofo Byung-Chul Han. **El País**. 20 mar. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>. Acesso em: 02 set. 2022.

HAUPT, Heinz-Gerhard. Religião e nação na Europa no século XIX: algumas notas comparativas. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 22, n. 62, p.77-94, 2008.

HORNSEY, Matthew J.; HARRIS, Emily A.; FIELDING, Kelly S. The psychological roots of anti-vaccination attitudes: A 24-nation investigation. **Health psychn ology**, v. 37, n. 4, p.307, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2SamdyA>. Acesso em: 14 abr. 2021.

HOTEZ, Peter Jay. Combating antiscience: Are we preparing for the 2020s? PLoS P á g i n a | 582 Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli | V.9., N.1., OUT-DEZ. 2020, p.562-584. **Biology**, v. 18, n. 3, p.1-6, mar. 2020. Disponível em: <https://journals.plos.org/plosbiology/article?id=10.1371/journal.pbio.3000683>. Acesso em: 20 maio 2020.

IMUNIZAÇÕES cobertura vacinal- Brasil. DATASUS Tecnologia da Informação a Serviço do SUS. Disponível em: http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/dhdat.exe?bd_pni/cpnibr.def. Acesso em 18 jul.2022.

INTERNET: Sob o domínio da pós-verdade. Abril. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/atualidades/internet-sob-o-dominio-da-pos-verdade/>. Acesso em 12 set.2021.

JENKINS, Henry; KALINKE, Priscila; ROCHA, Anderson. 'Convergência e conexão são o que impulsiona a mídia agora'. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v.39, n.1, p.213-219, jan./abr. 2016. DOI: 10.1590/1809-58442016112. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/intercom/a/9z4FWtpP5D4zC3FHNWqxh7B/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 jul. 2021.

JOHNSON, Neil F. *et al.* The online competition between pro-and anti-vaccination views. **Nature**, England, v. 582, n. 7811, p.230-233, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41586-020-2281-1>. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41586-020-2281-1.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2021.

KATA, Ana. Anti-vaccine activists, Web 2.0, and the postmodern paradigm: An overview of tactics and tropes used online by the anti-vaccination movement. **Vaccine**. Kidlington, n. 30. p.3778-3789. May 2012. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.vaccine.2011.11.112> . Disponível em: <http://bit.ly/2EQmtfg>. Acesso em: 17 fev. 2021.

KATA, Ana. A postmodern Pandora's box: Anti-vaccination misinformation on the Internet. **Vaccine**. Kidlington, n. 28. p.1709-1716. 2010. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.vaccine.2009.12.022>. Disponível em: <http://bit.ly/2sAZ0tR>. Acesso em: 17 fev. 2021.

KATZ, Elvis Patrik. **Escola Sem Partido**: Uma análise das investidas de poder sobre as identidades docentes. 2017. 142f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2017. Disponível em: <<https://argo.furg.br/?BDTD11673>>. Acesso em: 03 ago. 2020.

LACLAU, E. A Política e os limites da modernidade. *In*: HOLLANDA, H. B. (org.). **Pós-Modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p.127-50.

LARSSON, Paula. Movimento antivacina usa os mesmos argumentos há 135 anos, aponta cientista. **Revista Galileu**. 25 out. 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2020/10/movimento-antivacina-usa-os-mesmos-argumentos-ha-135-anos-aponta-cientista.html>. Acesso em 01 jun. 2021.

LENHARO, Mariana Pereira. Saúde pública e saúde coletiva: diferenças e semelhanças. **AUN**, 14/10/2005 - Ano: 38 - Edição Nº: 17 - Saúde - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP. Disponível em: <http://www.usp.br/aun/antigo/exibir?id=1356&ed=115&f=54#>. Acesso em: 14 ago.2022.

LEVI, Guido Carlos. **Recusa de vacinas**: causas e consequências. São Paulo: Segmento Farma, 2013.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **Como as democracias morrem**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2018.

LOPES, Carlos Renato. A biopolítica do risco e o discurso negacionista sobre vacinação contra covid-19. **Porto Das Letras**, Palmas, v. 7, n. 2, p.103-117, 2021. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/11556>. Acesso em: 30 nov.2020.

LORIG, Kate. Partnership between expert patient and physicians. **The Lancet**. London, v. 359, n. 9309, p.814-815. Mar. 2002. Disponível em: <https://bit.ly/2XizuEj>. Acesso em: 14 abr. 2019.

MAFRA, Clara. **Os Evangélicos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.

MANDETTA, Teich, Pazuello e Queiroga: os 4 ministros da Saúde da pandemia. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2021/03/15/mandetta-teich-pazuello-e-queiroga-os-4-ministros-da-saude-da-pandemia.htm>. Acesso em: 14 dez. 2022.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 8, n. 2, 2009.

MANTOVANI, Rafael. **Notas sociológicas sobre o fim do mundo**. Disponível em: https://aterraeredonda.com.br/notas-sociologicas-sobre-o-fim-do-mundo/?doing_wp_cron=1642440912.1044759750366210937500. Acesso em: 18 jan.2022.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Mediação e midiatização da religião em suas articulações teóricas e práticas: um levantamento de hipóteses e problemáticas. *In*: MATTOS, M;

JANOTTI, J; JACKS, N. (Orgs.). **Mediação e Mdiatização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012, Parte I, p.219-244.

MARTINS, Daniella. **O fundamentalismo religioso no Brasil contemporâneo a partir da perspectiva de psicólogos/as**. Brasília: Centro Universitário de Brasília, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. 22 p. Curso de Psicologia. Brasília, 2021.

MARTINS, Thays. Quem era Olavo de Carvalho, guru do governo Bolsonaro, morto aos 74 anos. **Correio Braziliense**. Disponível em: <https://www.correio braziliense.com.br/brasil/2022/01/4980044-quem-era-olavo-de-carvalho-guru-do-governo-bolsonaro-morto-aos-74-anos.html>. Acesso em: 28 ago. 2022.

MELLO, Daniel. Para OEA, difusão de notícias falsas no Brasil não tem precedentes. **Agência Brasil**, São Paulo. 25 de outubro de 2018. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/para-oea-difusao-de-noticias-falsas-no-brasil-nao-tem-precedentes>. Acesso em 23 jul. 2021.

MENDES, Cláudio Lúcio. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Revista de Ciências Humanas**, n. 39, p.167-181, 2006.

MINISTRO do STF veta publicidade do governo que diz que “o Brasil não pode parar”. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2020/04/ministro-do-stf-veta-publicidade-do-governo-que-diz-que-o-brasil-nao-pode-parar-ck8gnrq1400br01obw35we15n.html>. Acesso em: 05 dez. 2022.

MONITOR do debate político no meio digital. Disponível em: <https://www.monitordigital.org/quem-somos/>. Acesso em: 08 ago. 2022.

MUTZ, Andresa Silva da Costa. O discurso do consumo consciente e a produção dos sujeitos contemporâneos do consumo. **Educação em revista**, Belo Horizonte, v. 30, n. 2, p.117-136, abr./jun. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982014005000001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/PGPXJQbP8gHQYbqNZNZ5Cgq/?lang=pt&format=html>. Acesso em 21 mai.2021.

NELKIN, Dorothy, LINDEE, M. Susan. The DNA mystique. **The gene as cultural icon**. New York: W.H. Freeman and Company, 1995b.

OLIVEIRA, Thaianie; QUINAN, Rodrigo; TOTH, Janderson Pereira. Antivacina, fosfoetanolamina e Mineral Miracle Solution (MMS): mapeamento de fake sciences ligadas à saúde no Facebook. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, jan. /mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v14i1.1988>. Disponível em: <https://www.reciiis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1988>. Acesso em: 30 ago.2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Thirteenth General Programme of Work 2019-2023. 2019. Disponível em: <https://www.who.int/about/what-we-do/thirteenth-general-programme-of-work-2019-2023>. Acesso em: 24 jun. 2021.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso em Análise: sujeito, sentido, ideologia**. 3 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Escritos e sussurros: a algazarra que ensurdece sentidos – um estudo das condições de produção**. In: Seminário ministrado no Labeurb ao grupo de pesquisa e urbano. Campinas: Unicamp, 15 jun. 2018.

ORR, Daniela; BARAM-TSABARI, Ayelet; LANDSMAN, Keren. Social media as a platform for health-related public debates and discussions: the Polio vaccine on Facebook. **Israel journal of health policy research**, v. 5, n. 1, p.1-11, 2016. DOI:10.1186/s13584-016-0093-4. Disponível em: <http://bit.ly/2obQ1Kf>. Acesso em: 17 fev. 2020.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2012.

PATSCHIKI, Lucas. **Os Litores da nossa Burguesia: O Mídia Sem Máscara em Atuação Partidária (2002-2011)**. Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 2012, p.123.

PEREIRA NETO, A. *et al.* O paciente informado e os saberes médicos: um estudo de etnografia virtual em comunidades de doentes no Facebook. **História, Ciências, Saúde**. 118 Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 22, supl., p.1653-1671. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702015000500007>. Disponível em: <https://bit.ly/2Ait6V3>. Acesso em: 14 abr. 2021.

PEREIRA NETO, André; FLYNN, Matthew B. (Orgs). **The internet and health in Brazil: Challenges and trends**. Springer, 2018.

PERETTI-WATEL, Patrick *et al.* A future vaccination campaign against COVID-19 at risk of vaccine hesitancy and politicisation. **The Lancet Infectious Diseases**, v. 20, n. 7, p.769-770, 2020.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Com a palavra o senhor presidente José Sarney: o discurso do Plano Cruzado**. Editora Hucitec, São Paulo, 1989.

PINTO JUNIOR, Vitor Laerte. Antivacinação, um movimento com várias faces e consequências. **Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário**, Brasília, v. 8, n. 2, p.116-122, abr./jun. 2019. DOI: <https://doi.org/10.17566/ciads.v8i2.542>. Disponível em: <https://www.cadernos.prodisa.fiocruz.br/index.php/cadernos/article/view/542>. Acesso em: 03 ago. 2020.

PONTE, Gabriela. **Programa Nacional de Imunizações comemora 48 anos**. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/programa-nacional-de-imunizacoes-comemora-48-anos>. Acesso em: 13 nov. 2021.

PORCHEDDU, Alba. Zygmunt Bauman: entrevista sobre a educação. Desafios pedagógicos e modernidade líquida. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 137, p.661-684, maio/ago. 2009. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/36mzFFbtvXDhmsjtqDWcdG/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 22 fev.2020.

PRZEWORSKI, Adam. Authoritarianism, Authority, and Representation. *Asian Survey*, v. 60, n. 2, p. 347-365, 2020.

RAJAN, Amol. Djokovic exclusivo para BBC: 'Não sou antivacina, mas abrirei mão de torneios se for obrigado a me vacinar'. *BBC News Brasil*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60386729>. Acesso em: 04 set.2022.

REIS, Tiago. **Estado mínimo**: o que diz a ideia de reduzir as funções do Estado? Disponível em: <https://www.suno.com.br/artigos/estado-minimo/>. Acesso em: 20 ago. 2022.

RENOVAÇÃO, Carismática Católica Brasil. **A RCC no Brasil**. Disponível em: <https://www.rccbrasil.org.br/institucional/a-rcc-do-brasil.html>. Acesso em: 21 ago. 2022.

RIEDEL, Stefan. Edward Jenner and the history of smallpox and vaccination. *In: Baylor University Medical Center Proceedings*. Taylor & Francis, p.21-25, 2005.

RIPOLL, Daniela. **Não é ficção científica, é ciência**: a genética e a biotecnologia em revista. UFRGS, 2001.125f. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

RIVAS, Katherine. 5G pelo mundo: quais países estão inovando com a tecnologia? *Invest News*. Disponível em: https://investnews.com.br/geral/5g-quais-paises-estao-inovando-com-a-tecnologia/?gclid=CjwKCAjwpKyYBhB7EiwAU2Hn2UkGqDGr89IdLypeKsYOFRWRyvqcNM7j_NnES4uiQeqWcbfhCRRqRhoChNEQAvD_BwE. Acesso em: 28 ago.2022.

ROCHA, Camila. '**Menos Marx, mais Mises**': uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). 2019. 233f. Tese de Doutorado - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

ROCHA, Camilo. A ascensão e influência das igrejas neopentecostais no Brasil. *Nexo Jornal*, São Paulo, 19 abr. 2020, Expresso. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2020/04/19/A-ascens%C3%A3o-e-influ%C3%Aancia-das-igrejas-neopentecostais-no-Brasil#:~:text=O%20neopentecostalismo%20%C3%A9%20consequ%C3%Aancia%20do%20pentecostalismo%2C%20um%20movimento%20que%20come%C3%A7a,de%20partida%20na%20era%20contempor%C3%A2nea>. Acesso em: 20 ago.2022.

ROCHA, Camilo. Os estudos que mostram o impacto positivo do isolamento social. *Nexo Jornal*, São Paulo, 21 abr. 2020, Expresso. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/04/21/Os-estudos-quemostram-o-impacto-positivo-do-isolamento-social>. Acesso em: 20 mai. 2020.

ROSE, Nikolas. **A política da própria vida**: biomedicina, poder e subjetividade no século XXI. São Paulo: Paulus, 2013.

ROSE, Nikolas. **Governando a alma**: a formação do eu privado. *In: SILVA, Tomaz T. (Org.) Liberdades reguladas*. Petrópolis: Vozes, 1998.

ROSO, Camila Castro. **A vida no Facebook**: modos de subjetivação de transplantados renais. UFRGS, 2016. 118f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

SALAS, Javier. Movimento antivacina cresce em meio à pandemia. **El País**. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-06-04/movimento-antivacina-cresce-em-meio-a-pandemia.html>. Acesso em 08 ago.2022.

SARAIVA, Karla. Diário de uma pesquisa off-road: análise de textos como problematização de regimes de verdade. **Escritos metodológicos**: possibilidade na pesquisa contemporânea em educação. Maceió: EDUFAL, p.13-34, 2009.

SARAIVA, Karla; VEIGA-NETO, Alfredo. Modernidade líquida, capitalismo cognitivo e educação contemporânea. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, mai. / ago. 2009.

SASSEN, Saskia. **Expulsões**: brutalidade e complexidade na economia global. São Paulo: Editora Paz e Terra; 2016.

STALDER, Felix. 2018. **The digital condition**. Cambridge: Polity, 2018.

STEINBERG, Shirley R. Kindercultura: a construção da infância pelas grandes corporações. In: SILVA, L. H.; AZEVEDO, J. C.; SANTOS, E. S. (Orgs.). **Identidade Social e a Construção do Conhecimento**. Porto Alegre: SMED, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da Vacina**. São Paulo: Cosac & Naify; 2010.

SIMBERG, Eli. 240 israelenses diagnosticados com COVID após a vacinação. **Judaísmo Bíblico**. 05/01/2021. Disponível em: <https://www.judaismobiblico.com/post/240-israelenses-diagnosticados-com-covid-ap%C3%B3s-a-vacina%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 19 set. 2022.

SILVA, Emília Vitória da; CASTRO, Lia Lusitana Cardozo de. **A internet como forma interativa de busca de informação sobre saúde pelo paciente**. Brasília, 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria Cultural e Educação**: Um vocabulário Crítico. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SUPREMO, Tribunal Federal. **Plenário decide que vacinação compulsória contra covid-19 é constitucional**. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=457462&ori=1>. Acesso em 21 ago.2022.

TARRAGÓ, Nancy Sánchez. **Desinformación en tiempos de COVID-19**: ¿Qué podemos hacer para enfrentarla? Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud, v. 31, n. 2, p.1-5, 2020. Disponível em: <http://www.rcics.sld.cu/index.php/acimed/article/view/1584>. Acesso em: 20 maio 2021.

TEIXEIRA, Adriana. **Fake news contra a vida**: desinformação ameaça vacinação de combate à febre amarela. PUCSP, 2018.97f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e

Semiótica) – Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

TEITELBAUM, Benjamin Raphael. **Guerra pela Eternidade: O retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista**. Campinas: Editora UNICAMP, 2020.

TELEGRAM: envie mensagens grátis para amigos pelo celular ou web. **Techtudo**. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/telegram/>. Acesso em: 02 set. 2022.

TENISTA Novak Djokovic é barrado na Austrália por não ter se vacinado contra covid. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/01/05/tenista-novak-djokovic-e-barrado-na-australia-por-nao-ter-se-vacinado-contra-covid.ghtml>. Acesso em: 06 dez. 2022.

TODAS as pandemias de influenza, Gripe Espanhola (1918), Asiática (1957), Hong Kong (1968), Russa (1977), a Gripe Suína (2009), terminaram com a imunidade de rebanho sem vacina. Disponível em:

https://twitter.com/OsmarTerra/status/1358411959096459268?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1358411959096459268%7Ctwgr%5E%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fcultura.uol.com.br%2Fnoticias%2F16392_osmar-terra-defende-imunidade-de-rebanho-e-diz-que-vacinas-nao-influenciam-na-reducao-de-casos-e-obitos.html. Acesso em 31 ago. 2021.

TÓTORA, Silvana. Foucault: biopolítica e governamentalidade neoliberal. **Revista de Estudos Universitários-REU**, v. 37, n. 2, 2011.

TRÊS em cada quatro brasileiros já utilizam a Internet, aponta pesquisa TIC Domicílios 2019. Disponível em: <https://cgi.br/noticia/releases/tres-em-cada-quatro-brasileiros-ja-utilizam-a-internet-aponta-pesquisa-tic-domicilios-2019/> Acesso em: 26 jul. 21.

TVBRASILGOV. **Pronunciamento Oficial do Presidente da República, Jair Bolsonaro**. 24/03/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VWsDcYK4STw>. Acesso em: 18 out.2022.

VANDRESEN, Daniel Salésio. **O discurso na arqueologia e genealogia de Michel Foucault**. 121f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade do Oeste do Paraná, Toledo, 2008.

VARGAS, Neide César. **Negacionismo histórico e neoliberalismo à brasileira**. 2021. Disponível em:

https://enep.sep.org.br/uploads/1409_1615763346_texto_SEP_2021_identificado_pdf_ide.pdf Acesso em: 25 set. 2022.

VASCONCELLOS-SILVA, Paulo Roberto; CASTIEL, Luis David; GRIEP, Rosane Härter. A sociedade de risco midiaticizada, o movimento antivacinação e o risco do autismo. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, p.607-616, 2015.DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015202.10172014>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/dsShVKNj7bJkJWjBWmKbXTv/abstract/?lang=pt>. Acesso em 04 jan.2020.

VASCONCELLOS-SILVA, Paulo R.; CASTIEL, Luis David. COVID-19, as *fakes news* e o sono da razão comunicativa gerando monstros: a narrativa dos riscos e os riscos das narrativas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 36, p.e00101920, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00101920>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/d6ZXNpddtmjgNjRtKMDY4bR/?lang=pt>. Acesso em: 22 mar.2021.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os estudos culturais. *In*: COSTA, Marisa V. (org.). **Estudos culturais em educação**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. p.37-72, 2000. VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

VERMELHO, Sônia Cristina et al. Refletindo sobre as redes sociais digitais. **Educação & sociedade**, v. 35, p.179-196, 2014.

ZAROCOSTAS, John. How to fight an infodemic. **The lancet**, London, v. 395, n. 10225, p.676, 2020. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(20\)30461-X](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(20)30461-X). Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)30461-X/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)30461-X/fulltext). Acesso em: 10 jul. 2021.

ZDRADEK, Ana Carolina Sampaio. **Olha o meu post!** Juventudes em tempos líquidos: um estudo sobre consumo e artefatos culturais das mídias digitais. FURG,2017.185f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2017.

ZMOGINSKI, Felipe. **A sociedade mais vigiada do mundo:** como a China usa o reconhecimento facial. UOL Notícias, 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/01/19/a-sociedade-mais-vigiada-do-mundo-como-a-china-usa-o-reconhecimento-facial.htm>. Acesso em: 06 jul. 2022.

WIKIPÉDIA. **Código QR**. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%B3digo_QR#:~:text=C%C3%B3digo%20QR%20\(sigla%20do%20ingl%C3%AAs,pela%20companhia%20japonesa%20Denso%20Wave](https://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%B3digo_QR#:~:text=C%C3%B3digo%20QR%20(sigla%20do%20ingl%C3%AAs,pela%20companhia%20japonesa%20Denso%20Wave). Acesso em: 02 set. 2022.

WIKIPÉDIA. **Fátua**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%A1tua>. Acesso em: 20 ago. 21.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Categoria 1: Publicações com Críticas à Obrigatoriedade das Vacinas (COV) em 2021

Código	Data	Link	Resumo
COV01	02/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2791545034421433	Trata as vacinas como uma forma de controle social.
COV02	02/01/21	(link não informado) ⁶⁹	O plano 2020 máscara obrigatória 2021 vacina obrigatória ??? Comprovante de Vacinação
COV03	06/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2794378840804719/	Críticas à vacinação das massas por meio de imposição e chantagem
COV04	14/01/21	(link não informado)	Crítica a postagens nas redes sociais com fotos de bundas de pessoas dispostas a aceitar a vacina.
COV05	16/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2801367513439185/	Ministério da Saúde realiza vacinação de indígenas isolados. covid-19 ameaça povos indígenas isolados
COV06	20/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2803722729870330/	Paes diz que 1ª dose de vacina no Rio será aplicada às 17h no Cristo Redentor.
COV07	28/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2810028969239706/	Um dia ninguém terá direito de dizer não. Vídeo de senhora que protesta contra a aplicação da vacina.

⁶⁹ As publicações que constam com “link não informado” foram organizadas nos quadros após a retirada do Grupo *Vacinas: O Lado Obscuro das Vacinas* do ar, não sendo possível a indicação de seu endereço eletrônico. Os prints das mesmas podem ser conferidos no link: <https://drive.google.com/drive/folders/1TnVZp5fhYvC7-eX-fr7GUqXKDYWy9kcD?usp=sharing> como já indicado anteriormente.

COV08	02/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2813306148911988/	Você acha que será novidade ter cartão de vacinas para viajar? Cartão de Vacinação de 1883. Emitido por White Star Line, que era uma Companhia de Navios da época.
COV09	04/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2815222488720354/	“Os certificados de vacinação com COVID, não têm o objetivo de aliviar, para viver como de costume”, diz Johan Carlson da FHM (Anvisa da Suécia): - Eles existem principalmente para serem usados no cenário internacional, quando chegarmos a acordos internacionalmente vinculativos. Não é o caso de que as pessoas vacinadas possam contornar as regras gerais e restrições que se aplicam. ”
COV10	14/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2821747861401150/	Vacinas obrigatórias: Quem as impõe acaba no Tribunal de Haia.
COV11	21/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2832043650371571/	Notícia de que idosos estavam sofrendo com demora nas filas de vacinação. “Sofrem antes e depois!”
COV12	11/03/21	(link não informado)	O laboratório não se responsabiliza O governo não se responsabiliza Mas... Se não te vacinas És um irresponsável
COV13	15/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2842820402627229/	Israel fez seu primeiro concerto somente para pessoas vacinadas!

COV14	05/04/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2858207814421821/	Mariaaaaa vai com as outras! Não foi falta de aviso! Crítica ao auxílio das forças armadas à vacinação contra a covid.
COV15	06/04/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2858947941014475/	BRASIL: A polícia acredita que a enfermeira de Belo Horizonte teria enganado mais de 2 MIL PESSOAS. Na sua grande maioria empresários ricos. 2 mil pessoas podem ter tomado soro fisiológico achando que estavam sendo imunizados contra a COVID-19.
COV16	10/04/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2861861754056427/	Será que podemos mandar no nosso nariz?
COV17	14/06/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2907991229443479/	Ironia sobre a exigência do passaporte vacinal
COV18	30/08/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2964629457112989/	Audiência pública sobre carteira de vacinação digital e Certificado de imunização.
COV19	05/09/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2969131539996114/	“Olha só! Sejam inteligentes! Pensem bem antes de errar duplo. Link no comentário! ” Justiça torna ré mulher que tomou três doses da vacina.
COV20	13/09/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2975362939372974/	Documentos do plano Nacional de operacionalização da vacinação contra a covid.
COV21	16/09/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2977436829165585/	Modelo de HABEAS CORPUS contra o Passaporte Sanitário, bem como um passo-a-passo de como impetrar o HC, sem custo algum e sem o auxílio de advogado. Qualquer pessoa pode fazer!
COV22	21/09/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2980962255479709/	Bolsonaro é o único líder do G20 que diz ainda não ter sido vacinado contra a covid
COV23	23/09/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2980962255479709/	Quem assinou a Lei mandatória

		s/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2982350935340841/	de vacinas, não se vacinou?
COV24	27/09/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2985651265010808/	Uma pergunta: Cada Estado pode decidir como fazer sobre o passaporte vacinal?
COV25	28/09/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2986282961614305	Crítica à exigência do passaporte vacinal nas igrejas.
COV26	28/09/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2981662518743016	Todos os caminhos levam a Roma, e Roma está a retornar ao seu passado totalitário. A partir de 1 de outubro de 2021, um passaporte covid-19 será necessário para entrar no Vaticano.
COV27	29/09/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2987111678198100	Defende que quem sabe decidir sobre o futuro dos filhos são seus pais inclusive sobre as vacinas.
COV28	30/09/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2987753401467261/	Compartilhamento da suposta fala de um desembargador: Quem é o novo inimigo de hoje em pleno Século XXI? OS NÃO VACINADOS. Querem obrigar as pessoas a se vacinar e em nome dessa bondade cerceiam liberdades públicas, prendem pessoas nas ruas, nas praças, fecham praias, estabelecem lockdown. Nunca imaginei que fosse assistir aos abusos que assisti"
COV29	02/10/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2989360257973242/	Críticas à incoerência das decisões sobre o passaporte vacinal.
COV30	06/10/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2992140977695170	Parem de julgar nosso ceticismo com relação às soluções mundanas como se quiséssemos salvar a nossa pele, não nos julgue pelo que talvez sejam. O que se trata aqui é de coisa muito mais profunda: trata-se de liberdade e dignidade humana. Trata-se de você ter autonomia sobre a própria vida, ou você ser apenas uma ovelha servil. Trata-se de garantir que o livre arbítrio

			dado por Deus se mantenha
COV31	01/12/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3035495093359758/	Requerimento de urgência na votação do PL Bruno Graff que proíbe o passaporte sanitário.
COV32	12/12/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3043342955908305/	Críticas à exigência do passaporte vacinal contra a covid.
COV33	19/12/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3048587718717162/	Só eu que percebi que os filhos foram os primeiros entregues ao sacrifício vacinal?
COV34	20/12/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3049827731926494/	Compartilhando! Compartilhem! O diretor da escola está exigindo passaporte sanitário? Saiba que ele está cometendo crimes.
COV35	23/12/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3051999945042606	Vídeo onde homem afirma estar sendo coagido a tomar vacinas.
COV36	24/12/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3052505678325366/	Saúde libera vacinar crianças com prescrição médica.
COV37	27/12/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3054985824744018	Enxerga a vacinação das crianças como um sacrifício.
COV38	30/12/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3056846681224599/	Proibição a escolas de exigir de crianças comprovante de vacina contra a covid.
COV39	31/12/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3057445484498052/	Não é novidade! O detalhe é que a obrigatoriedade vacinal já existe desde os anos 70. E ninguém reclamou. O erro aconteceu já dessa época. Querem lutar por Livre Arbítrio? Comecem tirando essa Lei da Obrigatoriedade Vacinal!

APÊNDICE B – Categoria 2: Publicações com Dúvidas sobre a Eficácia das Vacinas (DEV) em 2021

Código	Data	Link	Resumo
DEV01	03/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2791950304380906/	Vacinas seguras. Aonde? Ironia sobre o nível de eficácia das vacinas produzidas pela China.
DEV02	03/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2792067824369154	As vacinas podem ter mais de 90% de eficácia, mas Deus está 100% no controle do seu destino.
DEV03	04/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2792220284353908/	Centenas pegam covid-19 após receberem vacina da Pfizer, diz mídia israelense
DEV04	05/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2793344890908114/	240 israelenses diagnosticados com covid após a vacinação.
DEV05	11/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2797907477118522/	E agora? As vacinas não salvaram o Reino Unido? Apesar de liderar a vacinação, o Reino Unido sofre pressão máxima em hospitais.
DEV06	17/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2802125236696746/	Nota: Segundo a Anvisa, não é possível mensurar eficácia da vacina para idosos pelos dados apresentados nos testes... Esse é o principal grupo de risco para a doença/ Ironia.
DEV07	17/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2802137596695510/	A primeira enfermeira a tomar a vacina, tinha passado pelo teste anteriormente?
DEV08	18/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2802354226673847/	Não vacinem primeiro o pessoal da saúde, se não der certo ficaremos sem eles.
DEV09	19/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2803474613228475/	A enfermeira Mônica Calazans pode ter recebido um placebo durante o desenvolvimento da Coronovac.
DEV10	20/01/21	(link não informado)	Paes diz que 1ª dose de vacina no Rio será aplicada às 17h, no Cristo Redentor.

DEV11	24/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2807177029524900/	Vice-diretor médico do governo da Inglaterra pede para quem já tomou vacina obedecer regras de isolamento para conter nova onda de coronavírus.
DEV12	05/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2815891401986796/	Por que as pessoas respondem de maneira diferente à mesma vacina? A questão é: se os hospedeiros têm respostas imunológicas diferentes, como isso afetaria a eficácia da vacina?
DEV13	12/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2820784951497441/	Não se sabe ao certo a eficácia da Coronovac em idosos.
DEV14	04/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2834905793418690/	Será que ficaram mais seguras? Incidente Cutter: A tragédia nos EUA (1950) resultou em vacinas mais seguras. Lotes defeituosos de vacina contra a pólio levam ao maior desastre biológico da história do país.
DEV15	08/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2837937086448894/	Socorrista pega covid após tomar 2ª dose da vacina; Butantan explica.
DEV16	12/03/21	(link não informado)	“Em um dos países aonde existem as crianças mais vacinadas no mundo”. “Casos de crianças com covid aumentam em 115% em apenas um mês” diz infectologista do Sabará em SP.
DEV17	13/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2841487759427160/	Em um dos países aonde existem as crianças mais vacinadas no mundo. Casos de crianças com covid aumentam 115% em um mês.

DEV18	18/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2845172889058647/	Se existisse uma vacina anticoncepcional que depois de tomar você ainda pudesse engravidar e precisasse de preservativo, você tomaria?
DEV19	25/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2849736935268909/	Por que a pandemia covid disparou com a introdução da vacina.
DEV20	12/04/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2863222380587031/	Ué, que tá acontecendo? Primeiro dia de vacinação contra a gripe em BH e Contagem têm postos vazios. Diferentemente dos anos anteriores, os idosos não serão vacinados no início, e o primeiro grupo inclui crianças, puérperas, entre outros
DEV21	13/04/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2863868707189065/	Organização Mundial da Saúde diz que pandemia sofre aumento exponencial e não será freada somente com vacinas.
DEV22	03/05/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2877795675796368	Pessoas dizem: Vacinas salvam vidas! Eu: JESUS nos Salvou!
DEV23	10/05/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2882617731980829/	Igual vacinas! Serve para todo mundo! Viva a Ciência! Ironia
DEV24	10/05/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2882630475312888/	Como a ineficácia das vacinas tem sido notório, agora a narrativa é dizer que aqueles que se internam pelo vírus é porque relaxaram nas medidas e cuidados ou que foram infectadas por algum descuido durante a vacinação.

DEV25	12/05/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2884197601822842/	Imunização em grávidas: “Não há pesquisa que comprove a segurança de qualquer vacina
DEV26	12/05/21	(link não informado)	Ironiza uma foto do cantor Elvis Presley sendo vacinado: “Vendo o Elvis tomando vacina fico mais tranquilo porque o Elvis não morreu”.
DEV27	13/05/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2884762275099708/	MG: Asilo confirma infecção por covid-19 em 33 idosos já vacinados
DEV28	22/06/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2913924582183477/	Expliquem: 11 meses sem vacinas= 189.000 mortes 5 meses com vacinas=311.000 mortes
DEV29	30/06/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2919674661608469/	A OMS agora diz que a variante se espalha entre a população vacinada
DEV30	01/08/21	https://www.facebook.com/photo?fbid=10159239668450673&set=gm.2943226235919978	Ironia a proteção oferecida pelas vacinas.
DEV31	06/08/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2946758185566783/	Ironia sobre a transmissão da covid para os imunizados.
DEV32	11/08/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2950876038488331/	Saiu para se contaminar! Passou a pandemia inteira seguro, e foi arriscar com a vacina! Ironiza o fato de Felipe Neto estar com covid
DEV33	28/08/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2963278280581440/	Ironiza o uso de máscara após 3 doses da vacina
DEV34	02/09/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2966927543549847/	Vendo paraquedas importado, feito com tecido molecular de última geração e com poucos efeitos colaterais adversos. IMPORTANTE: usar apenas em terra, trancado em casa, de máscara e longe de todo mundo.

			<p>Não garanto proteção caso salte de um avião com ele.</p> <p>Qualquer semelhança com a realidade não é mera coincidência</p>
DEV35	08/09/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2970854756490459	<p>E vai ter 3, provável 4 doses, ou até 5, anualmente...!</p> <p>Se você se vacinar:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Estará protegido de adoecer de covid? 2. Poderá parar de usar de máscaras? 3. Poderá ir a shows? 4. Visitar espaços públicos sem seguir restrições? <p>Promessas e promessas, mas as restrições continuam. E ninguém me convence do contrário. Essa questão é espiritual!</p>
DEV36	20/09/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2980167205559214/	<p>Garantir a eficácia das vacinas não é papel dos vacinados</p>
	26/09/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2984358511806750/	<p>Alguém lembra da notícia do Cruzeiro do navio só com vacinados?</p> <p>Mas o jornal fala aí maioria vacinada!Eita surto!</p>
DEV37	26/09/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2984393795136555/	<p>Vacinas do covid funcionam? Em todos? Não.</p>
DEV38	27/09/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2985633968345871/	<p>Ironiza a aplicação de vacinas</p>
DEV39	28/09/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2985930394982895/	<p>Cartaz que duvida da capacidade das vacinas de curar</p>
DEV40	06/10/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2991989211043680/	<p>Charge que ironiza a aplicação de várias doses da vacina contra a covid</p>

DEV41	14/10/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2998276990414902/	Critica a indicação de vacina contra a covid para quem já foi infectado.
DEV42	18/11/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3025614094347858/	Depois de 30 dias de bloqueio em grupos, continuamos falando a verdade. Vacina Dose única, não existe. Vacina que funciona, também não existe.
DEV43	27/11/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3032590363650231/	Ironiza a partir da fala de um médico contrário às vacinas, a diminuição dos casos de covid pelas vacinas.
DEV44	05/12/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3038240059751928/	Ironiza os registros da aplicação das doses da vacina contra a covid
DEV45	21/12/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3050313528544581/	Time da NBA afasta não vacinados, mas volta atrás porque os vacinados estão com covid.
DEV46	26/12/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3054258161483451/	Caetano Veloso e Paula Lavigne estão com covid-19 O artista, que já tomou três doses da vacina, está assintomático. Sua mulher, Paula Lavigne, também contraiu o vírus e passa bem.
DEV47	29/12/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3055959527979981/	Marcelo Serrado testa positivo para covid trancado em casa.

APÊNDICE C – Categoria 3: Publicações com Críticas à Indústria Farmacêutica (CIV) em 2021

Código	Data	Link	Resumo
CIV01	04/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2792998877609382/	Texto que trata sobre supostas mutações do vírus SARS-CoV-2 e que aponta que as vacinas produzidas não seriam eficientes contra ele, mas seria uma forma da indústria farmacêutica ganhar dinheiro.
CIV02	06/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2794107174165219/	Traz o print de uma declaração do presidente Jair Bolsonaro sobre a compra de seringas para iniciar a vacinação contra a covid no Brasil. Logo abaixo ele aponta o percentual de vacinados em outros países.
CIV03	09/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2796611073914829/	Primeira vacina registrada da Rússia, Sputnik V, será testada e distribuída na Índia/ Insinuação de que a indústria estaria realizando testes da vacina na população.
CIV04	09/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2796680347241235/	No mundo perfeito dos produtores de vacinas, quem paga o pato, é você! -Pfizer paga mais de 48 milhões para se livrar do tribunal
CIV05	10/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2797477557161514	As novas vacinas de mRNA injetam (transfectam) moléculas de material genético sintético de fontes não humanas (sequências virais) em nossas células.
CIV06	11/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2797956983780238/	Vídeo com demonstração de seringa falsa que seria utilizada para aplicar falsas vacinas contra a COVID.
CIV07	18/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2802355483340388/	Sinovac subornou autoridades chinesas para aprovar vacinas de 2002 a 2011, diz jornal
CIV08	18/01/22	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2802406046668665	Células renais embrionárias humanas, Adenovírus de Chimp, e muito mais!

			Que milagre de vacina!
CIV09	20/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2804064643169472/	Vídeo onde se vê a aplicação da vacina contra a covid na secretária de saúde de uma cidade onde se insinua que a seringa estava vazia.
CIV10	24/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2807204539522149	Crítica a parceria com a Índia para compra de vacinas: “Adoração à deuses pagãos”
CIV11	24/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2807205512855385	Crítica a parceria com a Índia para compra de vacinas: Analogia ao sacrifício de crianças a deuses na antiguidade.
CIV12	24/01/21	(link não informado)	Aguardo os defensores das vacinas de "tecnologias modernas" mostrarem seus resultados de segurança quanto à imunidade, reprodução e risco de malformações congênicas após pelo menos 2 anos de acompanhamento pós-imunização. Na ausência desses dados, o que estão fazendo não é imunização em massa, mas um experimento científico em massa - e escondendo criminosamente isso dos "voluntários".
CIV13	26/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2808602069382396/	Vídeo de pessoas carregando vacinas que seriam entregues em um município/ ironia e críticas.
CIV14	29/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2796421803933756	Vídeo onde médico critica a indústria farmacêutica.
CIV15	31/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2812168419025761/	IFood doa 5 milhões para fábrica de vacinas do Butantan
CIV16	05/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2815427582033178/	A América do sul está sendo cobaia para a testagem da vacina Astrazeneca.
CIV17	05/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2815646492011287/	Ironiza o aparecimento da aba no Facebook do Ministério da saúde como sendo o lugar onde se encontram informações seguras sobre vacinas.

CIV18	05/02/21	(link não informado)	Publicação fala sobre Luciferen componente da vacina da Moderna.
CIV19	06/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2816597055249564	“Para os interessados em estudar e salvar, a inserção de dados do covid jab da Pfizer. ”
CIV20	06/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2816596255249644/	Gostaria de saber se aqueles que estão tomando esta vacina estão cientes de que estão participando da fase 3 do ensaio Vigilância pós-comercialização!
CIV21	25/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2794857177423552/	Repete a publicação de 06/01/21 com o compartilhamento de um membro do Grupo.
CIV22	28/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2831689790406957/	Crítica à antecipação do calendário vacinal.
CIV23	01/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2832874723621797/	De 1 de janeiro até o dia 21 de fevereiro, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), confirmou o óbito de 34 pessoas em possível decorrência das vacinas contra covid-19, em todo o país.
CIV24	07/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2837162026526400/	Questiona se as variantes do Coronavírus teria surgido antes ou depois da vacina (termo pejorativo).
CIV25	16/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2843700295872573/	Entenda que fase está acontecendo agora com a vacinação conectado ao covid 19.
CIV26	22/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2847974892111780/	O Brasil é um dos maiores "celeiros vacinais" do mundo.
CIV27	22/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2848027108773225	Cartaz pedindo para que as pessoas se informem o que está sendo injetados no seu corpo.
CIV28	08/04/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2860381420871127	Nem precisa pedir pra mudar nada. O povo quer tomar vacina, com riscos mesmo!
CIV29	03/05/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2877696412472961/	Quando vai chegar às doses da AstraZeneca recusadas por países de primeiro mundo? covid-19: fim de semana tem entrega de

			10,9 milhões de doses de vacina.
CIV30	05/05/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2878890992353503	Aponta para a presença de metais pesados nas vacinas a ponto de serem detectados no detector de metais de aeroportos.
CIV31	08/06/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2903864689856133	Vacinar ou não se vacinar? Eis a questão! consentimento tem que ser mediante informação”
CIV32	19/06/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2912025385706730/	Crítica a falta de responsabilização do governo e dos laboratórios pela vacina.
CIV33	30/07/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2784784621764141/	O Vaticano diz que vacinas contra a covid desenvolvidas a partir de células tronco de fetos abortados é ético. Há anos, quando eu disse que o aborto é uma indústria, fui chamado de doido de todas as formas.
CIV34	07/10/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2992627760979825/	Crítica a não recomendação da imunidade natural como forma de atingir a imunidade de rebanho contra a covid.

APÊNDICE D – Categoria 4: Publicações sobre Reações Adversas às Vacinas (RAV) em 2021

Código	Data	Link	Resumo
RAV01	02/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2791587581083845/	Notícia sobre reação alérgica à vacina contra a covid em mulher nos EUA.
RAV02	03/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2792368564339080/	Idoso na Suécia, morre no dia seguinte a vacinação com covid 19.
RAV03	04/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2792786157630654/	Vídeo de live da Jovem Pan com médicos que defendem a não vacinação contra a COVID-19
RAV04	04/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2793067384269198/	Compartilhamento de <i>link</i> de notícia sobre uma trabalhadora de saúde morreu no dia 1º de janeiro deste ano, 48 horas depois de receber a vacina Pfizer contra a covid-19.
RAV05	04/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2792796184296318	Trabalhadores da área de saúde, não gostam de vacinas para eles mesmo.
RAV06	04/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2793026154273321	Vale a pena escutar ou ler! Dr. Wakefield explica que não é uma técnica usada em vacinas, essa f r a u c i n a, ou fakecina do Duvid 19.
RAV07	06/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2794471417462128/	Segundo a esposa, médico morreu devido uma reação forte, após vacina. Se vocês buscarem no registro de reações vacinal, vocês não irão encontrar dados de que morreram após a vacinação.
RAV08	06/01/21	(<i>Link</i> não informado)	Fala sobre a morte de uma senhora por hemorragia cerebral após receber a vacina.
RAV09	07/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2795108290731774/	Publicação traz provocação: Quem nunca viu um relato sobre mortes causadas por vacinas nas redes sociais, levanta aí a mão?
RAV10	08/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2795440097365260/	2 mortes de residentes de asilos na Noruega, após terem recebido a vacina da Pfizer contra Corona.
RAV11	08/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2795440097365260/	Ironiza o fato do perfil de um cemitério estar comemorando a

		795921703983766/	chegada da vacina contra a COVID.
RAV12	09/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2796816243894312/	Traz o relato de uma mulher que sofreu reações à vacina da Moderna contra a COVID e desaconselha a população a fazê-la.
RAV13	10/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2796836497225620/	Traz um questionamento: Vocês sabiam que falar a verdade sobre reações vacinais te faz ser considerado como “Antivacina”?
RAV14	10/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2797172990525304/	<p>Que irão dizer?</p> <p>Quem nunca ficou confuso?</p> <p>Coincidência?</p> <p>Nada a ver?</p> <p>Um voluntário da vacina contra a covid-19 desenvolvida pela AstraZeneca e a Universidade de Oxford em Salvador está há 29 dias internado e apresenta confusão mental.</p>
RAV15	13/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2799092590333344/	Eles chamam a atenção da comunidade médica pra os efeitos colaterais dessa vacina que não estão sendo devidamente explicados para o público.
RAV16	13/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2796943107214959/	Repetição de um depoimento sobre reações adversas a vacina contra o covid (MODERNA). A vítima alega não estar obtendo ajuda ou respostas!
RAV17	15/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2800363866872883/	<p>Povo no Amazonas, morrendo por falta de tratamento!</p> <p>Depois da vacina, vem o que? A tempestade.</p> <p>Quem lembra da prioridade que o governo deu ao Estado do Amazonas, para receber a Vacina H1N1 ano passado?</p>
RAV18	15/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2800690670173536/	Vídeo com vítima de reações adversas à vacina da Moderna contra a COVID.
RAV19	19/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2800690670173536/	Crítica à aplicação da 1ª dose da vacina contra a covid aos pés do

		803465013229435	Cristo Redentor no Rio. Discurso médico/religião
RAV20	21/01/21	(link não informado)	Traz o <i>print</i> de uma publicação de Eduardo Bolsonaro no Twitter onde ele diz que ser filho de autoridade não lhe dá prioridade para se vacinar. Um médico antivacinas responde que cede sua vez para quem quiser.
RAV21	22/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2805393373036599/	Se faltar funcionários da saúde, os políticos vão cuidar do povo? covid-19. Enfermeiros com “efeitos incapacitantes” após segunda dose da vacina.
RAV22	24/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2806528886256381/	Para quem ainda está na dúvida... Pelo menos 181 pessoas morreram depois de tomar a vacina de RNA contra o covid nos EUA.
RAV23	25/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2807626786146591/	Compartilhamento de notícia sobre morte pós vacinação contra a COVID. “Esse experimento vai fazer muitas vítimas entre pessoas saudáveis. Anote aí”
RAV24	26/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2808395959403007	Dra. Emília, alertando! “ONDE HÁ RISCO DEVE HAVER ESCOLHA. A herança genética nos fez DIFERENTES. A epigenética nos fez ÚNICOS.
RAV25	27/01/21	(link não informado)	Traz a reprodução de um vídeo com depoimento de mãe que afirma ter perdido o filho vítima da vacina contra o HPV.
RAV26	28/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2810044099238193	<i>Link</i> falando sobre Vacina, as reacções adversas (até 23 de janeiro de 2021) em Portugal.
RAV27	29/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2810542225855047/	Urgente ...e mais um alerta. Isso está acontecendo na Espanha, país onde vivi a maior parte da minha vida. O senhor falecido é avô de uma amiga minha .

RAV28	31/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2812037435705526/	Prefeitura de Manaus notifica à FVS-AM morte de idoso após receber vacina da AstraZeneca.
RAV29	01/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2813027818939821/	Morre o primeiro indígena a tomar Coronavac no Acre.
RAV30	02/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2813835508859052/	Dezenas de <i>links</i> com depoimentos de reações a vacinas. Divulguem, copiem tudo, façam prints, para termos nomes, datas e provas.
RAV31	04/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2815097838732819/	Homem que morreu na fila da vacina era gastroenterologista e já havia se vacinado contra a covid.
RAV32	06/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2816614358581167/	Aumento de mortes nas casas de idosos na Inglaterra! Coincidência apenas, que ocorreu com o aumento da vacinação?
RAV33	07/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2817463445162925/	Vídeos com acusações de que a Coronavac teria provocado a morte do pai do depoente.
RAV34	08/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2818026555106614/	Da Série: “Coincidência, Tomei Vacina! ” Nossos sentimentos! Médico fundador da Clínica Mãe morre em Salvador
RAV35	08/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2818072478435355/	Da Série: “Coincidência, tomei a vacina! ” Nossos sentimentos! A nova Ciência das vacinas? Não, vacinas sempre causaram reações!
RAV36	08/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2818074465101823/	O Sistema de Notificação de Eventos Adversos de Vacinas (VAERS) do Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC) dos Estados Unidos divulgou no final de janeiro um conjunto de dados alarmantes sobre os efeitos colaterais das vacinas contra o vírus chinês.

RAV37	11/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2819537448288858/	Essa também vai para a série: Coincidências! Meus sentimentos! Ex-jogador de beisebol morreu de causas naturais, não por conta da vacina.
RAV38	13/02/21	(link não informado)	Traz a fala de um radialista americano: “Ao invés de seguirmos a ciência do covid sigamos os cientistas e eles nos levarão a um penhasco. ”
RAV39	14/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2821799101396026/	Quando irão entender que é apenas uma coincidência? Meus sentimentos a família! Morre mãe de ídolo do Atlético pós vacinação
RAV40	15/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2822590751316861/	Mesmo após vacina, diretor de hospital morre vítima da covid.
RAV41	15/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2822987481277188/	“Morre médico que recebeu dose da vacina contra o coronavírus. Ele testou positivo para o coronavírus mesmo após ser vacinado contra o Sars-Cov2.
RAV42	21/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2826672164242053/	Ainda há tempo de aprender sobre os efeitos vacinais! Até hoje não existe na face da terra, uma única vacina que não cause reação colateral!
RAV43	25/02/21	(link não informado)	Traz informações sobre chás que poderiam amenizar possíveis reações adversas das vacinas, como por exemplo o chá verde.
RAV44	25/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2795266367382633/	Notícias sobre Duvid 19 Mundo afora. Você decide pela sua vida. As cobaias já estão sentindo o "tranco" Israel: centenas de pessoas adoecem após vacina

RAV45	26/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2830266267215976	“Vacinas vem do mal e fazem mal”/religião.
RAV46	27/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2831446373764632/	Ironia sobre as mortes por reação à vacina.
RAV47	01/03/21	(link não informado)	A FDA reconheceu que a tecnologia da vacina ultrapassa a capacidade de prever reações adversas. No entanto as vacinas contaminadas foram liberadas para crianças mesmo assim.
RAV48	08/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2837425849833351/	Nada de novo sobre a terra. As bulas das vacinas especificam sobre os riscos de reações. Sempre haverá riscos. Áustria descarta lote de vacina da AstraZeneca após morte de enfermeira Mulher de 49 anos morreu dez dias após ser imunizada; uma segunda pessoa apresentou embolia pulmonar.
RAV49	15/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2842519455990657/	Quem lembra ai da época que comentávamos sobre vacinas causarem trombozes? Vários países suspendem a vacina da AstraZeneca contra covid 19. As trombozes ficaram muito óbvias com essa produção.
RAV50	16/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2843243845918218/	Não existem antivacinas, mas sim pró-ciência! Vacinas causam reações, e ponto!
RAV51	16/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2843672302542039/	Depoimento de mãe associando as vacinas ao autismo e alergia cerebral.
RAV52	17/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2844074485835154/	Quando me contaram que as vacinas recusadas em primeiro mundo, eram usadas em países de terceiro mundo, eu não entendia como era possível! Qual o motivo mesmo de suspenderem em outros países?

RAV53	18/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2845173792391890/	Segredos da vacina: o que os pais devem saber antes de vacinar seus filhos.
RAV54	18/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2845190615723541/	Agnaldo Timóteo é internado na UTI com covid mesmo após ter tomado a segunda dose da vacina.
RAV55	22/03/21	(link não informado)	Com covid, médico Rodrigo Protte é intubado na UTI do Hospital Unimed. Ele já tinha tomado as duas doses da vacina anticovid, que diminui os casos graves, mas há situações raras em que o vacinado tem a forma grave da infecção.
RAV56	26/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2850735218502414/	covid mata secretário de Saúde de Lins O médico Dr. Rocha, como era conhecido, tinha 83 anos e havia tomado as duas doses de uma vacina contra a doença.
RAV57	29/03/21	(link não informado)	Sou grata pela imunização. Mesmo tendo feito uma reação alérgica. Muita dor generalizada, febre, sonolência, Mas vai passar, já tá passando. Só tenho agradecer a UPA pelo atendimento nota 1000.
RAV58	30/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2853992578176678/	160 Estudos, artigos sobre vacinas!
RAV59	05/04/21	(link não informado)	covid no Paraná Foram vacinados Esses agora estão mortos!! Mortes depois das vacinas.
RAV60	07/04/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2859510407624895/	Que triste! Tantas mortes! Quem diria, UOL mostrando a realidade! Mas peraí, esse povo da saúde foram prioridades com vacina do covid né? Moretes de enfermeiros voltam a subir e batem recordes.
RAV61	07/04/21	(link não informado)	Agnaldo Timóteo morre de covid.

RAV62	15/04/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2865316380377631/	Alguém confirma? Aumentam o número de pessoas que tomaram Coronavac que foram para a UTI ou mesmo faleceram.
RAV63	05/05/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2879297998979469/	Notícia sobre a morte de um homem por reação à vacina contra a covid.
RAV64	09/05/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2882142275361708	Pirâmide com opiniões de mães sobre reações às vacinas.
RAV65	12/05/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2883796258529643/	Grávida e tomou vacina da AstraZeneca, que é conhecida por causar trombose. Não que não existam provas que outras não causem.
RAV66	08/06/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2903865503189385-	Vacinas em gestantes e Seus Eventos Adversos!"
RAV67	30/06/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2919969501578985	Vocês sabem sobre todos que sofrem ou morrem após a vacinação? Alguém conta aí que DEUS não apoia tratamentos que maltratam!
RAV68	30/07/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2941872042722064/	Excelente vídeo de 15 minutos para explicar em termos leigos os possíveis problemas das injeções COVID. Todos merecem informações imparciais antes de consentir em experimentos em seus corpos.
RAV69	30/07/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2941878536054748/	Dr Robert Malone, inventor da tecnologia mRNA, publicou em seu Twitter um estudo que fala que quem já foi infectado com covid tem chances maiores de sofrerem efeitos colaterais graves se tomarem a vacina.
RAV70	01/08/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2943179395924662/	Mortes por paradas cardíacas em recentes vacinados com covid! Nossos sentimentos aos familiares! Uma das primeiras crianças vacinadas com covid na Espanha. Diego!

RAV71	04/08/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2945462082363060/	Convite para que as pessoas façam parte da Associação Brasileira de vítimas de vacinas e medicamentos (ABRAVAC).
RAV72	07/08/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2947776848798250/	Propaganda de rifa beneficente da ABRAVAC.
RAV73	10/08/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2950124581896810	Ironiza o fato de que as vacinas só funcionam se outras pessoas estiverem vacinadas.
RAV74	26/09/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2984566545119280	Pede oração por jovens que teriam morrido após se vacinarem.
RAV75	02/12/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3035804779995456	Associa o Alzheimer à supostas neurotoxinas das vacinas.

APÊNDICE E – Categoria 5: Publicações contendo Discursos Anticiência (DAC) em 2021

Código	Data	Link	Resumo
DAC01	02/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2791543651088238	Postagem de crítica ao governo.
DAC02	04/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2792595777649692	Expõem reportagem que questiona os números de mortes por COVID.
DAC03	04/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2792634584312478	Um pouco de "ficção científica". Que tal ler um pouco sobre o cenário que possa ocorrer, numa pandemia entre 2025 até 2028.
DAC04	04/01/21	(link não informado)	
DAC05	10/01/21	https://www.facebook.com/isma.de.sousa/videos/10158746782100673	Publicação que ironiza fala de secretário “não devemos ser tão cientistas”.
DAC06	10/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2797075640535039	Ironiza um vídeo onde são rebatidas fake news veiculadas pelo movimento antivacinas.
DAC07	12/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2798746083701328	Publicação traz foto de Mandetta na praia dizendo que ele está vivendo normalmente durante a pandemia.
DAC08	18/01/21	(link não informado)	Ironia: Alguns de vocês podem morrer Mas é um sacrifício que estou disposto a fazer.
DAC09	19/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2803321289910474	China passa a usar testes retais para detectar covid-19, informa TV estatal
DAC10	19/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2803321289910474	Fala sobre conspiração.
DAC11	27/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2809369775972292	China passa a usar testes retais para detectar covid.
DAC12	28/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2809596915949578	Associa o uso de máscaras à ocorrência de pneumonia bacteriana.
DAC13	29/01/21	https://www.facebook.com/groups/	Traz notícia de 2019 sobre surto

		OLadoObscuroDasVacinas/posts/2796656023910334	de gripe em Portugal.
DAC14	31/01/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2812296329012970	Procura por personal <i>online</i> .
DAC15	07/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2817478765161393	Publicação religiosa.
DAC16	12/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2820778461498090	Crítica ao Facebook por retirar muitas publicações do grupo.
DAC17	13/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2821441194765150	Crítica aos cientistas.
DAC18	19/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2821441194765150	Crítica à propaganda das vacinas.
DAC19	25/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2795930130649590	vídeo com supostas informações sobre vacinas que deveriam ser divulgadas.
DAC20	25/02/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2829526283956641	Exibe reportagem sobre desconfiança gerada pela notificação de zero casos de dengue.
DAC21	25/02/21	(Link não informado)	Notícia sobre o consumo de seringas no Brasil.
DAC22	25/02/21	(Link não informado)	Benefícios do chá verde para a saúde mental.
DAC23	25/02/21	(Link não informado)	Anúncio de zero óbitos por dengue em SP gera desconfiança.
DAC24	16/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2843224892586780	Apresenta o novo ministro da saúde Marcelo Queiroga.
DAC25	18/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2845229739052962	Ironia sobre nomes de inspiração pandêmica.
DAC26	22/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2848034698772466	Homens com metralhadora roubam vacinas contra covid de posto de saúde no RN.
DAC27	29/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2852528548323081	Vídeo onde religiosos desaconselham a vacinação.

DAC28	31/03/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2852528548323081	Fala sobre filme que trata sobre testes em humanos.
DAC29	01/06/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2898991507010118	Fala sobre conspiração.
DAC30	01/06/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2898991933676742	Publicação religiosa.
DAC31	07/06/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2902925966616672	Se você disser que confia em DEUS e nas vacinas, lembre se que não tem como servir a 2 senhores.
DAC32	27/06/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2917796165129652	A conferência da união das igrejas adventistas das Filipinas do sul vota para negar púlpitos a pessoas que falam contra as vacinas covid-19.
DAC33	06/08/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2947027632206505	Vocês já pararam para observar como muitos religiosos dizem compreender a Bíblia, creem em milagres, dizem creem em DEUS, e na hora do vamos ver, eles mostram que na verdade adoram a ciência?
DAC34	08/08/21	https://www.facebook.com/photo/?fbid=10159253707235673&set=gm.2948557355386866	Ilustração ironizando as informações a variante delta da covid
DAC35	11/08/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2950400828535852	Imaginem se ao invés de se vacinar, o povo decidir orar!
DAC36	25/08/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2961018470807421	Crítica ao acesso à informação.
DAC37	28/08/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2963022857273649	Analogia bíblica com a célula humana.
DAC38	30/09/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/2987878364788098	Charge irônica sobre liberdade.
DAC39	11/10/21	(Link não informado)	Desconfiança sobre a mídia.
DAC40	20/11/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3	Fala a favor da suspensão do carnaval.

		027467284162539	
DAC41	21/11/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3027870580788876	Críticas ao “mundanismo” do seres humanos e sua crença nas inoculações.
DAC42	25/11/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3027467284162539	<i>Link</i> para audiência sobre direitos da mulher.
DAC43	28/11/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3033195366923064	Fiquei aqui refletindo, caso ocorram infartos, que vai acontecer com os corpos? Quem vai tirar esse povo do meio da festa?
DAC44	29/11/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3033803406862260	Analogia religiosa a ganância dos governos.
DAC45	04/12/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3037893513119916	Exibe vídeo sobre a covid.
DAC46	05/12/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3038491949726739	Ironia com foto de família composta por QR Codes
DAC47	11/12/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3042974209278513	Informa sobre a presença de uma pesquisadora no grupo que deseja acessar as informações para fins acadêmicos.
DAC48	31/12/21	https://www.facebook.com/groups/OLadoObscuroDasVacinas/posts/3057957624446838	Mensagem de ano novo desejando um 2022 sem vacinas.